

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Sara Regina Moreira da Silva

**PROCESSOS EDUCATIVOS E MEMÓRIAS DE MULHERES EM PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO QUE VIVEM EM UM ABRIGO E PARTICIPAM DE UMA
TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA**

**São Carlos
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Sara Regina Moreira da Silva

**PROCESSOS EDUCATIVOS E MEMÓRIAS DE MULHERES EM PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO QUE VIVEM EM UM ABRIGO E PARTICIPAM DE UMA
TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Zenker Leme Joly

**São Carlos
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S586pe

Silva, Sara Regina Moreira da.

Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica / Sara Regina Moreira da Silva. -- São Carlos : UFSCar, 2008.
100 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Educação musical. 3. Práticas sociais. 4. Envelhecimento humano - aspectos sociais. I. Título.

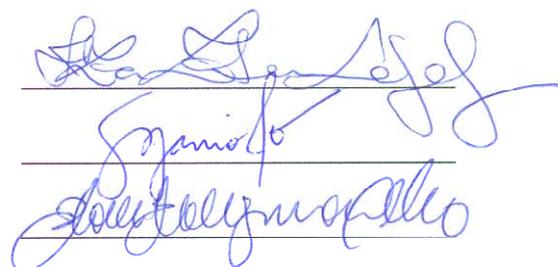
CDD: 374 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

Prof. Dr. Leandro Osni Zaniolo

Profª Drª Roseli Rodrigues de Mello



Three handwritten signatures in blue ink are positioned over three horizontal lines. The top signature is the most legible and appears to be 'Ilza Zenker Leme Joly'. The middle signature is less legible but seems to be 'Leandro Osni Zaniolo'. The bottom signature is also less legible but appears to be 'Roseli Rodrigues de Mello'.

*A João, meu velho pai, por sua força,
fé, perseverança e luta durante a
velhice.*

*À Josefa, minha mãe, por me ensinar
desde a tenra idade o amor pela
música.*

*À Vanessa Giroto, por sua amizade
sempre presente nesses últimos sete
anos.*

*A Renato, meu grande amor, por
compor comigo a música da vida com
seu amor e dedicação.*

*Desejo que você, sendo jovem,
Não amadureça depressa demais,
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e
É preciso deixar que eles escorram por entre nós.*

Victor Hugo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, criador de todas as coisas, que nos ama incondicionalmente e nos sustenta nos momentos mais difíceis nos ajudando a superar as dificuldades.

Ao meu pai e à minha mãe que sempre me apoiaram e se dedicaram com afinco à minha vida e meus estudos. À minha irmã Mila, que nos momentos de dificuldades financeiras não deixou que o sonho da música na minha vida se acabasse. Ao meu irmão Cássio, por toda a força que me deu durante a minha vida.

À Ilza Zenker Leme Joly, pela orientação na busca do melhor caminho e pela paixão que me ensinou a ter pela Educação Musical.

À Roseli Rodrigues de Mello, coordenadora do NIASE, pelo que me ensinou que uma outra educação era possível, na qual os sonhos poderiam ser realidade.

Às amigas e aos amigos por agüentarem minhas piadas e tornarem minha vida mais alegre e especial: Lumena, Luana, Mario, Marcelo, Rafael, Dalciele, Josiane, Cris, Crisinha, Marcos, Iuri, Thais, Renata, Becky...

Às amigas-irmãs: Van Piu, Van Gabassa, Fabiana e Juliana, pela presença e ajuda constante nos momentos alegres e tristes e durante a realização do trabalho, me ajudando a ter idéias e dando guarida em suas casas nas viagens para São Carlos, obrigada pela sua amizade, fidelidade, sinceridade, honestidade e simplicidade que me fizeram enxergar a vida com outros olhos, obrigada pelas caronas, pelas comidas, por compartilhar idéias, sonho e esperanças.

Aos amigos NIASE, pelas aprendizagens compartilhadas no diálogo sobre o mundo visando a transformação e a superação das desigualdades sociais.

Às mulheres moradoras do abrigo que participaram da Tertúlia Musical Dialógica, pelas memórias e vivências compartilhadas e as inúmeras aprendizagens que me proporcionaram.

Ao professor doutor Leandro Osni Zaniolo e à professora doutora Roseli Rodrigues de Mello, pelo cuidado com a leitura desse trabalho, enriquecendo e contribuindo com a elaboração do texto final.

Ao amor da minha vida, professor Renato Mendes dos Santos, pela ajuda com o abstract, com as reflexões sobre educação, nos cuidados com o meu pai, pela compreensão, pela dedicação, pela paciência, pela calma e serenidade e pela paz que me fez sentir nos momentos mais difíceis com seus abraços carinhosos.

RESUMO

A presente investigação tem como objetivos descrever os processos de envelhecimento em sociedade capitalista e a necessidade de humanização das relações nesse processo; analisar os processos educativos e memórias a partir de vivências musicais que possibilitem a audição musical de clássicos e a interação com a música e entre as pessoas; avaliar o impacto, os limites e as possibilidades de uma atividade musical dialógica no contexto de um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento, tentando entender como essa atividade causou impacto na rotina das mulheres participantes, identificando após essas análises as contribuições do trabalho para a sociedade em geral, para a educação e para a educação musical.

Para atingir esses objetivos, realizamos no abrigo a atividade denominada Tertúlia Musical Dialógica, atividade de diálogo a respeito da audição de clássicos musicais. Entendem-se como clássicos, neste trabalho, as obras musicais que atravessaram o tempo, fazendo parte da tradição de uma cultura e respeitando com coerência e rigor a origem do estilo musical. Na atividade, essas mulheres puderam compartilhar e entrelaçar as músicas escutadas e suas experiências de vida, relatando suas memórias. Foram realizadas observações participantes, anotações em diário de campo e entrevistas com as pessoas cuidadoras no abrigo e algumas mulheres participantes da atividade. Os dados coletados foram organizados em quadros considerando aspectos importantes a serem analisados, como a dinâmica da aprendizagem dialógica, os processos de solidariedade entre as mulheres participantes; a criação de sentido em uma atividade na qual se reúnem para compartilhar as memórias e as vivências a partir da música; as mudanças de atitude e transformações ocorridas a partir da interação verbal e não verbal, as condutas musicais expressas pelas participantes demonstrando as relações estabelecidas com a música e os processos educativos gerados a partir dessas condutas, inclusive certas aprendizagens musicais; as relações entre música e memória, memória e sociedade e a importância da memória para as pessoas em processo de envelhecimento e ainda a velhice, a vida no abrigo e os clássicos na tertúlia na visão das mulheres participantes. A pesquisa buscou, também, compreender o quanto a apreciação musical dialógica, considerando os níveis sensível e expressivo, a interação e a tarefa da memória contribuíram com a ampliação das relações educativas na educação musical e entre as mulheres. Todos os aspectos abordados na pesquisa puderam, ainda, colaborar com a melhoria da qualidade de vida na velhice. Finalmente, pudemos observar as contribuições deste trabalho para a área da Educação, da Educação Musical e para a sociedade em geral, tecendo considerações finais que apontaram caminhos na busca pela superação das situações de opressão vividas na velhice, busca maior por trás das ações culturais e educativas realizadas no decorrer da investigação, através da interação com a música e entre as pessoas na atividade de Tertúlia Musical Dialógica.

Palavras chave: Práticas Sociais, Educação Musical, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The present investigation has as objectives describe the processes of aging in capitalist society and the need of humanization of the relations in this process; analyze the educational processes and memories from musical from musical living on which possibility musical hearing of classics and the interaction with the music and among people; evaluate the impact, limits and possibilities of a dialogical musical activity in the retirement home for women context in aging process, trying to understand how this activity caused impact in the participating women's routine, identifying after these analyzes the work contribution to the society in general, to education e to the musical education.

To achieve these objectives, we carried out in the retirement home the activity named Dialogical Musical Tertulia, dialogue activity with regard to the classic music listening. Implying classics as, in this research, the musical works that crossed the time, taking part of a culture's tradition and respecting the coherence and strict the origin of musical style. In the activity, these women could share and connect the songs listened and their life experiences telling their memories. Participating observations were carried out, notes in field diaries and interviews with people who take care in the retirement home and some participating women of the activity. The collected data was organized as dialogical learning dynamic, the processes if solitude among the participating women; the creation of the meaning in an activity which gather to share the memories and the living of music; the attitudes changes and the transformation occurred from the verbal and non-verbal interaction, the musical behavior shown by the participants demonstrating the relations established with the music and educational processes generated from these behaviors, including certain musical learning; the relation between music and memory, memory and society and the importance of the memory to the people in the aging process and even old age, the life in the retirement home and the classics in the tertulia through the participating women's vision. The research also tried to understand how much the dialogical musical appreciation, considering the levels sensitive and expressive, the interaction and the memory task contributed with the enlargement of the educational relations in the musical education and among the women. All the approached aspects in the research still collaborate with the old age life quality improvement. Finally we could observe the contributions of this work to the Education field, the Musical Education and to the society in general, describing final considerations that pointed ways in the search to overcome of the oppressions situations lived at the old age, bigger search after cultural educational actions carried out in the investigation time through the interaction with music and among people in the Dialogical Musical Tertulia activity.

Key words: Social Practice, Musical Education, Youngsters and Adult Education.

Lista de quadros

Quadro 1: Estabelecimento da dinâmica da atividade.....	51
Quadro 2: Velhice e Juventude.....	58
Quadro 3: Solidariedade e Egoísmo	61
Quadro 4: Criação de sentido e Perda de sentido	63
Quadro 5: Mudanças de atitude/transformação.....	65
Quadro 6: Condutas diante da música.....	67
Quadro 7: Memória e música	71
Quadro 8: Memória e sociedade.....	73
Quadro 9: Importância da memória.....	74
Quadro 10: Os clássicos na tertúlia.....	75
Quadro 11: Tertúlia musical dialógica no abrigo – limites e possibilidades	76
Quadro 12: O impacto e a permanência da atividade no abrigo.....	79
Quadro 13: A vida no abrigo na visão das mulheres participantes da pesquisa.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 – CONTEXTO ATUAL DA SOCIEDADE OCIDENTAL: MÚSICA, DIALOGICIDADE, INTERAÇÃO E MEMÓRIA COMO ALTERNATIVAS DE HUMANIZAÇÃO PARA AS PESSOAS ADULTAS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	13
1.1 A conquista e a opressão versus o diálogo e a libertação.....	14
1.2 Idade, aprendizagem e expectativas sociais: algumas barreiras a serem superadas.....	20
1.3 Alternativas de libertação na velhice.....	25
<i>1.3.1 Memória, dialogicidade e expressividade.....</i>	<i>25</i>
<i>1.3.2 Educação musical.....</i>	<i>29</i>
<i>1.3.3 Tertúlia Musical Dialógica.....</i>	<i>33</i>
2 – A CONVIVÊNCIA COM AS MULHERES PARTICIPANTES, A TEORIA E OS PROCEDIMENTOS QUE DERAM BASES METODOLÓGICAS À PESQUISA QUE SE REALIZOU NO ABRIGO.	41
2.1 O ambiente do abrigo na perspectiva da pesquisadora: entre o quarto, o jardim e o refeitório.....	44
2.2 Dançarinas, cantoras e apreciadoras de música: um pouco de cada participante da tertúlia musical dialógica no abrigo.....	45
2.3 A coleta de dados.....	49
<i>2.3.1 Os encontros registrados no diário de campo: ouvindo e dialogando sobre música e vida.....</i>	<i>50</i>
<i>2.3.2 As entrevistas.....</i>	<i>53</i>
2.4 A análise dos resultados.....	55

3 – A VELHICE E A JUVENTUDE, OS PROCESSOS EDUCATIVOS, AS MEMÓRIAS E A TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA.	57
3.1 Velhice e Juventude.....	57
3.2 Processos educativos vivenciados na tertúlia musical dialógica.....	60
3.3 A importância da memória para mulheres do abrigo e suas relações com a música e a sociedade.....	69
3.4 Tertúlia musical dialógica no abrigo: os clássicos na visão das mulheres participantes, os limites, as possibilidades e o impacto da atividade no abrigo.....	75
4. A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO MUSICAL E A SOCIEDADE.....	81
4.1 Educação ao longo da vida: perspectivas.....	81
4.3 Educação musical e apreciação: tertúlia musical dialógica como espaço para compartilhar conhecimentos diversos.....	84
4.4 Processo de envelhecimento: uma reflexão social	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema dessa investigação surgiu de vivências que ao longo de minha existência foram provocando questionamentos e algumas descobertas sobre o processo de envelhecimento, a música, o diálogo, entre outras coisas. Então, é fundamental descrever a trajetória percorrida até chegar ao tema desta pesquisa para que através dessa história que me faz e da qual eu faço parte seja possível entender como o tema investigado foi se delineando para chegarmos à pesquisa que aqui se apresenta.

Descrever o caminho percorrido até o tema desta pesquisa significa *pensar* sobre o que me passou, me aconteceu e me tocou, não apenas no sentido de “*raciocinar*” ou “*calcular*” ou “*argumentar*”, mas, sobretudo dando sentido ao que sou e ao que me acontece (Larosa Bondia, 2002). Esta descrição passa a ser também uma experiência e, por isso, segundo Larosa, requer:

Um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes.(p.19)

Interromper, parar, pensar, voltar os olhos ao passado, recorrer à memória e refletir sobre os processos que me fizeram chegar ao tema proposto: o de investigar processos educativos e a influência da música nas memórias e nas relações entre pessoas em processo de envelhecimento.

Posso dizer que tudo começou quando eu tinha oito anos e resolvi estudar piano, aprofundando, assim, minhas experiências musicais, que passaram a ter um lugar muito especial na minha vida. Houve nesse tempo e nos vindouros a necessidade de uma luta constante para não me afastar da música. Luta que começou com a questão financeira familiar e a necessidade da solidariedade de outras pessoas da própria família para terminar os estudos no conservatório e continuou quando o curso para o qual fui aprovada no vestibular parecia nada ter a ver com música, afinal estudaria pedagogia. O que não pude imaginar foi o fato de que descobriria a educação musical e nela a possibilidade de manter a música na minha vida e nos meus estudos, como sempre havia sonhado.

No início da graduação, em pedagogia, comecei a fazer uma atividade curricular complementar no programa de educação musical da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a descobrir o interesse em trazer este tema para minha vida, em querer ser tocada e passar por esta experiência. Continuei a atividade e deixei que a educação musical me acontecesse, me passasse.

Nesse processo, pude perceber que a educação musical não é apenas a aprendizagem de um instrumento ou a apreciação estética de determinada música, mas tem muito mais a oferecer ao ser humano em suas relações, como afirma Fonterrada (2005):

a educação musical não é apenas uma atividade destinada a divertir e entreter as pessoas, tampouco um conjunto de técnicas, métodos e atividades com o propósito de desenvolver habilidades e criar competências, embora essa seja uma parte importante de sua tarefa. O mais significativo na educação musical é que ela pode ser o espaço de inserção da arte na vida do ser humano, dando-lhe possibilidade de atingir outras dimensões de si mesmo e de ampliar e aprofundar seus modos de relação consigo próprio, com o outro e com o mundo.(p. 106.)

Nos anos finais da graduação, junto às diversas aprendizagens sobre a educação musical, comecei a ter contato com as idéias de Paulo Freire e Habermas, e também conheci a Tertúlia Literária Dialógica¹, desenvolvida pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) da UFSCar. Ao mesmo tempo, comecei um estágio e posteriormente assumi uma sala de Educação de Jovens e Adultos em uma escola municipal de São Carlos. Na Tertúlia Literária dialógica, pude vivenciar os conceitos da aprendizagem dialógica, e desta vivência pude fazer a opção pelo diálogo em minha prática como educadora e posteriormente em minha proposta de investigação.

Com a turma de adultos me tocou especialmente a ocasião na qual vivenciamos uma experiência musical através do diálogo. Naquele momento foi possível também que educandos e educandas evocassem suas memórias, como expressaram nas conversas realizadas depois de escutar algumas melodias. Neste diálogo, as experiências contadas pelas pessoas da sala eram diferentes e, ao mesmo tempo, iguais. Diferentes porque aconteceram de formas diversas e em espaços diversificados; iguais porque eram unidas pelos sentimentos e lembranças que a música despertou. Começava a se delinear

¹ A tertúlia literária dialógica é uma atividade cultural e educativa que a partir da leitura de clássicos da literatura universal propõe como dinâmica a seus participantes o diálogo, baseando-se nos conceitos da aprendizagem dialógica.

com um pouco mais de clareza meu tema de pesquisa e a escolha pela tertúlia musical dialógica²

Conviver com essas pessoas adultas que também já tinham uma idade mais avançada e experiências tão profundas levou-me também ao interesse pelos processos educativos entre pessoas adultas em processo de envelhecimento. Além disso, na infância, eu aprendera a conviver com o processo de envelhecimento, pois eu nascera quando meu pai completava cinquenta e seis anos e enquanto eu crescia, ele envelhecia. E, neste tempo da faculdade, fui presenciando seu processo de “desistência” da vida social que se acentuou com a doença de Alzheimer.

Esses fatos me levam a defender a idéia de que é possível vivenciar processos educativos e sociais nessa fase da vida e a me perguntar quais são os meios que possibilitam que isso aconteça, pois o caso do meu pai não é o único no qual o envelhecimento e o isolamento acontecem simultaneamente, na verdade, essa é uma triste realidade para a qual pretendemos buscar formas de transformar, na qual a pessoa em processo de envelhecimento assume o discurso exclutor e continua sofrendo com o processo de desumanização, como afirma Bosi (1994):

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete: “ É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços...Para que serve um velho, só para dar trabalho”...p.34

Não compartilhamos dessa visão de velhice, entendemos que envelhecer é uma questão inerente ao ser humano, seja homem ou mulher, independente de classe social ou etnia, todas as pessoas, com o passar do tempo, acabam por viver o processo do envelhecimento que envolve não apenas o tempo de vida de uma pessoa, mas também processos de mudanças biológicas e sociais.

No Brasil não existe um termo próprio para designar as pessoas com 60 anos ou mais, utilizando-se velho, idoso ou terceira idade como sinônimo e prevalecendo a idéia que considera a velhice como sinal de fragilidade, decadência e dependência. Por isso, escolho trabalhar com os termos “pessoas adultas em processo de

² A tertúlia musical dialógica surge a partir da literária e faz o diálogo a partir da escuta de clássicos musicais (o conceito de clássicos usado neste trabalho será definido nas páginas subseqüentes).

envelhecimento” e velhice, entendendo esta como uma etapa da vida em processo, na qual a debilidade do corpo fica mais evidente, entretanto essa debilidade, do ponto de vista adotado neste trabalho, não leva à decadência, pois mesmo que a mente seja atingida, a memória fica viva, as lembranças, mesmo que obscuras às vezes, mostram uma experiência de vida ímpar, que, compartilhada, traz consigo processos educativos muito ricos para quem ouve e para quem conta.

Dessa forma, na investigação que aqui será descrita está presente a busca pela construção, *com* as pessoas em processo de envelhecimento, participantes da atividade, de momentos que visem uma sociedade mais justa e igualitária, na qual os clássicos musicais possam ser desfrutados por todas as pessoas e não apenas por uma elite cultural que se julga como única capaz de apreciá-las. É importante considerar que estão sendo consideradas obras clássicas neste trabalho, aquelas que atravessaram o tempo porque fazem parte da tradição de uma cultura, de seu uso, de seu hábito, fazendo parte de sua memória. Portanto, não são apenas as músicas eruditas de um determinado período, mas todas as músicas que seguem um rigor que é demonstrado pela coerência com a origem do estilo. Como exemplo, podemos dizer que o clássico do forró é aquele que respeita as características estruturais de um forró em sua origem, e não aquele que é apenas “fabricado” pela mídia.

Além disso, há também a busca pelo reconhecimento da grande contribuição que as pessoas em processo de envelhecimento têm a dar com sua vasta experiência, para que se olhe e viva esta fase da vida como um processo de aprender e ensinar que não se encerra com o passar do tempo, mas que se modifica como o corpo também se modifica.

Nesta busca pela investigação dos processos educativos dialógicos e pelas memórias das pessoas em processo de envelhecimento, houve a necessidade de encontrar as pessoas com as quais fosse possível compartilhar o tema de pesquisa, as vivências propostas e idealizadas. Assim, a primeira possibilidade surgiu dentro do próprio grupo de pesquisa no qual se desenvolve a tertúlia literária dialógica, o NIASE, no grupo da Universidade Aberta da Terceira Idade na cidade de São Carlos. Entretanto, com algumas modificações que aconteceram na minha vida e o surgimento de uma oportunidade profissional na cidade de Ribeirão Preto, surgiu a alternativa de conviver com as pessoas

que vivem em um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento mantido pela Igreja Presbiteriana (da qual minha família faz parte desde a minha infância) naquela cidade. Assim, a investigação que aqui se descreverá aconteceu nesse abrigo para mulheres em processo de envelhecimento.

Após o relato das vivências, torna-se possível, agora, apresentar e analisar as memórias das mulheres em processo de envelhecimento portadoras de demências senis ou não que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica. Para isso, os capítulos foram traçados com a intenção de melhor orientar as análises e as observações apontadas nesta investigação.

No primeiro capítulo, é feita uma exposição e uma breve análise das teorias que dão suporte a esta pesquisa, colocando a música, a interação verbal, a interação não-verbal e a memória, como alternativas que surgem em resposta ao contexto opressor da sociedade ocidental na atualidade. Esse contexto é analisado e demonstrado pelos autores estudados e as alternativas são apresentadas como forma de humanização para as pessoas em processo de envelhecimento que sofrem com o processo de marginalização social que vão vivendo conforme aumenta a idade. As alternativas da música, da memória e do diálogo vão sendo colocadas como possibilidade de humanização que acontece na relação dialógica entre as pessoas ao compartilhar suas memórias em uma atividade cultural e educativa denominada Tertúlia Musical dialógica.

No segundo capítulo, são apresentadas as teorias que deram bases metodológicas a esta investigação, buscando uma convivência dialógica que consiste em uma inserção da pesquisadora participante na realidade concreta vivida pelas mulheres em processo de envelhecimento no abrigo. Assim, neste capítulo, essas mulheres são apresentadas e também é relatado como foi se estabelecendo a dinâmica de convivência na atividade da tertúlia musical dialógica; a seguir apresentam-se os procedimentos metodológicos que consistiram em diário de campo e entrevista, suas bases teórico-metodológicas e como aconteceram especificamente nesta investigação, este capítulo se encerra com a exposição de como foram tratados dos dados do trabalho.

No terceiro capítulo, organizamos os dados obtidos através dos encontros registrados em diário de campo e das entrevistas realizadas. Esses dados foram separados por categorias de acordo com os processos educativos vividos nas relações de

solidariedade, de criação de sentido, na transformação e nas mudanças de atitudes e nas condutas expressas pela interação verbal e pela interação não verbal com a música e entre as pessoas. Além disso, ainda são relatadas e analisadas as memórias dessas mulheres, a importância destas memórias para elas e as relações com a sociedade e com a música.

No capítulo quatro é feita uma reflexão sobre o direito à educação na velhice e uma reflexão das possibilidades que o trabalho apresentou para que esta etapa da vida seja considerada no sistema educativo vigente. Também fazemos uma reflexão sobre as contribuições do trabalho para a área da Educação Musical, especificamente no que diz respeito à apreciação musical na Tertúlia Musical Dialógica. Além disso, procuramos tecer considerações a respeito da velhice na sociedade ocidental capitalista, com um enfoque na velhice institucionalizada, com alguns apontamentos das possibilidades que poderiam se apresentar para que a velhice nas instituições possa ter um caráter mais ativo, inserindo-se na sociedade como um todo.

Por fim, nas considerações finais fazemos uma breve retomada do trabalho, da questão de pesquisa e de como ela pôde ser respondida durante a realização da pesquisa. E ainda, descrevemos os processos vividos pela autora durante a realização do trabalho, bem como as reflexões sobre as aprendizagens ocorridas neste processo, ciente de que a pessoa é um todo que se construiu histórica e socialmente, por isso não se desintegra nos papéis assumidos (educadora, moderadora, pesquisadora, pessoa integrante da sociedade), mas como unidade, busca a coerência entre as propostas e ideais e as vivências sociais estabelecidas no decorrer do tempo.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO ATUAL DA SOCIEDADE OCIDENTAL: MÚSICA, DIALOGICIDADE, INTERAÇÃO E MEMÓRIA COMO ALTERNATIVAS DE HUMANIZAÇÃO PARA AS PESSOAS ADULTAS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.

Observa-se um crescimento da população de pessoas em processo de envelhecimento, segundo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2000 houve um aumento de 4 milhões em relação ao ano de 1991, isso significa que 8,6% da população em 2000 era formada por pessoas com mais de 60 anos, a maioria mulheres. De acordo com este mesmo censo, 20% dessas pessoas são responsáveis por domicílios no Brasil, dado a partir do qual poderíamos inferir que 80% seriam dependentes de familiares ou moradores de instituições. Assim, teríamos uma parcela grande desta população em uma situação na qual podem perder o total controle que tinham sobre a condução das suas vidas, no contexto de uma sociedade ocidental e capitalista como a deste país.

Assim, neste capítulo, será abordado este contexto social capitalista, que apresenta um processo de desumanização das relações, não só para as pessoas em processo de envelhecimento, mas de uma forma peculiar para essas pessoas, que se tornam marginalizadas, como muitas outras, e precisam lutar pela superação das situações de opressão, que acontecem historicamente, como o movimento dos sem terra, dos sem escola, dos favelados, a luta contra a discriminação racial, de classe e de gênero.

Então, foi preciso buscar compreender melhor a necessidade de superação das relações de desigualdades que estão postas para as pessoas adultas quando atingem a velhice, e se tornam alvo de preconceito, sendo necessário fazer uma descrição das relações de opressão presentes na sociedade ocidental capitalista para se chegar às propostas de superação.

Além disso, a partir do estudo de diversos autores e autoras, será feita uma proposta de reflexão sobre as características da nação latino-americana e porque, muitas

vezes, esses grupos marginalizados são proibidos de ser, o que os torna *inferiores*, na visão de um modelo de sociedade ideal, no caso, a sociedade vigente, opressora. Por fim, será feita a tentativa de reflexão sobre as propostas de superação apresentadas por autores (as) que contribuem no sentido da realização de uma pesquisa baseada no diálogo e na solidariedade, como meio para romper com o modelo de opressão estabelecido.

Além disso, serão apresentadas as barreiras colocadas às pessoas adultas e em processo de envelhecimento e apresentadas propostas de libertação presentes no diálogo realizado a partir das interações verbais, nas interações não verbais, baseadas na linguagem expressiva; na memória, na educação musical e na tertúlia musical dialógica.

1.1 A conquista e a opressão versus o diálogo e a libertação

Enrique Dussel (s/d) em “A pedagógica latino-americana” descreve a conquista do continente latino-americano com a dominação feita pelo colonizador (espanhol ou português) praticando uma idéia de superioridade, na qual quem se julga superior pressupõe que deve desenvolver quem é inferior, que precisa de ajuda para ser “melhor”, o que significa ser como os que se julgam superiores. No caso, os espanhóis e portugueses consideravam-se superiores aos nativos da América Latina.

A dominação feita pelo colonizador na época da conquista, de acordo com este autor, deu-se também através das relações erótica e pedagógica. Na erótica, a relação homem-mulher, a dominação aconteceu pela violação das indígenas que para ele representam a cultura mãe e na pedagógica, relação adulto-criança ou mais experiente-menos experiente, através do filicídio pedagógico, ou seja, da morte simbólica do filho (mestiço ou nativo) para se tornar como o pai (colonizador).

Essa morte simbólica do filho pode significar a ruptura com a própria cultura e a adaptação à cultura imposta, ruptura também dos desejos, das necessidades, dos sonhos pelo que lhe é imposto. Na visão adotada neste trabalho, o autor coloca uma questão importante e pertinente, que também acontece nas relações sociais, poderia até fazer um paralelo entre as figuras usadas pelo autor e a sociedade ocidental capitalista atual. O pai (dominador) seria a sociedade e o filho (dominado) as pessoas em processo de envelhecimento, que muitas vezes precisam matar seus sonhos, seus desejos, suas reais

necessidades para se tornar como o pai (sociedade ocidental capitalista) determinou que elas deveriam ser.

Diante desta realidade opressora, Dussel (s/d) ainda trata da dominação política na América Latina, da morte dos nativos, da dominação ideológica em nome de *projetos sublimes e abençoados pelos reis católicos*, que julgam a cultura popular e mestiça, decidindo o que é melhor para os colonizados e deixando profundas marcas na sociedade latino-americana que perduram até hoje:

Sobre a cultura popular e mestiça, latino-americana, pesa o juízo que o colonizador faz dos colonizados (...)Este juízo da cultura popular penetrará profundamente na nova época da pedagógica latino-americana. (p.163)

A ação da conquista na América Latina se deu de continente para continente, e estende-se também para as relações entre as pessoas, aliás, essa conquista continental só aconteceu por causa das pessoas. O que tem causado preocupações no desenvolvimento desta investigação é que estas relações advindas do processo de conquista do continente, se estabelecem até hoje e são uma forma de manter as estruturas de poder em uma sociedade dividida entre opressores e oprimidos. Os opressores usam o ato da conquista para manter a ordem social que lhes interessa, mitificando o mundo e convencendo os oprimidos da necessidade de ajustamento a ele (FREIRE, 1980):

Daí que os opressores desenvolvam uma série de recursos através dos quais propõem à “ad-miração” das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele. Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar. (p.163)

Implícita à conquista está a ação antidialógica, utilizando também outras estratégias como dividir as massas populares para manter a opressão, sendo que qualquer ação na qual as classes oprimidas se unam é combatida, utilizando inclusive métodos fisicamente violentos. Além disso, a classe opressora utiliza também a manipulação como instrumento da conquista, pois através dela vai *tentando conformar as massas populares a seus objetivos*. (FREIRE, 1980, p.172).

A manipulação acontece através de diversos mitos, entre eles:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto é digna de todo o apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classes, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias... (FREIRE, 1980, p.163/164)

Assim, diante das colocações de Freire, seria possível concordar com o autor quando diz que apresentar o mundo como algo dado é uma maneira de ajustar as pessoas dominadas aos interesses dominantes? Seria isso o que acontece quando se atinge a velhice, porque entendendo as situações opressoras como estáticas, não há como transformá-las? Por exemplo, se existe a vontade de estar perto da família e esta decide que vai abrigar a pessoa em processo de envelhecimento em uma instituição, não há a possibilidade de mudar esta situação, mesmo que haja o desejo de mudança, pois sendo ela dada e não passível de mudanças é melhor se adaptar a ela?

A ação antidualógica ainda utiliza outros mecanismos para manter a ordem opressora, entre eles está a invasão cultural que serve também à conquista. A invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto freiam sua criatividade, ao inibirem sua expansão, pois:

Para eles a incultura do povo é tal que lhes parece um absurdo falar da necessidade de respeitar a visão de mundo, que ele esteja tendo. Visão de mundo tem apenas os profissionais (FREIRE, 1980, p.177).

Desse modo, os oprimidos são convencidos de sua inferioridade, como no caso do continente latino americano, e da superioridade dos opressores, como no caso dos portugueses e espanhóis e, em seguida, passam a querer se parecer cada vez mais com os opressores, como acontece no filicídio pedagógico latino-americano.

Nessas relações de opressão, Dussel (s/d) destaca ainda sua suspeita de que os sistemas exploram a quem dizem servir. Para ele, devem-se desmontar todos os sistemas e as instituições, pois tentam estabelecer monopólio da “cultura ilustrada”, beneficiando

apenas os que já são cultos e precisam dessa cultura para manter-se no poder. Para a medicina, por exemplo, os pacientes são ignorantes totais, os transportes fazem perder mais tempo para se chegar ao lugar ao qual se quer ir, a educação escolar supõe que o aluno ou a aluna sejam “tábula rasa”, o papel em branco onde se deve imprimir os conhecimentos.

Essa visão de educação é o que Freire (1980) denomina Educação bancária, na qual os(as) educandos(as) são os recipientes nos quais os(as) educadores(as) devem depositar seus conhecimentos, negando a educação e o conhecimento como processos de busca e tratando homens e mulheres como seres de adaptação, na tentativa ainda de impedir que a realidade se transforme, satisfazendo, assim, os interesses dos opressores:

Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. (FREIRE, 1980, P.68)

Apresentam-se, a partir desse contexto, duas necessidades, a primeira de uma conscientização dessas relações opressoras de conquista e a segunda de superação dessa opressão. Para Fiori (1986), educar é conscientizar, equivalendo à busca da plenitude da condição humana, à luta pela desalienação e a opção pelo homem (ou mulher) que se faz e se refaz no aprendizado, na cultura. Com suas palavras no texto “Conscientização e Educação”, este autor ressalta a importância das pessoas protagonizarem sua própria história, tomando-as em suas mãos para que possam, através da educação, *re-produzir-se*, produzindo seu mundo na luta pela obtenção de condições de renovação e pela conscientização que é uma *tarefa mundana e compromisso pessoal de amor*, sendo também um processo inacabado assim como o homem ou a mulher, deste modo:

A conscientização não pretende refazer o homem desde seus recônditos mais ocultos, pretende, sim, retomar o movimento da constituição da consciência como existência, isto é, retomar-se naquele instante em que o homem se constitui conscientemente, num sentido histórico que é visão e compromisso. (p.07)

Para este autor, a pessoa consciente não é consciente sozinha, está entre as coisas do mundo, é sujeito, interage com os (as) outros (as); é *subjetividade encarnada numa objetividade*, encarnação que é comunhão, na qual a comunicação das consciências, chamada por ele de intersubjetividade, acontece em um mundo comum que proporciona encontros e desencontros de acordo com as intencionalidades.

Além disso, o autor fala do interesse da dominação das consciências, que é a ação de conquista, e da necessidade da luta pela obtenção de condições de renovação através da conscientização e termina citando que cada vez mais há grupos que despertam para atividades conscientizadoras nos povos latino-americanos.

Em busca das propostas de superação dessas relações opressoras, antidialógicas e conquistadoras recorreremos novamente a Dussel e Freire, na pedagogia da libertação latino-americana e na substituição da ação antidialógica pela dialógica.

Dussel coloca a necessidade de libertação do homem e da mulher que sofrem com a opressão. Para ele:

É necessário uma nova escola, uma nova medicina, novos serviços para um homem oprimido. Para isso é necessário primeiro desmistificar a pedagógica imperante, mostrar os seus desproporcionados custos e indicar um caminho libertador (DUSSEL, s/d, p. 212)

Como caminho libertador, Dussel (s/d) propõe a superação do sistema escolar e a busca por outros processos educativos que não precisem matar a cultura popular:

Por isso é necessário superar a concepção *exclusivamente escolar* do processo educativo, tão limitada, rígida e inadequada, e dar lugar a uma formulação muito mais integral, reconhecendo as possibilidades de *outros canais* educativos não menos eficazes e não poucas vezes de maior influência do que a escola, como são a família, os diferentes grupos sociais e os meios de comunicação de massa, para citar os mais importantes. (p.207).

Desta maneira, o autor fala de uma *práxis de libertação pedagógica* na qual nunca se deve pronunciar a *palavra reveladora* à outra pessoa, mas escutá-la, apontando a necessidade da convivência para a comunicação, dizendo que *a voz do Outro é exigência, chamamento peremptório a um trabalho libertador. Para poder servir trabalhando é necessário antes con-viver para poder comunicar-se.* (DUSSEL, s/d, p.241)

Assim é necessária ainda a ação de libertação cultural que começa com o ato de *desarmar* o que o sistema impôs, negando *a negação que se tinha produzido pela pedagogia da dominação* e construindo, com o surgimento de um *sujeito ativo*, uma *nova ordem social*, devolvendo ao sujeito o *controle de sua própria história* (DUSSEL, s/d).

Freire (1980), caminhando no mesmo sentido que Dussel, em busca de uma libertação do ser humano oprimido propõe em oposição à conquista que divide, manipula e

promove a invasão cultural, a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural, elementos constitutivos da ação dialógica.

Na co-laboração, *os sujeitos se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação* podendo haver uma liderança revolucionária que esteja fundamentada no diálogo e que, portanto, comprometa-se com as classes oprimidas estabelecendo um compromisso com a liberdade de modo que não precisem conquistá-las, mas possibilitar sua adesão à luta. Adesão e não aderência, que é adesão conquistada. Adesão que é escolha livre, possibilitada pelo *desvelamento do mundo* e pela confiança que as classes populares passam a ter em si mesmas quando se percebem sujeitos capazes de promover a transformação da realidade através da práxis libertadora.

Neste sentido é necessária ainda uma união para a libertação, uma organização solidária entre as pessoas oprimidas para que possam vencer os obstáculos colocados pela força do poder dos opressores.

Assim, em lugar da invasão cultural há que se fazer a síntese cultural, que é uma ação dialógica cultural que se fará *à frente da própria cultura* superando a própria cultura *alienada e alienante*, através de uma *investigação temática*, que tem o objetivo de captar os temas da cultura popular como ponto de partida da ação de síntese cultural, construída em um clima de criatividade e servindo à organização e à libertação.

Com estas propostas, Freire (1980) tenta mostrar um caminho para a superação da relação opressor-oprimido, tão desumanizante que chega a ser necrófila, buscando um mundo melhor:

Se nada ficar dessas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (p.218).

Esta é também a nossa esperança, a busca de um mundo em transformação, no qual homens e mulheres possam conviver mais humanamente, superando os preconceitos e a dualidade entre as classes, no qual as pessoas não precisem se esconder em sua velhice, por não mais fazer parte de um ritmo acelerado de vida imposta pela sociedade capitalista e pelas constantes transformações de uma sociedade informacional, mas sejam respeitadas em seu próprio ritmo de vida sem precisar simplesmente adaptar-se ao que se apresenta a elas como única alternativa: o isolamento.

1.2 Idade, aprendizagem e expectativas sociais: algumas barreiras a serem superadas

Na busca pela transformação das relações de opressão na velhice há a necessidade de vencer as barreiras colocadas por algumas teorias de aprendizagem que reforçam a idéia da impossibilidade de aprender na vida adulta, que compreende também a velhice.

Quando se fala em vida adulta, podemos pensar em algumas idéias. Responsabilidade, esta palavra pesa sobre os ombros da pessoa adulta, responsabilidade pela própria vida, responsabilidade pela vida de outras pessoas, responsabilidade no trabalho, responsabilidade na vida particular; enfim, ser adulto(a) é ser também responsável.

Não que uma criança não possa ser responsável, mas a diferença é que quando se atinge a maioridade, ou quando se encerra a infância e a adolescência há uma cobrança muito grande por “ser responsável”, coloca-se um peso muito maior sobre essa palavra, nesta fase da vida.

A vida adulta também é composta por fases distintas, pois temos os(as) adultos(as) jovens e os(as) adultos(as) que estão em processo de envelhecimento. Essas fases possuem diferenças explícitas e marcadas também pela relação com o trabalho. O que marca especialmente a entrada na vida adulta é a inserção no mercado de trabalho e o que marca a passagem para a velhice é a saída do mercado de trabalho com a aposentadoria.

Existem ainda tarefas específicas que as pessoas assumem ao atingir a fase adulta, que não têm a ver apenas com a idade, mas também com as expectativas sociais que a envolvem. Casamento, nascimento de filhos, divórcio, viuvez, etc são algumas dessas tarefas que passam a ter importância crucial na vida adulta não só pela forma como as pessoas encaram essas tarefas, mas também pelas expectativas sociais acerca destas. (Levinson, 1974, apud Moura, 1999).

Enfim, responsabilidade, maioridade, maturidade, velhice, trabalho, casamento, filhos, divórcio, viuvez, aposentadoria etc são marcas da vida adulta e da velhice, situadas entre a idade e as expectativas sociais.

Assim, o adulto parece precisar ser um indivíduo pronto, acabado. Ao longo do tempo algumas teorias e testes foram constituindo uma carga negativa sobre o ato de aprender na vida adulta. Faz-se então necessário o rompimento com a idéia de que a idade adulta é um período de estabilidade e acomodação nos quais as mudanças não são bem vindas.

Segundo Medina (1997), os testes psicométricos aplicados em adultos mostravam pontuações que diminuíaam ligeiramente a partir dos 30 anos, diminuição que se acentuava aos 60 anos. Esses dados levaram pesquisas a concluírem que ao longo da vida adulta ocorre um declínio intelectual, gerando, assim, atitudes sociais negativas em relação à vida adulta e à velhice. Nos anos 60, esse estereótipo negativo foi acentuado por uma sociedade que passava a ser cada vez mais centrada na juventude

Os estudos de psicologia, baseados sobretudo em Piaget, mas também em outros autores até mesmo anteriores a ele, têm associado o desenvolvimento intelectual ao crescimento, ou seja, cada idade ou período de idades tem um desenvolvimento próprio, no qual acontecem aprendizagens que, se não ocorrerem naquele período da infância ou da adolescência, não poderão ocorrer na vida adulta. (Medina, 1997)

O autor diz ainda que, para Piaget, a inteligência vai mudando com a idade, passando por uma série de estágios com modificações qualitativas em sua estrutura, quando se passa de um para outro os problemas se resolvem de maneiras diferentes. Assim, existem quatro estágios de desenvolvimento do ser humano: sensório-motor (0 – 2anos), pré operatório (2 – 7 anos), operações concretas(7- 12 anos) e operações formais a partir da adolescência.

Nesta abordagem, concebe-se que o pensamento do ser humano evolui desde o nascimento até a adolescência e juventude, na qual se instala para o resto da vida. Para Piaget o adolescente e o adulto alcançam a maturidade intelectual conseguindo elaborar operações hipotéticas. Outros estudos, em um bom número, demonstram que nem todos os adultos utilizam habitualmente o pensamento formal. (Medina, 1997)

Assim, a vida adulta é vista como um período de estabilidade das estruturas cognitivas da mente que começam a regredir no processo que leva à velhice. Penso que este pensamento cria barreiras sociais, culturais e educativas para as pessoas adultas. Como pesquisadora e, sobretudo, como pessoa e filha, entendo que não é possível negar que há

transformações na mente de uma pessoa em processo de envelhecimento, sobretudo quando atingidas por demências senis, mas será que realmente elas não podem aprender? Ou apenas as relações de aprendizagem se modificam?

Medina (1997) cita que há estudos que demonstram a distinção entre inteligência fluida (fisiológica) e inteligência cristalizada (base cultural); os resultados destes estudos mostram que na idade adulta se produz um declive da inteligência fluida e um aumento da inteligência cristalizada. Assim, a aprendizagem pode acontecer baseada na experiência:

El declive psicológico de la inteligencia fluida proviene del deterioro de la base fisiológica debido a enfermedades e lesiones de distinto tipo. Esta pérdida de base neurológica se debe a un proceso de maduración negativa que afecta, aunque sea en distinta medida, a la generalidad de los individuos. Por el contrario, la base neurológica de la inteligencia cristalizada sería más móvil y no resultaría afectada negativamente, al mismo tiempo que recibe las aportaciones positivas del aumento de la experiencia. (García Madruga y Carretero apud Medina, 1997, p. 132)

Isso me traz esperança a partir da constatação de que realmente há uma modificação na mente, mas esta não leva à impossibilidade de aprender, mas sim a construir novas maneiras de se relacionar com o conhecimento, novas formas de aprendizagem. Além disso, mesmo com algumas idéias exclusoras amplamente difundidas e reafirmadas teoricamente em relação à possibilidade de aprender na vida adulta e na velhice, existem autores e autoras que defendem posições contrárias a estas, fornecendo subsídios teóricos para que haja um rompimento dessas barreiras anteriormente citadas neste texto.

Vigotski (1994) também traz uma grande contribuição, pois ressalta a grande capacidade que as pessoas adultas têm para aprender:

Os adultos, como bem se sabe, dispõem de uma grande capacidade de aprendizagem. Pesquisas experimentais recentes contradizem a afirmação de James de que os adultos não podem adquirir conceitos novos depois dos vinte e cinco anos (Vigotski, 1994).

Para este autor, as *funções psicológicas superiores* (pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento, atenção, lembrança voluntária, memorização ativa, controle consciente do comportamento) são construídas e desenvolvidas na interação entre as pessoas e na interação das pessoas com o meio. Assim, os processos educativos podem acontecer mediados, ou seja, passando por um processo de intervenção de um elemento intermediário na relação com o mundo, por instrumentos (objetos) e por signos (valores, cultura, crenças, conhecimentos), auxiliando nos processos internos de desenvolvimento. (Soares, 2005)

Segundo Soares (2005), para Vigotski as funções psicológicas superiores não são inatas, são construídas na interação passando por um processo de internalização no qual as pessoas reconstróem internamente as operações externas elaborando transformações, sendo a aprendizagem o resultado da interação social, internalizada e organizada, estimulando processos internos de desenvolvimento. Desse modo, os adultos jovens e velhos, na interação com as pessoas e com o mundo e baseando-se em suas experiências podem aprender e ensinar muito. O autor desmente a classificação fechada da não aprendizagem na vida adulta e regressão na velhice:

Vigotski nos permite compreender a idade adulta como um momento passível de mudanças e processos de adaptação, descartando o conceito de que seja uma fase estável e fechada ao aprendizado e ao desenvolvimento (Soares, 2005)

Ainda na linha de pensamento deste autor, segundo Mello (2003), Cole e Scribner (1997, apud Valls, 2000) investigaram os processos cognitivos em diferentes contextos socioculturais verificando que as pessoas adultas demonstram habilidades com desempenhos diversos, ressaltando que os processos cognitivos “*se adaptam frente à comunicação e às necessidades de trabalho e da vida cotidiana*”, sendo que:

A aprendizagem formal e a informal, ou as diferentes organizações sociais das aprendizagens, dão as mesmas capacidades, que em contextos diferentes adotam habilidades diferentes (a habilidade manual e a mental têm as mesmas funções em contextos diferentes). Não se podem comparar habilidades nem evoluções concretas, se não se considerar o marco global de cada grupo sociocultural (Valls, *ibid*, p. 125 apud Mello, 2003, p. 6).

Na mesma perspectiva e a partir das formulações descritas no parágrafo anterior o Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), grupo da universidade de Barcelona que trabalha, entre outras coisas, com aprendizagem dialógica na educação de pessoas adultas, desenvolve o conceito de inteligência cultural, baseado especialmente nas definições sobre inteligência prática e inteligência acadêmica. Segundo Mello (2003, p.6):

A inteligência prática diz respeito às aprendizagens desenvolvidas no contexto de inserção dos sujeitos, enquanto que a inteligência acadêmica é adquirida em aprendizagens desenvolvidas em contexto escolar, caracterizando-se por serem aprendizagens descontextualizadas e que tratam de conteúdos voltados a fins não necessariamente compartilhados ou conhecidos por todos participantes.

O conceito de inteligência cultural, portanto, considera que as pessoas aprendem de maneiras diferentes, reportadas ao contexto em que estão inseridas, pois todas as pessoas têm as mesmas capacidades para aprender, o que precisam é lidar com diferentes contextos.

Moura (1999) também traz suas contribuições pensando a partir de uma visão dinâmica da vida adulta, considerando que a cognição na vida adulta está estreitamente ligada a questões pragmáticas da vida real ressaltando que as pessoas adultas geralmente procuram aprender de forma a resolver problemas da sua vida cotidiana.

Enfim, não existe, necessariamente, uma idade certa para aprender, o certo é que em diferentes momentos da vida são diferentes as formas de se relacionar com os conteúdos aprendidos. Na velhice, sobretudo quando há a ocorrência de demências senis, esses conteúdos podem não ser apenas os escolares e musicais tradicionais, como a aprendizagem de um instrumento, da escrita musical, da leitura e da escrita da palavra, entre outros.

Os conteúdos se modificam, porque a vida e o corpo se modificam, mas os processos educativos não acabam, pois ainda existe a possibilidade de aprender sobre compartilhar experiências, sobre o conhecimento que se gera na interação, sobre a própria pessoa e sobre o mundo ao seu redor, de maneira que ensinar e aprender são ações

presentes nos atos de vivenciar, revivenciar e compartilhar momentos, em processos educativos que só se encerram com a morte do corpo.

1.3 Alternativas de libertação na velhice

Diante do quadro apresentado no item anterior, nossa proposta concerne especificamente às pessoas em processo de envelhecimento. Assim, foi possível buscar algumas alternativas de libertação dessa realidade opressora, baseada em autores e autoras que possam dar sustentação a essas idéias.

Entre as alternativas apresentadas neste trabalho estão a memória, na dialogicidade e na expressividade como possibilidade de superação da idéia de que, na velhice, as pessoas não têm mais serventia. Através da valorização da experiência de vida presente na memória dessas pessoas, podem ser compartilhados momentos em que podem fazer uso da dialogicidade ou da expressividade.

Como caminho para este compartilhar dialógico das memórias foi feita a opção pela música, por isso buscamos alternativas de libertação na Educação Musical e na atividade da Tertúlia Musical Dialógica, que serão apresentadas junto aos conceitos-chave desta investigação, e dos quais também fazem parte essas alternativas.

1.3.1 Memória, dialogicidade e expressividade

Memória é um conceito chave neste trabalho porque é uma das buscas que fui elaborando *com* as pessoas envolvidas na pesquisa para compreender os processos educativos vividos por essas pessoas na velhice, o qual provavelmente também viverei posteriormente. Assim, encontrei em Gonçalves Filho (1988) ajuda para compreender melhor este conceito como olhar e trabalho, olhar em direção ao passado e trabalho como um procedimento criador e re-criador do presente:

Nos velhos, procedimento de um corpo exausto, a memória não é evasão. Já afastados, natural e socialmente, dos ritmos frenéticos, o lembrar dos velhos não é paixão escapista, mas liberdade criadora de ir ao acesso do presente, ungidos por visões (mediadoras) de um outro tempo – recurso privilegiado e honroso da velhice, que a cultura pode reverenciar se não descarrilhou no anátema de tudo que é lento, gradual, penoso. (p.96/97)

Além disso, a memória é de fundamental importância para uma melhor compreensão da própria cultura, dos fundamentos de ações que praticamos e muitas vezes nem sabemos de onde vêm; através da memória, presente no corpo dos(as) velhos(as) e indissociável deles(as) a menos que eles(as) as relatem a alguém, são explicadas, descobertas e recriadas:

Há correntezas do passado, germinadoras da vida intersubjetiva e que investiram as matérias sociais, imbuindo os objetos, os lugares, os seres. Correntezas do passado que, como exprime Ecléa Bosi, podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora. E sustentam a ética, a sabedoria e a técnica de uma gente. A memória rodeia, roça e penetra os materiais de cultura, neles se apoiando, neles se agarrando e se arraigando, compondo o campo de uma economia, de uma geografia e de uma arquitetura intrinsecamente existenciais. (GONÇALVES FILHO, 1988, p.107).

Nesta perspectiva, Ecléa Bosi (1994) aborda a importância da memória para as pessoas em processo de envelhecimento, para as quais o ato de recordar torna-se uma forma de ser novamente, de recuperar-se mesmo num corpo debilitado pelo tempo, proporcionando a realização de uma tarefa:

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa: “Eu ainda guardo isso para ter uma memória viva de alguma coisa que possa servir a alguém”(d.Brites)“Veja, hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo”(Sr Ariosto)”(p.39)

“Ser novamente”, “recuperar-se” torna-se necessário, pois as pessoas adultas em processo de envelhecimento são, muitas vezes, consideradas inativas, deixando de ter serventia porque não produzem mais, tendo que deixar lugar para as pessoas jovens. Isso acontece de uma forma sutil ao mesmo tempo em que se faz um discurso que defende o respeito aos velhos. Nessa situação “o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem” (BOSI, 1994, p.36/37).

Há então a necessidade de humanização, não apenas para “acolher” as pessoas em processo de envelhecimento, mas tratá-las como pessoas e não como meros “seres improdutivos”. Desta maneira, Freire (1980) nos ajuda a entender que para alcançar

a humanização, os homens (e as mulheres) devem desenvolver um clima de esperança e confiança, de modo que os faça, através de sua ação concreta, superar as *situações-limites*, ou seja, aquelas situações vistas por eles como intransponíveis e assim poder chegar ao *inédito viável*.

Por isso, nesta pesquisa nos preocupamos com a coerência e com a ética e buscamos a construção de processos que visem à humanização na prática da pesquisa, considerando-a como uma ação que se dá *com* as pessoas participantes, acreditando na força do conhecimento relacional que pode gerar interconhecimento e, assim, fortalecer ainda mais a pesquisa:

Também acredito na força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços no sentido da reinvenção das gentes e do mundo. E não há como negar que a experiência dessas relações envolve, de um lado, a curiosidade humana, centrada na própria prática relacional e, de outro, a curiosidade alongando-se a outros campos. O envolvimento necessário da curiosidade humana gera, indiscutivelmente, achados que, no fundo, são objetos cognoscíveis em processo de desvelamento, ora o próprio processo relacional, que abre possibilidades aos sujeitos da relação da produção de interconhecimento (FREIRE, 2001, P.53).

Desta maneira, a dialogicidade torna-se indispensável nesta pesquisa, pois esta acontece na palavra verdadeira, é práxis (não apenas ação, mas também reflexão), pode transformar o mundo e é direito de todas as pessoas. Dialogicidade que é o encontro entre as pessoas para ser mais e luta pela humanização fundamentada no amor, na humildade, na fé nos homens, nas mulheres e na esperança, sendo uma relação horizontal que gera como consequência a confiança, indispensável à relação dialógica. (FREIRE, 1980).

Ainda é importante destacar que para que a relação dialógica se estabeleça, segundo FREIRE (1979), é necessário falar *com* e não falar *por* ou *para* as pessoas, construindo conjuntamente o diálogo, em oposição ao antidiálogo, pois o primeiro faz parte do ato de comunicar-se uns com os outros amorosamente e o segundo não comunica, faz comunicados desamorosamente.

Dessa maneira, Freire (2004) aborda ainda o diálogo como um elemento indispensável ao conhecimento e fundamental no processo de comunicação e intercomunicação entre as pessoas, afirmando que “ a dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador (Freire, 2004,

p.74). Sendo o diálogo exigência e opção, como abordado pelo autor, neste trabalho fazemos a opção pelo diálogo, como forma de falar *com* as pessoas e estar *com* as pessoas participantes da pesquisa.

É importante considerar que neste trabalho o diálogo será estabelecido nas interações verbais, quando essas pessoas relatarem suas memórias /ou se utilizarem da fala para expressar seus pensamento. Também serão consideradas as interações não-verbais que puderam ser observadas nos encontros enquanto escutávamos as músicas, ou seja o discurso expressivo,ou a expressividade que para Habermas (1987) é uma forma de argumentação questionável em sua veracidade, pois pode ser utilizada com ação estratégica para convencer as pessoas ou ainda interpretada da maneira que for conveniente ao indivíduo, entretanto, quando há uma dialogicidade, ou seja a possibilidade de expressar-se como pessoa inteira há que se considerar a expressividade.

O que seria uma pessoa inteira? Considerando-se que o diálogo é uma interação verbal, que expressa um pensamento advindo da mente de uma pessoa, não podemos esquecer que essa mente faz parte do corpo desta pessoa, constituindo uma unidade . Essa expressão verbal não está sozinha na unidade do ser, ela vem acompanhada de movimentos sejam eles faciais, de postura, enfim de qualquer origem. O ser humano é multissensorial, expressa-se através dos diversos sentidos dentro de um contexto.

Flora Davis(1979) afirma que os movimentos que realizamos constituem uma forma de comunicação não verbal, sendo esses movimentos aprendidos, e não inatos, variando, portanto, de cultura para cultura. Assim, o movimento precisa ser considerado dentro de um contexto e não isoladamente:

Uma das coisas mais impressionantes sobre o movimento do corpo humano é justamente sua repetitividade. O significado da mensagem está sempre inserido em um contexto e jamais em algum movimento isolado do corpo (Davis, 1979, p. 41)

Será considerada a expressividade das pessoas ainda porque nem sempre as palavras são suficientes para traduzir nossos sentimentos, anseios, porque esta diz muita coisa que não se consegue expressar com palavras, estando presente no tom de voz, no gesto, na expressão facial e na atitude da pessoa (Silva, 2000). A compreensão da linguagem não-verbal é possível de acordo com o contexto das interações entre as pessoas e

é fundamental no processo de comunicação, que inclui também a fala. Desse modo, ao atentar para as interações não-verbais, neste trabalho, teremos uma visão mais ampla dos processos educativos que estamos buscando.

Assim, considerando a expressão verbal e a expressão não verbal permite-se a participação da pessoa inteira, sendo uma atitude democrática porque muitas das mulheres participantes da pesquisa sofreram processos que as impedem de falar, mas não as impedem de se movimentar dentro dos limites e possibilidades que ainda possuem e considerando a unidade do ser, pois: *corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade* (Bertherat, 1977, p.14).

1.3.2 Educação musical

A música, considerada como instrumento mediador das interações neste trabalho, pode ser utilizada tanto para o bem quanto para o mal, dependendo do valor dado pela pessoa que dela faz uso e o fim para o qual a utiliza. Por isso, escolhemos uma atividade em que se busca a humanização através da música e os conceitos propostos pela Educação Musical

Busquei na Educação Musical alternativas que favorecessem esta tentativa de encontrar processos educativos libertadores, ou seja, que consiste na humanização das relações, *com as pessoas em processo de envelhecimento*, e encontrei nela subsídios importantes para a utilização da música neste trabalho ao invés de outras possibilidades existentes. Em primeiro lugar, posso destacar uma das funções da Educação Musical, colocadas por Kater (2004), que consiste no favorecimento da compreensão e percepção que temos de nós mesmos como pessoas e do nosso entorno, conscientizando-nos e *estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade* (Kater, 2004, p.44) que pode ser possibilitada, na visão adotada neste trabalho, no encontro com obras musicais da sua própria cultura e, também, se ampliando no contato com obras de outras culturas:

O contato com músicas de outras regiões, épocas, povos e culturas é mais uma oportunidade de novas modalidades e características de pensamento, sensibilidade, gosto e função social, que a música pode assumir, do que adereço exótico de uma pretensa cultura geral. Simultaneamente à sua apreciação instala-se a condição especial para “des-ordinarizar” a visão que temos de “nossa própria música” (das manifestações já conhecidas e presentes na realidade pessoal cotidiana), ampliar sua definição e conceito e compreender, de maneira relativa, que o que todos fazemos, nós inclusive, pode ser sempre extraordinário.

O que chamamos “normal” e “comum” só se mostra assim devido à falta de contrastes que favoreçam a amplitude, profundidade e intensidade de nosso próprio olhar, de nosso próprio ouvir” (Kater, 2004, p.45)

Essa função conscientizadora, autêntica e criativa da música a torna um elemento fundamental dentro das alternativas de libertação que buscamos junto às pessoas envolvidas nesta pesquisa, porque é a partir da compreensão pessoal e de mundo que a música proporciona processos educativos nas relações entre as pessoas em processo de envelhecimento e entre elas e o mundo, possibilitando a interação e a troca de experiências como alternativas de geração do conhecimento relacional, da realização da tarefa da memória e do compartilhar memórias como fontes inesgotáveis de conhecimento de uma época e de uma cultura.

A interação com os tempos passados, presentes e futuros na música é possível, segundo Koellreutter (1997b) porque a linguagem musical reflete *o nível de consciência do ser humano e de sua cultura* (p.45), ou seja, a capacidade que as pessoas têm de apreender os sistemas de relações que as rodeiam e colocar na música expressões que são de uma época, de um lugar, de um grupo; permitindo uma visão geral e, ao mesmo tempo, específica, que fazem parte de uma sociedade, de uma família e de uma pessoa.

Assim, as preferências e escolhas por estilos musicais também têm a ver com as vivências anteriores, até porque como seres humanos, o que somos hoje é resultado do que fomos ontem e faz parte do que seremos amanhã:

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado. Daí que eu tenha falado no “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nos experimentamos em cada momento (Freire, 1992 p.28)

Por isso há uma estreita relação entre música e memória, como elementos para uma educação musical humanizante, que se faz necessária nesta sociedade moderna, massificada e industrializada, onde os ritmos de vida são tão turbulentos e os momentos de humanização tão escassos. Como meio de possibilitar essa humanização temos a arte com uma função interativa:

Na sociedade moderna, de massa, tecnológica-industrial, a arte torna-se um meio de preservação e fortalecimento da comunicação pessoa-a-pessoa e de sublimação da melancolia, do medo, da desalegria, fenômenos que ocorrem pela manipulação bitolada das instituições públicas e se tornam fatores hostis à comunicação. Ela transforma-se num instrumento de progresso, do soerguimento da personalidade e de estímulo à criatividade”(Koellreutter, 1997a, p. 38)

Concordamos com Koellreutter (1997a) quando ele diz que a arte permite o progresso, favorecendo a elevação da personalidade e estimulando a criatividade, tornando-se, assim, um instrumento de libertação e fundamental para a integração social:

Como instrumento de libertação, a arte torna-se um meio indispensável de educação pelo fato de oferecer uma contribuição essencial à formação do ambiente humano. Assim, através de sua integração na sociedade, a arte torna-se um traço central da sociedade moderna, desde que, por meio desta sua integração, ela vença sua alienação social e sobreviva à sua crise (p. 38/39).

Há também uma identificação nossa com as idéias de Koellreutter (1997a) com o que ele chama de *alienação social* da arte, salientando a necessidade de que a música e a educação musical considerem o contexto no qual estamos inseridos e a época em que estamos vivendo, deixando de lado aquela visão do artista como um “gênio” que está acima de todas as outras pessoas e reconhecendo que sua função é social. Desta maneira, ampliam-se os campos de atividade da educação musical que utiliza a música aplicada:

No campo da educação em geral, no campo do trabalho, na medicina, nos setores de planejamento urbano, na administração, nas relações inter-humanas, na terapia e reabilitação social, enfim, nestes e em outros setores da vida moderna, a música aplicada pode fazer-se presente, de uma forma dinâmica e produtiva. (Koellreutter, 1997a, p. 38)

Segundo o autor, mesmo com essa ampliação dos campos de atuação da educação musical e a possibilidade da música aplicada existem ainda muitas instituições de ensino de música que se baseiam em critérios dos conservatórios europeus do século XIX, mantendo uma visão tradicional do artista como o intérprete virtuoso que toca para a elite burguesa. Entretanto, essa não é a realidade sócio-cultural brasileira que precisa muito mais de educadores especializados que possam “contribuir eficientemente para o crescimento das culturas básicas em desenvolvimento em quase todas as cidades do interior,

conscientizando e estimulando os valores existentes nessas regiões”.(Koellreutter, 1997a, p. 40)

A visão conservadora que se mantém, foi formada a partir de uma construção histórica da música ocidental, que desde a Grécia antiga tem sua produção e educação permeada por dois aspectos importantes: o aspecto subjetivo e o objetivo. De acordo com Fonterrada (2005) o subjetivo diz respeito à emoção e o objetivo é resultado das propriedades sonoras dos materiais; para os gregos, esses dois aspectos eram representados pelo aulos e pela lira:

Os dois principais instrumentos dos gregos, o aulos e a lira, até hoje permanecem como símbolos dos dois tipos de música mencionados: a música da razão e a música dos sentimentos (...). Como se verá no decorrer dos séculos, essas duas tendências continuarão a coexistir, e as duas maneiras de compreender a música serão os alicerces em que as subseqüentes teorias da música se fundam (Fonterrada, 2005, p. 20 e21)

Assim, atuando nas tendências objetiva e subjetiva, a educação musical tem a função de ensinar os conceitos presentes na teoria e na história musical, mas também atua no âmbito dos sentimentos, na emoção, sendo que a formação completa acontece quando ambas são consideradas no processo de musicalização. Nesta proposta de uma atividade dialógica musical entre pessoas idosas, portadoras ou não de demências senis, não houve uma preocupação manifesta com a “música da razão” ou os conceitos teóricos.

Abrangendo os dois aspectos, a formação é mais completa, mas o objetivo da investigação era promover um ambiente dialógico imprevisível, no qual a dimensão objetiva poderia ou não aparecer, de acordo com as vivências das participantes. Então seria possível que ambos os aspectos fossem abordados durante os encontros ou que houvesse um foco maior em um deles, de acordo com as interações estabelecidas pelas participantes.

A música é uma forma de energia que estimula condutas nas pessoas e na interação entre elas. Joly (2003) aborda essa questão:

Estudos realizados por Gainza (1998) afirmam que a música e o som, enquanto formas de energia, estimulam o movimento interno e externo no homem: impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes graus e qualidade(...) o adulto, cidadão comum ou adulto músico, seja profissional ou amador, manifesta uma gama de reações específicas diante do som e da música, dignas de ser observadas e analisadas em seus aspectos essenciais. (Joly, 2003, p. 113/114)

Essas condutas podem ser expressas verbalmente (através da conversa) e não – verbalmente (através de gestos, movimentos, expressões faciais entre outras formas de comunicação não-verbal), expressando sensibilidade e certa compreensão da obra musical ouvida. Nas mulheres em processo de envelhecimento participantes desta investigação as condutas musicais foram expressas durante o processo dialógico, de modo verbal e não-verbal.

A expressão verbal durante as interações aconteceu quando contaram suas histórias e o que viveram ao som das valsas de Strauss, dos forrós de Luiz Gonzaga, dos chorinhos do Pixinguinha, do Zequinha Abreu, da Chiquinha Gonzaga, dos boleros, dos sertanejos, dos hinos sacros, entre outros; e a expressão não-verbal aconteceu quando choraram ou riram ao som de “Asa Branca” sem falar nada mais, quando batucaram na mesa e quando dançaram pelo refeitório com o brilho nos olhos de quem está num grande salão de baile!

Enfim, a opção pela educação musical, abrangendo sua objetividade e subjetividade, torna-se fundamental neste trabalho por suas funções conscientizadora, autêntica e criativa; pela interação com os tempos passados, presentes e futuros; pela necessidade de acabar com a alienação social da música buscando formas de humanização em um tempo de desumanização e pelo fato de a música ser uma forma de energia que estimula condutas nas pessoas e na interação entre elas. É uma opção que tem tudo a ver com a memória pela conexão com os tempos passados, com a dialogicidade e com a expressividade que permite a interação e a comunicação entre as pessoas.

1.3.3 Tertúlia Musical Dialógica

A possibilidade de interação e comunicação entre as pessoas na educação musical levou a outra escolha muito importante nesta pesquisa, que tem como proposta estar *com* pessoas em processo de envelhecimento participando de uma atividade musical dialógica na busca de uma síntese cultural que ajude a superar as limitações sociais impostas pela idade: a Tertúlia Musical Dialógica. .

A Tertúlia é uma atividade que surgiu em 1978 na Escola de Educação de Pessoas Adultas de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona, Espanha, como uma

atividade cultural e educativa de leitura dos clássicos da literatura universal, tendo por isso o nome de Tertúlia Literária Dialógica; hoje, realiza-se em diversos países, inclusive no Brasil, na cidade de São Carlos, onde está sendo desenvolvida desde outubro de 2002 pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE).(BATEL E BOGADO, 2003).

As pessoas que participam da Tertúlia Literária Dialógica se reúnem uma vez por semana, por até duas horas, conforme o combinado, para fazer a leitura dos clássicos da literatura universal. O propósito da atividade não consiste em descobrir nem analisar aquilo que o autor, ou autora, de uma determinada obra quer dizer em seus textos, mas sim gerar um espaço de diálogo e reflexão, a partir das diferentes e possíveis interpretações que derivam de um mesmo texto.

A Tertúlia Literária Dialógica surge para mostrar que os clássicos literários podem ser lidos por todas as pessoas, rompendo com a mitificação na prática da leitura que, de acordo com Girotto (2007), transforma a leitura em uma prática que distingue e dita o que determinado grupo pode ler ou não. A autora coloca ainda a necessidade de superar a visão de que a literatura clássica universal seria acessível apenas às pessoas com formações escolares elevadas, pertencentes a uma elite cultural.

Literatura que, de acordo com Girotto (2007), emprega um tipo específico de linguagem, tem uma determinada intenção, temas e assuntos definidos de acordo com o contexto em que se insere e se torna clássica quando atravessa o tempo e é reconhecida como excelente, passando pela aprovação dos acadêmicos. Assim:

os clássicos são livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Contam histórias de um povo, de seu folclore, de suas origens, sem mesmo terminar de dizer o que pretendia dizer, porque as palavras ficam marcadas no tempo e na história fazendo com que os povos conheçam essas histórias de outros povos, ao mesmo tempo reinventando-as nas próprias culturas e assegurando a sua integridade original. Entende-se assim, que a troca de conhecimento, possibilitada através dos livros, enriquece a cultura geral de cada pessoa ou grupo. (GIROTTI, 2007, p.40)

Na Tertúlia Musical Dialógica a intenção é transferir o que acontece nas Tertúlias Literárias para o âmbito da música, tendo a mesma base dialógica e a possibilidade de compartilhar conhecimentos e descobertas sobre as obras escutadas, neste caso (CONFAPEA, 2006).

Assim, pensando no que Girotto (2007) diz sobre os clássicos da literatura, há a necessidade de definir os clássicos da música também, que é o objeto de escuta da Tertúlia Musical Dialógica. Por isso é necessário fazer algumas considerações sobre o termo.

De acordo com o dicionário *on line priberam*, o vocábulo clássico tem também os significados de antigo e tradicional, sendo que o vocábulo tradição traz consigo os sentidos de hábito, uso, recordação e memória. Dessa maneira, ouvir os clássicos musicais é reencontrar-se com o passado em um novo tempo e os clássicos musicais são obras que atravessaram o tempo porque fazem parte da tradição de uma cultura, de seu uso, de seu hábito, está em sua memória.

É preciso considerar que o termo “música clássica” é usado para designar as músicas da tradição ocidental desde a Idade Média, abarcando diferentes estilos e épocas e tendo como vínculo a linhagem “estudada”, considerada erudita. (NETROVSKI, 2000).

Entretanto, para este trabalho, clássicos musicais não serão apenas as “músicas clássicas” ou músicas eruditas de um determinado período, mas todas as músicas que atravessaram o tempo porque fazem parte da tradição cultural de um povo e seguem um rigor que é demonstrando pela coerência com a origem do estilo.

Assim, clássico não é uma definição de estilo, mas um critério para selecionar dentre os estilos as obras que podem se enquadrar nas especificações do termo feitas acima. Como exemplo, podemos dizer que o clássico do forró é aquele que respeita as características estruturais de um forró em sua origem, e não aquele que é apenas “fabricado” pela mídia. Por isso, quando o estilo escolhido na atividade é o forró, buscamos autores como Luiz Gonzaga ou Dominguinhos que respeitam esse rigor coerente com a origem do estilo e não aqueles que fazem forró apenas para vender.

Além disso, sendo a música também uma linguagem, *o que a diferencia da literatura e das demais artes das ciências é a força da conexão com as histórias culturais e pessoais (p.36)*. Dessa maneira, na música o discurso está articulado em formas sonoras que atingem dimensões específicas e proporcionam ao ser humano o enriquecimento da compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo (Swanick, 2003)

Neste sentido, a escuta dos clássicos na tertúlia torna-se ainda necessária como forma de compreender melhor essa configuração da sociedade em opressores e

oprimidos. Tendo acesso ao conhecimento negado àqueles deixados à margem da sociedade, àqueles que “não pertencem” à elite cultural que dispõe de acesso aos clássicos, é possível compreender melhor o mundo e se fortalecer para a transformação social.

Transformação que pode ir se constituindo na dinâmica da Tertúlia Musical Dialógica, que é baseada na teoria da aprendizagem dialógica, conceito desenvolvido pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), com base na dialogicidade de Paulo Freire e na teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas.

Segundo Habermas (1987), ação comunicativa é aquela na qual dois sujeitos capazes de linguagem e ação interagem buscando entendimento de uma situação de ação para coordenar, de comum acordo, seus planos de ação e com ele suas ações, sendo que a linguagem é um meio de entendimento, no qual, falantes e ouvintes negociam situações compartilhadas por todos partindo de seu mundo da vida. O consenso é estabelecido de acordo com a validade dos argumentos e não com a posição de poder que se ocupa, sendo, portanto, fruto da interpretação e da negociação entre os sujeitos envolvidos na ação.

Assim, é estabelecida uma relação dialógica, na qual o diálogo:

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de “empatia” entre ambos. Só ali há comunicação. “O diálogo é, portanto, o caminho indispensável”, diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordem política, mas em todos os sentidos da nossa existência. Somente pela virtude da fé, contudo, o diálogo tem estímulo e significação: pela fé no homem e em suas possibilidades, pela fé de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais chegam a ser eles mesmos (FREIRE, 1979, p.68/69)

A aprendizagem dialógica, baseada nesses dois autores, apresenta 7 princípios que são explicados por Flecha(1997):

Diálogo igualitário: considera as diferentes contribuições de acordo com o poder do argumento e não com o argumento de poder, ou seja, os argumentos são discutidos de acordo com a importância que eles têm naquele momento buscando um consenso e não imposto por alguém que se julga superior. Assim, na Tertúlia Musical

dialógica são respeitadas as falas e as manifestações de cada pessoa igualmente, independente de classe social, gênero, idade, etc.

Inteligência cultural: contrapõe a classificação arbitrária de que apenas os grupos privilegiados possuem formas de comunicação inteligentes enquanto as outras são deficientes; considerando que, ao longo da vida, aprendemos muitas coisas de maneiras muito diversas nas relações que estabelecemos com os meios verbais e não verbais. Assim, todas as pessoas são capazes de aprender dentro do contexto em que se encontram e de acordo com as necessidades que se apresentam, podendo participar de um diálogo igualitário para que possam ter oportunidades e condições de demonstrar suas aprendizagens ao longo da vida nas interações com outras pessoas.

Transformação: quando há o diálogo e a valorização dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida há a possibilidade da transformação pessoal e do entorno, já que no diálogo e na interação com diferentes pessoas aprendemos diferentes maneira de ver o mundo e de estar nele, muitas vezes modificando nossa compreensão e nosso modo de vida porque encontramos a possibilidade de ser diferente; e ainda mantendo o que consideramos positivo em nosso modo de ser e de estar no mundo, podendo compartilhar experiências com outras pessoas que se modificam ou não de acordo com suas escolhas. Assim, na abordagem dialógica a transformação é uma possibilidade que resulta do diálogo que não impõe suas idéias às demais pessoas e coletivos. (FLECHA, 1997).

Dimensão instrumental: o diálogo possibilita ainda a aprendizagem de conhecimentos acadêmicos e instrumentais. Defender que as aprendizagens ao longo da vida são importantes não significa menosprezo aos conhecimentos advindos da escolarização, ao contrário estes são extremamente valorizados e necessários. O próprio Freire(1992) diz que partir dos saberes de experiência feita dos educandos não significa “ficar girando embevecidos em torno destes como mariposas em volta da luz” (p.71), é preciso ir além e reconhecemos a importância do conhecimento acadêmico na sociedade atual.

Criação de sentido: em um contexto onde os sistemas colonizam o mundo da vida das pessoas através do dinheiro e do poder que ameaçam transformar a vida em produto, Weber diagnosticou o fenômeno da perda de sentido. Em contraposição a esse fenômeno, a aprendizagem dialógica permite que o sentido ressurgir quando as pessoas

assumem a condução das próprias relações, ou seja, quando a interação entre as pessoas é dirigida por elas mesmas, através do diálogo igualitário. Assim, quando nos reunimos na tertúlia com um objetivo comum, há a criação de sentido porque cada um terá uma visão diferente a compartilhar para ajudar a sonhar, sentir e recriar o sentido da própria existência.

Solidariedade: Para Habermas, a solidariedade se abre como caminho para a superação dos problemas criados pelo dinheiro e pelo poder, que estimulam cada vez mais a competição e a individualidade. Pelo caminho da solidariedade pode-se vivenciar a ajuda mútua entre as pessoas participantes, compartilhando suas experiências de vida como forma de mostrar possibilidades para enfrentar algum momento difícil da vida, entre outras possibilidades que podem surgir em uma convivência solidária entre as pessoas.

Igualdade de diferenças: a aprendizagem dialógica pressupõe que a verdadeira igualdade inclui o mesmo direito de todas as pessoas viverem de forma diferente. Este conceito possibilita que todas as pessoas na tertúlia sejam respeitadas em suas formas de ser e viver. É o mesmo conceito de Freire (1992) sobre unidade na diversidade que através das semelhanças e diferenças entre as pessoas constitui auxílio na luta contra as discriminações, que ofendem a todas ferindo a substantividade do ser.

Neste sentido, é possível vivenciar e ver na tertúlia uma alternativa que auxilia na luta pela humanização das relações na velhice e do rompimento com preconceito com relação à idade, pois de acordo com Batel e Bogado (2003):

As barreiras criadas pelo *edismo* vão sendo aos poucos derrubadas, pois o dia-a-dia da Tertúlia desmente a classificação fechada das atividades apropriadas e aprendizagens possíveis para cada idade. Todos/as aprendemos juntos/as, independente da idade, do sexo, da raça, da religião etc. O diálogo igualitário derruba muros pessoais. Sair de casa e fazer suas próprias amizades atrever-se a falar em público, sentir segurança em uma conversa familiar ou social sobre temas culturais, constatar que sempre há tempo para se fazer e aprender coisas novas, é poder vencer os muros que nos cercam, sejam eles pessoais ou culturais. Através dessa aprendizagem dialógica é possível vencer as interiorizações preconceituosas que carregamos em nosso pensamento. Essa aprendizagem dialógica é a “mola propulsora” responsável pela transformação das relações que estabelecemos com os outros e com tudo o que está no nosso entorno.(p.4)

Nessa convivência dialógica, há a possibilidade de realização das tertúlias musicais e dialógicas em outros países por causa do projeto “Mil e uma Tertúlias Literárias

e Musicales Dialógicas por todo el mundo”desenvolvido pela Confederación de Federaciones y Asociaciones de Personas Participantes en Educación y Cultura Democrática de Personas Adultas - CONFAPEA (<http://www.neskes.net/confapea/tertulias/tlm.htm>) confederação espanhola formada por associações culturais e educativas com o intuito de promover mais oportunidades de educação para todas as pessoas especialmente àquelas deixadas a margem dos processos culturais e educativos durante muito tempo, nessas associações as decisões e a gestão são exercidas pelas pessoas participantes independente de títulos acadêmicos e sem remuneração.

Assim, a CONFAPEA descreve o funcionamento de uma tertúlia musical composto por 5 momentos distintos:

- Em primeiro lugar as pessoas participantes escolhem as obras musicais do repertório clássico e as gravam em um CD para cada participante.
- Depois, em cada semana se decide conjuntamente uma ou mais obras musicais para escutar em casa e pensar em algum comentário e ou fragmento para depois compartilhar na tertúlia.
- No início de cada encontro fala-se entre todos e todas sobre a obra, o autor ou a autora, e sobre aquilo que chamou a atenção.
- Escutam-se conjuntamente as obras selecionadas
- É aberto o turno de palavras. A pessoa coordenadora aponta aquelas pessoas que pedem a palavra e modera a ordem das intervenções. A partir de cada intervenção se cria o diálogo, podendo ser comentado tudo o que se pensou ao longo da semana: coisas que gostou na peça, os instrumentos, os temas, sensações, sentimentos que nos evoca cada peça e cada autor nos pode transportar a um momento diferente

A atividade pressupõe uma pessoa que assuma o papel de moderadora e outra que interaja no papel de apoio, a pessoa moderadora tem a função de manter os princípios da aprendizagem dialógica interferindo quando algum dos princípios é desrespeitado e a pessoa que faz o apoio tem a função de apoiar essas ações a ajudar a pessoa moderadora a garantir que os princípios sejam respeitados e o diálogo efetivo aconteça.

Desse funcionamento algumas adaptações precisaram ser feitas para o contexto do abrigo para mulheres em processo de envelhecimento que serão melhor analisadas no próximo capítulo que trata da metodologia e dos procedimentos adotados para esta pesquisa.

Assim, ouvindo os clássicos musicais, dialogando sobre eles e compartilhando nossas memórias, sob a orientação dos princípios da aprendizagem dialógica, nesta investigação temos como objetivos:

- Proceder à análise de processos educativos e memórias a partir de vivências musicais de audição dos clássicos musicas e interações verbais e não-verbais com a música e entre as pessoas;
- Avaliar o impacto, os limites e as possibilidades de uma atividade de tertúlia musical dialógica no contexto de um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento;
- Identificar as contribuições do trabalho proposto para a sociedade em geral, para o campo da educação e da educação musical.

Para alcançar esses objetivos, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa nas páginas que se seguem: *De que maneira participar de uma tertúlia musical dialógica, revivenciar memórias e compartilhar processos educativos pode causar impacto na rotina de mulheres em processo de envelhecimento em um abrigo?*

CAPÍTULO 2

A CONVIVÊNCIA COM AS MULHERES PARTICIPANTES, A TEORIA E OS PROCEDIMENTOS QUE DERAM BASES METODOLÓGICAS À PESQUISA QUE SE REALIZOU NO ABRIGO.

Após algumas reflexões teóricas feitas no capítulo 1, passamos agora a descrever a metodologia adotada para a investigação que realizamos, como tentativa de responder à questão de pesquisa e atingir os objetivos apontados no capítulo anterior.

Foi adotada a abordagem qualitativa de pesquisa, a qual pressupõe “contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11), uma preocupação maior com o processo que com o produto, com o ambiente onde acontece a investigação, com a perspectiva apresentada pelas pessoas participantes, pretendendo descrever os dados, analisando-os de forma indutiva e orientada, ou seja, sem a constante busca de evidências advindas das hipóteses definidas e com um quadro teórico que orienta a coleta e a análise dos dados (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Além disso, esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito de uma prática social: a Tertúlia Musical Dialógica como lugar de humanização da vida em um abrigo de mulheres em processo de envelhecimento, que envolve as pessoas participantes e a pesquisadora, na busca pelos processos educativos e as memórias no contexto de um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento portadoras de demências senis ou não, e, ainda, tentando mostrar como esses processos podem contribuir para a educação, a educação musical e a sociedade em geral.

Na pesquisa realizada no âmbito das práticas sociais, buscamos procedimentos que humanizem e não considerem as pessoas como meros objetos a serem estudados, unicamente para o crescimento pessoal de quem investiga ou apenas para enriquecimento do próprio currículo. Para isso, é necessário que haja um compromisso verdadeiro com as pessoas e a realidade investigada, compromisso esse que supera a ordem vigente que quer transformar as pessoas em objeto de estudo:

O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço, de caráter humanista, centraliza-se no sentido da desmistificação do mundo, da desmistificação da realidade. Vê nos homens *com* quem trabalha – jamais *sobre* quem ou *contra* quem – pessoas e não “coisas”, sujeitos e não objetos. E se na estrutura social concreta, objetiva, os homens são considerados simples objeto, sua opção inicial o impele para a tentativa de superação da estrutura, para que possa também operar-se a superação do estado de objeto em que estão, para se tornarem sujeitos. (Freire, 1979, p.51).

Diante dessa escolha metodológica pela comunicação, pelo diálogo, pela convivência em uma realidade até então desconhecida, com a qual se deveria tomar o cuidado de controlar os próprios preconceitos e os julgamentos pessoais, fazendo um questionamento sobre o que se visse ou vivesse ali, tornou-se necessário um convívio mais intenso com essas pessoas para o estabelecimento do vínculo de amizade e confiança com as pessoas participantes, o que pôde ser feito através da música, ou seja, a partir das escutas. Esse vínculo é muito importante, pois como afirma Bosi (1994):

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. (p.38).

Assim, esse vínculo só é possível através de um intenso convívio, por isso buscamos uma convivência durante a intervenção, de forma a propiciar que a investigação envolvesse uma perspectiva *multicultural, dialógica, humanizante e libertadora* para as pessoas participantes e para a pesquisadora:

Nestas relações de convívio amistoso, tenso, acolhedor, excludente, se educam na sua humanidade, para a cidadania negada, conquistada, assumida. Entendemos que as pessoas estão em permanentes processos de educação. As pessoas se educam com as outras com as quais interagem. Nessa perspectiva o/a próprio/a investigador/a irá se educar, como pessoa e como investigador/a (GONÇALVES E SILVA et al, p.6).

Convivência que significou estar presente, vivenciar constantemente experiências com essas pessoas de uma maneira próxima, afetiva e comprometida. Convivência que precisou de simpatia, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade e, sobretudo, simplicidade, principal característica da igualdade, segundo Oliveira (2004):

Dna Creusa acrescenta à confiança, a simplicidade que nos põe como iguais, a partir da aceitação das diferenças. Que faz com que todos se sentem e tenham espaço para falar e ouvir. Sua ausência, diz, põe as pessoas falando sem sequer notar a presença do outro. Simplicidade não é pseudo-aceitação, muitas vezes contidas em falsas manifestações de apreço no encontro oportunista entre pessoas. A simplicidade autêntica permeia o fazer de quem a tem, uma simplicidade histórica que antecede o encontro e após ele, se mantém. (p.7).

Essa simplicidade na convivência foi também a busca de um compromisso verdadeiro. Compromisso com a transformação social, com a humanização e com a solidariedade na pesquisa social.

Assim, era pretensão desta investigação estruturar uma pesquisa social e uma ação educativa, o que de acordo com Brandão (1988) pressupõe saber em que consiste a realidade concreta, compreendendo-a não como apenas os fatos e os dados materiais envolvidos, mas também a percepção das pessoas que vivem esses fatos, sendo uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. Como pesquisadora, optei por procurar entender o que era essa realidade concreta, observando e analisando os fatos e os dados materiais que registrava nos diários de campo assim como a percepção que as mulheres participantes da pesquisa expressavam tanto nos encontros registrados nos diários quanto nas entrevistas realizadas. Dessa maneira, fazíamos parte da pesquisa tanto pesquisadora-participante como mulheres em processo de envelhecimento como sujeitos inteligentes capazes de interpretar e analisar a realidade concreta numa perspectiva de pesquisa libertadora:

Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, pesquisadores profissionais, de outro, os grupos populares e, como objetivo a ser desvelado, a realidade concreta. (Brandão,1988, p. 35)

Nesse processo de pesquisa, foi importante a concepção de uma pesquisadora que é participante, mas também a compreensão de que é alguém de fora, que não vive a realidade pesquisada, mas que convive com as pessoas que a vivem para tentar entendê-la melhor junto às participantes. Assim,

O pesquisador deve esforçar-se para ir pouco a pouco, sendo aceito pelo grupo. Mas ele precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora e se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento irá embora (Brandão,1988, p.27).

Esse é um âmbito fundamental da pesquisa participante que tem como princípios metodológicos a autenticidade e o compromisso, autenticidade de mostrar quem é o pesquisador que não precisa se disfarçar para ser aceito na comunidade, e compromisso com as pessoas e a realidade pesquisada na qual deve ser feita a inserção do pesquisador. Inserção que é aproximação paciente e honesta, em uma realidade sócio-cultural que não lhe pertence, implicando identificação com os protagonistas da realidade com que se envolveu e recuo que permita ao pesquisador uma reflexão crítica sobre a experiência vivida com essas pessoas (Brandão, 1988).

2.1 O ambiente do abrigo na perspectiva da pesquisadora: entre o quarto, o jardim e o refeitório.

A pesquisa aconteceu em um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento da cidade de Ribeirão Preto que, na perspectiva da pesquisadora, é um local agradável e acolhedor, ao mesmo tempo em que é tenso e triste. Agradável e acolhedor, pois logo na entrada tem um lindo jardim com belas palmeiras e uma fonte que fica de frente para o corredor, onde ficam as mulheres, sentadas nos bancos em frente aos quartos. Tenso e triste por causa do ambiente emocional em que se encontram as mulheres afastadas de suas próprias casas e famílias, ficando sem ter o que fazer o dia todo, sentadas no corredor ou deitadas na cama, enquanto esperam o tempo passar.

Geralmente as mulheres que ainda não estão totalmente acamadas permanecem sentadas nos bancos de frente para o jardim quando não estão no refeitório fazendo algum lanche, vendo televisão e simplesmente sentadas; ou ainda podem ir para suas camas deitar um pouco ou dormir. Quando se sentam nos bancos do corredor ou nos sofás do refeitório, algumas vezes se sentam sozinhas, outras vezes sentam juntas e conversam ou simplesmente sentam-se ao lado de suas companheiras e ficam com o olhar voltado para o jardim, para a televisão ou simplesmente para frente.

Nos quartos, que são divididos com uma, duas ou três companheiras, ficam as camas e os pertences de cada uma, algumas possuem televisão, rádio e outros aparatos, outras apenas as camas e o guarda roupa. No corredor, os bancos ficam de frente para o

jardim onde elas podem se sentar. No refeitório, quatro mesas grandes e várias cadeiras, dois sofás, uma televisão, duas portas de acesso aos corredores e uma porta de entrada para a cozinha, onde fica uma pessoa que faz a comida, serve água e alimentos às mulheres.

No abrigo tem ainda um pequeno escritório e uma dependência para guardar os remédios, onde a enfermeira separa os remédios de cada uma e leva para elas no lugar em que estiverem.

O refeitório e o corredor são lugares onde elas podem se encontrar com as outras companheiras que não são do seu quarto, podem ainda receber visitas e ver o pequeno movimento da ruazinha, logo atrás de uma movimentada avenida.

Assim, as mulheres em processo de envelhecimento moradoras do abrigo podem transitar entre o quarto, o corredor e o refeitório do prédio que mantém os portões sempre trancados para que a enfermeira, a cozinheira e a outra cuidadora que coordena e ajuda em todas as atividades possam fazer o seu trabalho sem se preocupar que nenhuma das mulheres saia às ruas, pois se isso acontecer terão que prestar contas às famílias que, por algum motivo ou necessidade, abrigaram suas trinta e nove mães, tias ou avós no abrigo sob a responsabilidade dessas três mulheres que fazem o turno da tarde e outras que fazem o turno da manhã e da noite no abrigo.

2.2 Dançarinas, cantoras e apreciadoras de música: um pouco de cada participante da tertúlia musical dialógica no abrigo

Das trinta e nove mulheres moradoras do abrigo, dezesseis participaram da atividade realizada. Neste tópico descreveremos brevemente cada uma das mulheres participantes, com base nas observações feitas e nas conversas com as mulheres cuidadoras. Os nomes foram trocados como procedimento ético para garantir a preservação da identidade das participantes. O critério estabelecido para a substituição dos nomes verdadeiros foi a busca de músicas que fizeram parte ou não dos encontros realizados que têm como título nome de mulheres, ou ainda nomes de dançarinas e musicistas famosas. Não foi considerado o diagnóstico médico constante na ficha das participantes, pois este dado não seria relevante para este trabalho.

Passo agora a descrever as mulheres participantes da pesquisa, procurando fazer uma breve caracterização, com o intuito de relatar previamente os aspectos mais relativos ao comportamento que cada uma apresentava costumeiramente durante as reuniões realizadas.

Dona Isadora³ tem 78 anos é portadora de mal de alzheimer, mas a doença não se encontra em um fase muito avançada, tem dificuldade para se lembrar de acontecimentos recentes e fala de acontecimentos do passado como se estivessem acontecendo no momento, gosta muito de dançar e de se expressar através de seu corpo, era muito comum ela dançar e estender as mãos convidando as outras mulheres para a dança ou ainda beijar as companheiras durante a execução de seus movimentos pelo salão enquanto escutava as músicas na tertúlia.

Dona Amélia⁴ tem 79 anos, tem dificuldade em escutar e fala muito pouco. Sempre agradecia a mim por estar ali ao final da atividade com um abraço e um beijo, algumas vezes pedia a música “Mazurca” que ainda não conseguimos encontrar e sempre que indagada sobre as músicas escutadas ela dizia que eram todas bonitas e que eu poderia tocar o que quisesse.

Dona Annita⁵ tem 88 anos, fala pouco na tertúlia e costumava dizer que qualquer música para ela estava bom até o dia em que expressou sua preferência por uma das músicas e até mesmo quando fez observações sobre uma outra música. Ela sempre fica muito agradecida quando vou ao quarto chamá-la para participar da atividade, sempre dando um beijo no meu rosto e dizendo que gosta muito das músicas.

Dona Clara⁶ tem 65 anos, tem dificuldade em falar e apresentou uma mudança de humor no decorrer dos encontros em que realizamos a tertúlia musical; nos primeiros dias da atividade estava sempre muito nervosa e brigava com as companheiras ou comigo, depois começou a participar e a mostrar prazer na atividade, seu humor ainda varia a cada dia.

³ Isadora Duncan foi uma dançarina norte americana , precursora da dança moderna.

⁴Música “ Ai Que Saudade da Amélia” (Ataulfo Alves/Mário Lago) foi gravada por Ataulfo no dia 27.11.41

⁵ Polca brasileira escrita por Chiquinha Gonzaga, dedicada a artista Annita Manarezzi.

⁶ Clara Sverner foi uma grande pianista brasileira.

Dona Zizinha⁷ tem 84 anos, é evangélica e possui uma apreciação especial por hinos sacros, sempre conta suas experiências na igreja e na vida que passam pelas vivências que teve com a família e a gratidão que sente pela vida. Está no abrigo por escolha própria e se mostra muito grata pelo lugar onde vive, sempre sorrindo e agradecendo a Deus por tudo.

Dona Magdalena⁸ tem 85 anos, repete sempre que casou cedo, que não aproveitou a vida, que tem a casa dela, mas está na casa de repouso, pergunta sempre se eu já casei e diz para eu não casar cedo, os filhos e as filhas dela sempre a buscam nos finais de semana e a levam para suas casas. Sempre diz que as músicas que ouvimos na tertúlia estão boas e que gosta de tudo o que ouvimos.

Dona Rosa⁹ tem 81 anos, gosta muito de valsa e sempre conta que dançava muito antes de ir para o abrigo, conta que morou com seus avós e freqüentava muitos bailes, aprendendo a dançar de tudo, sempre diz que gosta também de música jovem, que não é por que é velha que só gosta de música velha, revela suas preferências pelas valsas de Francisco Petrónio e pelas músicas sertanejas em suas escolhas.

Dona Estelinha¹⁰ tem 77 anos, está sempre com dona Branca e dona Danúbia, fala pouco e sorri muito, sempre diz que gosta de todas as músicas que ouvimos, pois para ela todas as músicas são boas, sempre cantarola as melodias e batuca nas mesas demonstrando que está gostando de alguma música, em alguns momentos não se manifesta.

Dona Branca¹¹ tem 73 anos, fala bastante e é ansiosa, parece querer que as coisas aconteçam sempre muito rápidas, não é muito paciente para escutar as companheiras, sempre que começa muita conversa ela já escolhe outra música. Fala sempre do seu marido e de seus filhos e sua paixão pela dança, a vontade de dançar e a impossibilidade por causa da dor muito forte nas pernas. Gosta muito das músicas do Carlos Galhardo e da Valsa Branca (Zequinha de Abreu), que sempre pede para tocar, assim como a Valsa do Imperador (Strauss).

⁷ Polca de Ernesto Nazareth dedicada à aluna Zizinha Ripper.

⁸Magdalena Tagliaferro: pianista brasileira, considerada uma das grandes do século XX tornando-se uma referência interpretativa.

⁹ Valsa de Pixinguinha e Otávio de Souza: "Tu és divina e graciosa, estátua majestosa .Do amor, por Deus esculpura"

¹⁰ Estelinha Epistein foi uma pianista brasileira que era uma excelente intérprete de Mozart e de Scarlatti.

¹¹ Valsa de Zequinha de Abreu, dedicada à Branca Barreto, filha do chefe da estação ferroviária de Santa Rita do Passa Quatro, terra do compositor.

Dona Chiquinha¹² tem 65 anos, gosta de músicas animadas e não é muito afeita a músicas apenas instrumentais, como as valsas de Strauss ou os hinos sacros, diz que essas músicas são de defunto e que quer animação, está sempre com dona Zefa e pede as músicas que a amiga gosta para que ela também se anime.

Dona Zefa¹³ tem 85 anos, e certa depressão, mostra uma expressão sempre triste, exceto quando está dançando seus forrós favoritos ou as músicas sertanejas mais animadas. É a companheira inseparável de dona Chiquinha e quase não fala durante a atividade.

Dona Conceição¹⁴ tem 61 anos, foi professora e sofreu um acidente que a deixou imobilizada e com dificuldade de fala. É amante do Cauby Peixoto e participa da tertúlia em sua cama já que o seu quarto fica de frente para o refeitório, sempre que ela quer falar eu vou até o quarto para ouvi-la e digo às outras mulheres o que ela disse, quando é possível a cuidadora coloca-a numa cadeira de rodas e ela fica com a gente no refeitório.

Dona Danúbia¹⁵ tem 87 anos, é apaixonada pelas valsas de Strauss e sempre conta emocionada que já foi rainha do baile, em alguns momentos dança pelo refeitório com a postura e o brilho nos olhos de quem está em um grande salão de baile.

Dona Guiomar¹⁶ tem 54 anos e participa pouco da tertúlia, quase não fala e fica no refeitório só ouvindo as músicas, diz que gosta muito de música sertaneja.

Dona Iracema¹⁷ tem 76 anos, gosta muito de dançar músicas sertanejas e canta muito bem suas letras, arrisca sempre cantar sem o acompanhamento do disco compacto quando quer dizer quais as músicas que quer escutar, conta que se lembra sempre do irmão quando ouve essas músicas.

Dona Celly¹⁸ tem 53 anos e gosta muito das músicas da jovem guarda e de rock and roll, ela não fala e se expressa através de gestos corporais feitos com as mãos e com o rosto; ela não anda, está sempre em sua cadeira de rodas e demonstra sua alegria ao ouvir suas músicas preferidas e sua emoção ao se lembrar de sua avó.

¹² Grande compositora, pioneira maestrina brasileira, sempre lutadora Chiquinha Gonzaga contribuiu para a formação do nosso nacionalismo musical e, tantas vezes pioneira, teve a coragem de viver, com intensidade e desassombro, tudo o que lhe ditava o coração de mulher adiante do seu tempo.

¹³ Música “No forró da dona Zefa” de Dominginhos.

¹⁴ Música “Conceição”, um dos maiores sucessos de Cauby Peixoto.

¹⁵ A Valsa “Danúbio Azul”(Strauss) é a preferida desta participante.

¹⁶ Guiomar Novais foi uma grande pianista brasileira.

¹⁷ Música “Iracema”(Demônios da Garoa).

¹⁸ Celly Campelo foi uma cantora e precursora do rock no Brasil, surgindo antes que a Jovem Guarda.

Essas dezesseis mulheres, com suas características específicas, cada uma com sua vivência e com suas lembranças reúnem-se comigo para ouvir músicas do repertório clássico toda semana, contando sua rica experiência de vida ao revivê-las musicalmente e vivenciando novas experiências juntas em um processo dialógico.

É importante, ainda, falar um pouco sobre a cuidadora que se prontificou a ser entrevistada para nos ajudar a visualizar o impacto da atividade na rotina do abrigo, essa cuidadora convive diariamente com as participantes, tendo seus afazeres que não permitem que ela também esteja presente nas atividades de tertúlia, mas ela está mais tempo na companhia dessas mulheres e tem mais elementos para analisar as mudanças provocadas na rotina das participantes com o desenvolvimento da atividade. Para ela, adotamos o nome de Diva, que em latim significa divindade, por causa da importância de seu trabalho e pelo aspecto quase divino que se pode atribuir a ele.

2.3 A coleta de dados

A coleta de dados foi feita a partir de encontros musicais e dialógicos realizados semanalmente, com a duração de uma hora e descritos em um diário de campo a partir das observações feitas pela pesquisadora que também era uma participante e moderadora da atividade.

Em outro momento, depois dos catorze encontros realizados durante a coleta, foi realizada uma entrevista com a coordenadora do abrigo, que é uma das cuidadoras presentes no turno da tarde, e outras duas entrevistas com duas participantes que não tinham comprometimento na memória a longo prazo e, assim, poderiam se lembrar dos encontros realizados e falar sobre eles.

2.3.1 Os encontros registrados no diário de campo: ouvindo e dialogando sobre música e vida.

O primeiro procedimento foi buscar a autorização para a realização da atividade e da pesquisa no abrigo. Entramos em contato com a pessoa responsável pelo abrigo por telefone e ela pediu que levássemos até o abrigo uma explicação por escrito do

que seria a atividade e a pesquisa. Depois disso, recebemos um telefonema da pessoa responsável permitindo a realização da atividade e da pesquisa no abrigo.

Como segundo passo, fui até o abrigo propor a atividade às pessoas participantes. Ao chegar no local, no primeiro dia, pedi ajuda da coordenadora para chamar as mulheres para a atividade, ela propôs que as chamaria para o café e eu falaria o que pretendia fazer. Durante o café interagi com algumas delas, depois pedi que elas ficassem e disse o que pretendia fazer, ouvimos algumas músicas, conversamos, e saí dali com muitas inquietações, pensando que talvez não encontrasse as respostas como imaginava que poderia ser:

Fui caminhando até o meu local de trabalho, que fica no mesmo bairro, numa caminhada de meia hora, aproximadamente, para pensar nas questões que estavam me afligindo. Como dizer a elas o que é a atividade? Como dizer sobre a pesquisa? Como perguntar se elas permitem que eu faça a pesquisa? Muitas delas não conseguem nem assinar a autorização. Como fazer a tertúlia? Como dialogar com essas pessoas? Será que vai dar para fazer pesquisa comunicativa? São muitas minhas inquietações, mas acho que não posso desistir de fazer a tertúlia e a pesquisa com essas pessoas afinal estou defendendo que todas as pessoas podem aprender e ensinar independente da idade e a tertúlia tem como princípio a inteligência cultural que diz que todas as pessoas são capazes de aprender reportadas ao contexto em que estão inseridas. Desistir da tertúlia e da pesquisa neste espaço seria negar um dos princípios da aprendizagem dialógica, e dizer que essas pessoas não podem aprender nem ensinar. Porém sei que terei um grande trabalho para fazer, um desafio a vencer! (Diário de campo do dia 13 de abril)

Depois dessas inquietações, meu primeiro desafio era vencer meu próprio preconceito de que elas não seriam capazes de me entender, então, na semana seguinte, expliquei o que anotava e perguntei se poderia utilizar como uma pesquisa, elas concordaram:

Expliquei a elas que eu anotava as coisas que conversávamos nos encontros para depois fazer um trabalho resultante em uma pesquisa, que eu anotava as memórias que a música despertava. Perguntei se eu poderia continuar anotando e se poderia escrever depois um trabalho com as anotações dos nossos encontros, perguntei isso uma a uma, ao que responderam que sim (Diário de campo do dia 20 de abril)

A partir deste dia fazia as anotações sem medo já que a autorização formal tinha sido dada pela coordenação do abrigo, mas agora contava também com a concordância em participar da atividade e da pesquisa das mulheres moradoras do abrigo.

Assim, começamos a estruturar a proposta da Tertúlia Musical Dialógica de acordo com o contexto apresentado. Nós nos sentávamos em torno da mesa, o aparelho de som ficava bem no meio, com os discos compactos espalhados em cima da mesa. Como também era moderadora da atividade, ia lendo os títulos das músicas que tinha em mãos e as mulheres escolhiam o que queriam ouvir, não houve a possibilidade de escolher diversas obras previamente, gravar em um disco compacto para que todas pudessem levar para casa e escutar, as participantes não tinham aparelhos de tocar esses discos em seus quartos. Assim, foram feitas algumas modificações na proposta de funcionamento da tertúlia, esta foi uma delas. O quadro abaixo mostra como a dinâmica foi se estabelecendo:

Quadro 1: Estabelecimento da dinâmica da atividade

Sáimos novamente pelo corredor chamando quem gostaria de participar da atividade, perguntando quem gostaria de ir ao refeitório escutar músicas. Elas foram chegando e se acomodando nas cadeiras em torno da mesa (20 de abril)

Fui para o refeitório e comecei a arrumar as coisas, retirei o aparelho de som da mochila, e comecei ligá-lo, retirei os CDs e os pus sobre a mesa (23 de maio)

Comecei conversando sobre o horário. Decidimos durante a conversa que seria melhor uma hora de atividade, elas disseram que se cansam de ficar ali muito sentadas, então propus que fosse das 15:30 às 16:30 que não atrapalha o horário do jantar delas nem meu horário no trabalho. Elas concordaram e fechamos nesta combinação. (25 de maio)

Comecei a dizer os estilos que tinha comigo, valsas, chorinhos, hinos, enfim, elas escolheram ouvir Valsa. Dentre as valsas fui lendo os títulos e a escolhida foi uma valsa de Strauss intitulada “Valsa de Aniversário”. Nós a ouvimos.(13 de junho)

Coloquei o cd para tocar e enquanto ouvíamos chegaram D. Rosa e D. Estelinha. Quando acabou eu disse “Olá D. Rosa, escutou a valsa e veio pra cá hein” Ela respondeu, “Ah, foi a Sueli que falou para eu vir aqui”(Sueli é outra cuidadora) (20 de junho).

A partir do quadro, podemos observar como foi se estabelecendo a dinâmica da atividade que deveria ser semanal, com até duas horas de duração, de acordo com o combinado entre as pessoas participantes. No abrigo começamos com duas horas de atividade, mas depois acabamos combinando que seria de apenas uma hora de atividade das 15h30min às 16h30min na sexta feira. Podemos observar ainda que as mulheres escolhiam participar ou não da atividade, quando passava no corredor elas eram convidadas, e quando queriam iam para o refeitório participar, não eram todas que estavam sentadas no corredor

que participavam. As cuidadoras incentivavam as mulheres a participar, algumas delas chegavam ao meio da atividade dizendo que as cuidadoras tinham sugerido que elas fossem para a atividade.

O aparelho de som e os discos compactos eram trazidos pela pesquisadora-participante, os cds em sua maioria pertenciam a ela mesma, eram emprestados por amigos ou montados com músicas baixadas da *internet*. Na dinâmica estabelecida as mulheres sempre tinham a oportunidade de dizer, ao final dos encontros, que músicas gostariam que ouvíssemos nos encontros subseqüentes, ou ainda estilos e/ou autores que ainda não tivéssemos no repertório para que eu pudesse buscá-las durante a semana e trazer para os próximos encontros. Durante os encontros, eu ia sempre dizendo todos os estilos, cantores, compositores e músicas para que a escolha pudesse ser feita a partir do material que tínhamos em mãos.

Assim, o diálogo ia acontecendo e a atividade se configurando de acordo com o contexto do abrigo, possibilitando a interação, as memórias, os processos educativos e um clima de muita alegria e emoção entre participantes e pesquisadora-participante.

Esses encontros foram registrados em diário de campo para que, posteriormente pudessem ser analisados. De acordo com Sidnei Costa Alves, em “A memória do pesquisador”, a prática sistemática desses registros *é um importante recurso metodológico para uma maior compreensão e explicação dos dados coletados por outras técnicas, como questionário, entrevistas gravadas ou histórias de vida*, o diário de campo é um importante instrumento de memória para o pesquisador.

Assim, os fatos que aconteciam, as memórias relatadas, as músicas escutadas, sugeridas, pedidas, os comentários, enfim tudo o que era possível observar ia sendo anotado no diário de campo para que na etapa posterior pudessem ser retomados e analisados.

O diário de campo, advindo da participação da pesquisadora na atividade com as mulheres do abrigo, foi um importante instrumento para a análise das interações das quais decorreram as expressões não-verbais, visto que estas puderam ser observadas durante os encontros e registradas nos diários. Há também, nos diários, o registro de algumas interações que resultaram em expressões verbais.

2.3.2 As entrevistas

A entrevista é um instrumento na pesquisa qualitativa que serve para fornecer dados que ajudem a compreender as relações entre a realidade pesquisada e as pessoas inseridas nesta realidade, possibilitando uma compreensão mais detalhada de atitudes, valores, motivações, etc. das pessoas em contextos específicos. Assim, é fundamental definir os objetivos da entrevista a ser realizada para saber quem entrevistar e se essa entrevista será uma conversa informal, será uma conversa semi-estruturada ou contará com um roteiro padronizado. (SILVA, 2006).

Definido o tipo de entrevista a ser realizada, é necessário que as pessoas entrevistadas sejam informadas do objetivo da entrevista precisando revelar sua intenção em participar deste contato inicial feito pela pesquisadora:

O pesquisador precisa revelar suas intenções para poder existir correspondência entre seus objetivos e os das pessoas entrevistadas, convencendo-as de que seus direitos serão respeitados. (SILVA, 2006, p. 9 e 10)

Por este motivo, neste trabalho, as pessoas entrevistadas foram informadas do objetivo das pesquisas e assinaram a autorização concordando em participar das entrevistas realizadas. (vide anexo)

O registro dos dados pode ser feito pela gravação direta ou pela anotação durante a entrevista, sendo que o primeiro modo de registro é mais completo. Essa decisão é tomada em acordo com a pessoa entrevistada, que nem sempre se sente à vontade em falar com um gravador do lado. A entrevista gravada deve ser transcrita, o que é uma operação bastante dispendiosa. Por outro lado, as anotações durante a entrevista podem deixar de lado aspectos importantes abordados pelas pessoas entrevistadas, exigindo um esforço de atenção do pesquisador e um tempo necessário para escrever. (SILVA, 2006). Neste trabalho, optamos pelo uso do gravador que foi aceito por todas as mulheres entrevistadas e pela transcrição das gravações.

Para esta investigação, foram realizadas três entrevistas: uma com a coordenadora do abrigo que é uma das pessoas cuidadoras que convive diariamente com as mulheres moradoras do abrigo e duas com as mulheres participantes da atividade de Tertúlia Musical Dialógica.

Para Bosi (2003) a entrevista ideal é aquela que permite formação de laços de amizade, pois da qualidade do vínculo, depende a qualidade da entrevista. Por isso, as entrevistas com as mulheres participantes da atividade tiveram uma qualidade melhor no que diz respeito às informações colhidas, já que havia um vínculo maior com essas mulheres, com quem semanalmente compartilhávamos músicas, memórias, nossas vidas. Com a cuidadora, o vínculo era o de chegada e saída com conversas curtas, por isso sua entrevista forneceu poucos dados que mesmo assim foram muito significativos nesta investigação.

A entrevista com a cuidadora teve o objetivo de saber quais mudanças foram observadas por ela no dia-a-dia das senhoras participantes a partir da realização da tertúlia e como elas avaliavam a realização da atividade no abrigo. Primeiramente, informei o objetivo da entrevista e combinamos um dia para nos encontrarmos no abrigo para a realização desta. Teria que ser um dia em que as três cuidadoras estivessem no abrigo para que ela pudesse sair um pouco, pouco mesmo, de seus afazeres para a realização desta. Marcamos dia e horário, e fizemos a entrevista em quinze minutos, que era o tempo de que ela dispunha. Além disso, nosso vínculo não era tão profundo e como já foi dito, as informações foram poucas, mas muito precisas, muito bem explicadas e significativas.

As entrevistas com as mulheres participantes decorreram da entrevista com a cuidadora que confirmou a hipótese que eu tinha de que essas mulheres não eram portadoras de demências e poderiam fornecer informações mais precisas e próximas da realidade concreta. No mesmo dia, então, depois de entrevistar a cuidadora, fui aos quartos dessas mulheres, expliquei o objetivo da entrevista e perguntei se elas queriam participar, concordaram e na mesma hora fizemos a entrevista.

Esbocei um roteiro com os termos que tinha a intenção de saber e também deixei a conversa fosse fluindo normalmente com cada um delas, como em uma conversa informal, mas com o objetivo claro de tentar entender como a participação na tertúlia musical dialógica era vista por essas mulheres, bem como o compartilhar as memórias, a importância deste ato e a avaliação que elas faziam de tudo isso. Obtivemos dados muito importantes para este trabalho, por isso as entrevistas consistiram em um procedimento metodológico muito importante, tanto quanto as anotações em diário de campo dos acontecimentos verbais e não-verbais no decorrer dos encontros. Assim, ambos os

instrumentos forneceram um material muito rico que ajudou consideravelmente na tentativa de responder à questão de pesquisa.

2.4 A análise dos resultados

Através dos registros em diário de campo e das entrevistas realizadas foi feita a análise dos dados da observação participante, realizando a descrição e a reflexão sobre os acontecimentos que dizem respeito aos processos educativos, às memórias e ao impacto da tertúlia musical dialógica na vida das pessoas idosas. Além disso, foi feita uma análise qualitativa, com a identificação de categorias empíricas e categorias analíticas nos dados obtidos nos diários e nas falas de algumas pessoas entrevistadas.

Para Minayo (2006), as categorias empíricas são aquelas com finalidade operacional, visando o trabalho de campo ou a partir dele, tendo como propriedade apreender as determinações e especificidades que se apresentam em uma realidade empírica, ou seja, encaixam-se nessas categorias os dados que dizem respeito às propostas do trabalho de campo e que foram sendo apresentados no decorrer dos encontros realizados, como por exemplo, a memória, os processos educativos decorrentes da música, as questões que se apresentaram sobre tertúlia musical dialógica, entre outros.

A mesma autora define categorias analíticas como aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e marcam profundamente o conhecimento do objeto, ou seja, aquelas relações sociais que aconteceram no decorrer do trabalho de campo e que foram muito importantes no desenvolvimento do trabalho como a solidariedade, as transformações, a criação de sentido.

Para uma melhor visualização das análises feitas, os dados foram organizados em quadros, nas diferentes categorias e de acordo com os temas recorrentes na tertúlia referentes às relações estabelecidas entre as mulheres em processo de envelhecimento, entre essas mulheres e a pesquisadora-participante, entre todas as participantes (incluindo a pesquisadora) e a música, ressaltando processos educativos muito importantes na tertúlia musical dialógica, na educação musical e na sociedade. Além disso, foram feitas análises das memórias dessas mulheres e sua importância no processo de envelhecimento que estão vivendo, suas relações com a música e a sociedade.

Após essa breve reflexão sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, passo a escrever sobre esses temas que até o presente momento fazem parte da tentativa de atingir os objetivos propostos e responder à questão de pesquisa no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 3

A VELHICE E A JUVENTUDE, OS PROCESSOS EDUCATIVOS, AS MEMÓRIAS E A TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA.

Nessa busca por processos educativos e memórias como caminho para a libertação dos processos excludentes vividos na velhice, após fazer as entrevistas e o diário de campo das observações participantes realizadas foi possível definir algumas categorias empíricas e outras categorias analíticas para proceder à análises do dados obtidos a partir da visão de algumas participantes, de uma das cuidadoras do abrigo e da própria pesquisadora-participante.

As categorias que sustentam as relações sociais marcando o conhecimento do objeto, ou seja, as categorias analíticas advindas dos processos educativos vivenciados na interação foram: velhice e juventude; solidariedade e egoísmo; criação de sentido e perda de sentido; interação verbal e interação não-verbal.

As categorias empíricas (que foram se delineando no decorrer do trabalho de campo) que constituíram e se apresentaram durante o processo de realização do trabalho de campo foram: memória, sua importância e suas relações com a música e com a sociedade; o impacto, os limites e as possibilidades da atividade de tertúlia musical dialógica desenvolvida no abrigo e a importância dos clássicos musicais nesta atividade.

Essas categorias foram organizadas em quadros e analisadas de acordo com os processos educativos vivenciados na tertúlia musical dialógica, as memórias relatadas durante os encontros as interações a partir das músicas, o impacto na rotina do abrigo, considerando ainda as visões expressas pelas mulheres participantes da atividade.

Assim, as análises foram feitas à luz do referencial teórico na tentativa de explicar e embasar a questão proposta, tentando entender como os processos educativos compartilhados, as memórias revividas e as interações com a música e entre as participantes causam impacto na vida dessas mulheres.

3.1 Velhice e juventude

A análise que pretendemos fazer passa pela reflexão sobre a velhice feita pelas mulheres em processo de envelhecimento, a pessoa cuidadora e a pesquisadora-

participante, buscando também o que a literatura diz a respeito de um dos temas centrais desta investigação, que se propõe a investigar formas de libertação dos processos de opressão vividos na velhice.

Nessa busca, encontramos momentos em que as participantes expressaram suas visões sobre velhice e juventude, expressando-se sobre a velhice que vivem ou que compreendiam diferente da ordem opressora vigente e da juventude que viveram ou que viam na pesquisadora.

Quadro 2: Velhice e juventude

Velhice	Juventude
<p>Porque gente velha aqui não tem muito ânimo (...)que dá um pouquinho de amargura porque a gente já tá muito velha,velha agora né, (D. Branca, entrevista)</p> <p>Sara: Bom,eu faço esse trabalho porque eu acho muito importante resgatar essas memórias, porque eu acho que vocês tem muito o que ensinar pra gente diferente dessa visão,de que, ah, envelheceu, fica lá encostado, não tem mais nada a oferecer, eu penso diferente, eu acho que vocês tem muito a oferecer, e que ouvir o que vocês tem pra dizer, é muito importante,a senhora acha que é importante pra senhora também? (entrevista dona Zizinha)</p> <p>Zizinha: Você já pensou na vida da gente, na idade que eu estou, o que eu já não passei. Mas feliz da vida, sempre lutando, ajudando a minha família. Tem tanta gente na minha família que estão bem, eu ajudei eles. (Entrevista dona Zizinha)</p>	<p>Não, porque você é uma menina tão nova, e no meio dessas velhas, eu fico com dó de você, eu tenho medo que você canse(...) a gente tá muito velha e precisava ser mais nova pra dançar,pra brincar.(Dona Branca, entrevista)</p> <p>D.Antonina comentou que a música era muito boa porque a fazia lembrar a juventude(diário dia 20 de abril de 2007)</p> <p>É muito bonita, faz a gente lembrar o passado, quando a gente era nova, animada, é...passou, passou, não volta mais(diário de 27 de junho de 2007)</p>

Da análise do quadro 2 podemos observar diferentes visões sobre a velhice que de acordo com Bosi (1994) é um destino do indivíduo e uma categoria social, uma fase em que as pessoas estão à margem da ação, fora do mercado de trabalho e vivendo em uma sociedade capitalista que rejeita as pessoas nessas condições porque não podem mais produzir.

Assim, a juventude passa a ser uma saudade, dos tempos em que ainda se podia ter serventia à sociedade, pois ainda produziam e podiam fazer muitas coisas que não podem mais, tempo em que eram animadas e que não pode ser trazido de volta a não ser em

suas recordações quase que como um alento e um refúgio nos novos tempos em que os jovens com quem convivem podem acabar se cansando, pois podem rejeitar sua experiência de vida e seus conselhos, desarmando-as e oprimindo-as, provocando certo desânimo ou até mesmo amargura e medo, já que não podem mais fazer o que faziam antes, como aponta o depoimento de dona Branca ao falar com a pesquisadora: *porque você é uma menina tão nova, e no meio dessas velhas, eu fico com dó de você, eu tenho medo que você canse.*

Entretanto, a visão que este trabalho aborda é outra, afirmada por mim como pesquisadora, acreditamos que essas pessoas têm *muito o que ensinar pra gente, têm muito o que oferecer* porque carregam dentro de si uma experiência singular e coletiva que mostra coisas que nem imaginávamos que poderiam existir, tendo grande serventia para a sociedade, como na lenda balinesa contada por Eclea Bosi:

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base do cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado. (Bosi, 1994.p. 76/77)

Talvez ainda, nesta sociedade capitalista poderíamos afirmar que isso só acontece em lugares que desconhecem a escrita, que é fundamental também para guardar informações, mas de que valem as informações sem a experiência? Vale a pena desprezar alguém que viveu tanto, passou por tantas experiências e lutou por uma vida mais digna para si e sua família? Dona Zizinha nos leva a refletir sobre o assunto:

Você já pensou na vida da gente, na idade que eu estou, o que eu já não passei. Mas feliz da vida, sempre lutando, ajudando a minha família. Tem tanta gente na minha família que estão bem, eu ajudei eles. (Entrevista dona Zizinha)

Acreditamos que a resposta à última pergunta é não, concordado com Bosi(1994) quando diz que é necessário um engajamento durante a velhice em causas que dêem significado aos gestos cotidianos, e mais ainda é preciso a recriação da vida, da

sociedade, das relações humanas doentes para que “nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade”.(p. 81). Foi nesta perspectiva que a proposta desta pesquisa atuou.

3.2 Processos educativos vivenciados na tertúlia musical dialógica

De acordo com Freire (1979), o ato de educar-se tem caráter permanente, pois todos estamos nos educando em todo momento. Assim, entendemos que os processos educativos estão presentes na vida desde o nascimento até morte, sendo eles os momentos de ensinar e aprender que acontecem nas relações com as outras pessoas e com o mundo nos educando a estar *com* os outros numa convivência humana e pacífica.

Nos processos educativos entre as mulheres em processo de envelhecimento pudemos perceber como categorias analíticas a *solidariedade e o egoísmo* presente em nas relações sociais, a *perda de sentido* quando se vive uma situação em que acreditam não ter mais serventia e a *criação de sentido* no realizar uma atividade em conjunto e poder compartilhar seus gostos, suas vivências, suas vontades. Podemos ainda observar categorias empíricas como algumas *mudanças de atitudes* pela possibilidade da interação e algumas *condutas estimuladas pela música* e que expressam as relações estabelecidas com a música e com música e movimento através da interação verbal e da interação não-verbal. Então, passamos a analisar cada uma dessas categorias nas páginas que se seguem.

Nas relações vividas durante a realização dos encontros da tertúlia musical dialógica, as mulheres em processo de envelhecimento mostraram práticas solidárias com as colegas que tinham alguma dificuldade, tentando ajudá-las mutuamente a partir da atividade musical, mas também podemos ver um momento em que a própria vontade quer ser colocada em detrimento da participação de outra pessoa, demonstrando uma ação de egoísmo, que se opõe à solidariedade. As práticas solidárias são imprescindíveis ao processo de libertação por serem práticas que humanizam, mas as práticas egoístas nos afastam ainda mais deste processo e reafirmam práticas opressoras. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 3: Solidariedade e egoísmo

Solidariedade	Egoísmo
<p>Começamos a escutar e D. Branca se levantou. D. Danúbia ainda não tinha chegado e ela estava preocupada com a amiga que estava tendo um momento no qual não se lembrava que estava no abrigo e pensava ter que ir embora porque tinha deixado o pai e o filho sozinhos e porta aberta. Ela voltou no meio da música com a D. Danúbia que foi dançar(...)D. Danúbia continuava querendo ir embora, e as colegas sempre diziam para eu tocar outra valsa rápido que ela se esquecia e dançava, diziam que estavam gostando muito de ouvir as valsas e vê-las dançar. (25 de maio).</p> <p>Dona Branca sempre dizia para tocar uma música do Cauby para a Conceição porque ela estava no quarto e gostava muito deste cantor. (07 e 14 de agosto)</p> <p>Neste momento Dona Danúbia estava muito agitada em sua cadeira de rodas, tentando se levantar a todo o momento quando não podia fazê-lo porque tinha quebrado o fêmur. <i>Então, Dona Branca sugeriu que a gente parasse a conversa e ouvisse uma valsa para que ela se acalmasse, pois Dona Danúbia gosta muito de valsa. Todas concordaram</i>, então escolhemos a Valsa do Imperador (...) Houve silêncio e mais uma vez a agitação de Dona Danúbia, novamente Dona Branca disse para colocarmos logo uma valsa porque assim ela se acalmava, então concordamos e colocamos a valsa. (11 de julho).</p>	<p>Quando acabou de tocar a música, perguntei se alguém queria dizer alguma coisa sobre a música e contei para D. Iracema como costumávamos fazer e se ela quisesse dizer alguma coisa...Ela disse que a música era uma beleza, muito bonita, bem tocada e que gostava de ouvir, contou que tinha uma voz bonita pra cantar e arriscou uma pequena melodia, contou que gosta muito de cantar hinos e que sempre cantou na igreja, completou dizendo que hinos religiosos são muito bonitos! <i>D. Branca interrompeu a fala da colega e, impaciente disse para colocar outra música logo se não a gente não ia ouvir nada</i>(20 de junho)</p>

Como podemos observar no quadro 3, dona Branca e as outras mulheres participantes da tertúlia musical dialógica no abrigo fazem ações de solidariedade, que é ajuda mútua e também compromisso com a outra pessoa, com suas reais necessidades, pois elas não deixam a companheira, dona Danúbia, sozinha em seu momento de angústia, mas buscam formas de ajudá-la a superar um momento difícil, que foge ao seu controle. Assim, quando compreendem o momento da companheira e a ajudam a superar sua dificuldade pedindo para tocar as músicas que a acalmam, no caso as valsas, conseguem juntas uma prática solidária e libertadora, pois, no processo de humanização:

O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se

encontram convertidos em “coisas”(…) Compromisso que se orienta no sentido de transformação de qualquer situação objetiva na qual o homem concreto esteja sendo impedido de ser mais(Freire, 1979, p. 19 e 22.)

Em outro momento, quando se lembram da Conceição, deitada em seu quarto e impedida de estar conosco no refeitório por suas limitações físicas, e pedem para colocar as músicas do Cauby que ela gosta, mostram também a solidariedade na busca do igual direito a momentos de alegria e tranquilidade dentro da rotina em que vivem; assim conseguem que a alegria da amiga também seja garantida, assumindo a situação da pessoa com quem se solidarizaram, já que “ a solidariedade, exigindo de quem se solidariza, que “assuma” a situação de com quem se solidarizou, é uma atitude radical”(Freire, 1980, p.37).

Notamos ainda uma ação que se opõe à prática solidária libertadora, quando uma delas não quer mais ouvir a colega e a interrompe pedindo mais músicas. Esse tipo de ação, quando queremos colocar nossas vontades acima do interesse coletivo é prejudicial ao processo de libertação , pressupondo uma ação de opressão.

Assim, essas mulheres e o autor citado nos ajudam a entender que a solidariedade é fundamental no processo de superação das situações de opressão, implicando em um olhar atento para a outra pessoa e na vontade de ajudar e ser ajudado, buscando juntos e juntas formas de transpor as barreiras a serem superadas. Além disso, podemos observar que a humanização é um processo que passa pelo ser humano, que é passível de erro e que pode mesmo buscando a coerência ter momentos em que expressem sua humanidade em aspectos que não são bons para esse processo de libertação que buscamos.

Nesse quadro, é possível ainda destacar importantes funções da música, que têm a ver com seu aspecto subjetivo, pois no primeiro caso a música acalma e no segundo alegra, atuando nos sentimentos e promovendo certa paz que se faz necessária para estas pessoas neste momento específico. Isso é possível pela ação que a melodia exerce sobre o corpo do ser humano provocando sentimentos diversos:

A melodia, por outro lado, identifica-se com a atividade humana. As emoções são como vibrações, notas diferentes de uma música. É provado o efeito que a melodia tem em fixar a atenção do ouvinte à música. A nossa memória guarda lembranças de sons, de músicas. Assim uma música pode disparar um sentimento, uma lembrança, uma nostalgia, uma raiva, um choro. Não age assim o soldado que, ao toque da corneta, ao bater dos tambores, se lança heroicamente

sobre o inimigo - independente do perigo contra a sua vida? Foi arremetido pela música ao campo de batalha, com uma coragem que não lhe era natural (Angelim, 2003, p. 78)

Assim, ficar alegre e se acalmar advêm de função musical que consiste na ação da melodia sobre as emoções que se expressam também nas relações sociais solidárias, quando essas mulheres buscam a alegria e a paz de espírito para todas, sendo que não basta uma pessoa estar alegre e tranqüila, se alguém não está assim é preciso buscar formas de estar e isso é feito no coletivo, com a ajuda e a compreensão de todas as participantes juntas. Esta prática se configura então como solidária e musical, pois tanto expressa um tipo de relação social, a solidariedade, como uma função social da música atuando no campo das emoções e melhorando a qualidade de vida.

Com essas práticas musicais e solidárias, a criação de sentido é outro processo educativo que aparece nos momentos de reunião ao redor da mesa do refeitório para ouvir as músicas que gostam e compartilhar umas com as outras suas memórias, assim, quando pedem para ouvir as músicas que fizeram parte das suas vidas e marcaram a existência além de reviver e recriar a própria experiência dos fatos anteriores, opondo-se ao fenômeno da perda de sentido, quando há a colonização do mundo da vida e o individualismo cada vez mais forte no sistema capitalista. O sentido ressurge no compartilhar o gosto musical, as preferências, a razão de ser de cada escolha e as experiências vividas que têm tudo a ver com as músicas escolhidas. Podemos observar no próximo quadro como a perda de sentido pela situação vivida no abrigo foi criando um novo sentido nos momentos de interação nos encontros realizados:

Quadro 4: Criação de sentido e perda de sentido

Criação de sentido	Perda de sentido
<p>É uma distração pra nós né bem,(...) ,então a menina vem com uma música,a gente já alegre o coração né,acho que a música entra no coração da gente, as músicas antigas que a gente ouve.(D. Branca- entrevista)</p> <p>Ah,a gente fica alegre ali sentado ouvindo,fica dando alegria no coração da gente né,porque eu não danço mais por causa da minha perna(entrevista d. Branca)</p> <p>Sara: Você consegue perceber se elas gostam ou</p>	<p>Porque gente velha aqui não tem muito ânimo,a gente fica assim á toa,todo dia á toa,fica sem fazer nada,sem visita sem nada(Entrevista D. Branca)</p> <p>Disse que tinha gostado muito da música porque ela dançava muito antes de ir pro abrigo, mas que agora não fazia mais nada(13 de abril)</p> <p>Começou a chorar e contar que tinha muita esperança que os filhos a fossem</p>

<p>não da atividade? Diva:Eu acho que gostam. Sara: Que exemplo você podia dar assim pra mostrar que elas gostam?Diva: Ah, porque elas ficam te pedindo tal música, então eu acho que isso pra elas é importante pra elas eu acho querer ouvir tal música, porque elas lembram de alguma coisa, porque elas devem querer rever até algumas coisas que elas viveram, acho que isso pra elas é importante. (entrevista Diva).</p> <p>Quando ouviu a música do Cauby, Conceição saiu de sua cama e arrastando-se foi até o sofá que fica no corredor logo depois da porta do quarto e de frente para o refeitório sentou-se com muita dificuldade. Ficou de lá cantando junto e depois disse que estava gostando. (14 de agosto).</p>	<p>buscar no final de semana, porque ela gostaria de ir à igreja, disse que eles estavam bem de vida e que ela tinha uma casa que ela ajudou a construir, mas que agora estava numa casa de repouso (13 de abril)</p>
--	--

A partir da análise do quadro 4 podemos inferir, das considerações feitas pelas mulheres, que a perda de sentido é demonstrada na situação em que se encontram de parecer não ter mais nenhuma serventia, por não fazer mais o que se fazia antes e nem poder desfrutar das coisas que construiu, dando uma tristeza no coração, pelas escolhas feitas a elas pela sociedade colonizando o mundo de suas vidas.

Assim, participar da tertúlia cria um novo sentido porque é uma atividade que alegra o coração e restaura o ânimo, faz movimentar o corpo e compartilhar os movimentos e a alegria com as outras mulheres que também se alegram com suas histórias, seus movimentos, sua alegria. Ou seja, “o sentido ressurge quando a interação entre as pessoas é dirigida por elas mesmas” (Flecha, 1997, p. 96), na escolha de cada música e o compartilhamento do significado que elas atribuem para cada obra escutada, pois as mulheres possuem vivências diferentes e, portanto, interpretações diferentes que, na interação com a música e com as outras mulheres, são compartilhadas permitindo que elas possam juntas *sonhar, sentir e recriar o sentido da própria existência*.

É tão forte a criação de sentido, na sua possibilidade de conduzir a interação, quando os pedidos das músicas que marcaram as vidas são atendidos que até provocam atitudes que permitem a recriação da existência como no caso da Conceição que viu na música do Cauby a motivação para se arrastar até o sofá e chegar um pouco mais perto das

companheiras de abrigo para compartilhar sua alegria, vencendo as barreiras colocadas pelo seu próprio corpo.

Quando essa recriação da própria existência se torna possível, surge também a possibilidade de algumas mudanças de atitude e até mesmo transformações das relações pela possibilidade da interação através e com as músicas. Essas mudanças de atitude, como veremos no quadro abaixo, foram muitas vezes ocasionadas pelas músicas ouvidas, ocasionando momentos de paz em meio aos conflitos do dia-a-dia:

Quadro 5: Mudanças de atitude/transformação

Neste momento aconteceu algo inesperado, D. Clara, que sempre rondava o refeitório, mas nunca ficava na atividade, sentou-se e veio participar com a gente. Nos dias anteriores, ela sempre passava pelo refeitório muito brava e até brigava com a gente às vezes, hoje a atitude dela mudou. Ela se sentou ao meu lado quando a convidei para participar com a gente e ficava muito alegre ao ouvir as músicas. Ela não consegue falar direito, mas expressava sua alegria nas conversas com gestos e algumas palavras ditas com dificuldade. (25 de maio)

Era a vez da dona Amélia, ela disse que queria ouvir “Mazurca”, mas não tínhamos essa música. Então, ela escolheu o cd de capa vermelha, que era um cd com hinos instrumentais. Disse os nomes das músicas e enquanto eu estava falando, Dona Annita escolheu “Mais perto quero estar”. Perguntei à Dona Amélia e às outras mulheres se poderia ser, ao que responderam afirmativamente através da fala e balançando as cabeças para cima e para baixo. Coloquei a faixa do cd para tocar e Dona Annita, com brilho nos olhos, cantava comigo o refrão. *Foi a primeira vez que ela escolheu uma música, geralmente ela diz que qualquer uma que eu tocar está boa. Mas seus olhos brilhantes, seu sorriso e sua atitude de cantar junto mostraram uma preferência por esta música.* (4 de julho)

Antes de você vir, não, porque o que acontece com elas é tudo normal né...Mas depois que você sai você vê que elas sentem um pouco de paz, elas ficam mais tranqüilas, entendeu. Mas elas não têm aquela noção de saber o dia que você vem, ficar esperando, isso aí elas não têm não. (entrevista Diva)

No quadro 5 podemos notar significativa mudança de atitude no caso de D. Clara, implicando inclusive uma mudança de humor e uma disponibilidade que, nos primeiros meses, não existia, para estar com as outras mulheres participando da tertúlia. Mais uma vez podemos destacar essa função da música que alegra e acalma, proporcionando mudanças de atitude, como também destaca a cuidadora, Diva, que tem a ver com o sentimento de paz, de tranqüilidade que muitas vezes se perde na dura rotina dessas pessoas.

No caso de dona Annita, podemos observar uma transformação da relação com a pesquisadora ocorrida através da interação e da conseqüente possibilidade de poder expressar seus gostos, suas vontades, suas emoções, dizendo exatamente a música que quer ouvir e mudando o discurso que sustentava anteriormente que “qualquer coisa que você tocar está bom”. Essa mudança no discurso nos mostra um âmbito importante do diálogo que consiste na relação de confiança:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal em que a confiança de um pólo no outro é conseqüência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. (Freire, 2005, p. 94)

Confiança que se conquista na convivência, como aconteceu com Dona Annita que só arriscou dizer a música que queria escutar porque estava em um ambiente dialógico estabelecendo vínculos de confiança com as outras mulheres do abrigo e a pesquisadora-participante da atividade.

Além dessa relação de confiança, solidária, que cria e recria o sentido atribuído à existência pelas participantes, pode modificar atitudes e promover transformação, outros processos educativos fizeram parte dos momentos que vivemos juntas na tertúlia, dentre esses processos podemos destacar algumas condutas impulsionadas pela música e expressas através da interação verbal e da interação não-verbal.

Para Gainza (1988), a conduta musical de uma pessoa expressa um grau de relacionamento que esta tem com a música, ou seja, o nível de musicalização da pessoa, já que a música e som são energias que estimulam um movimento interno e externo no ser humano, impulsionando ações que resultam em diferentes condutas. Assim, a conduta musical pode ser ativa, quando existe uma ação ou um movimento externo manifesto, e passiva quando é de caráter interno podendo ser externalizada; pode ser ainda receptiva e expressiva, ou seja, recebe estímulos musicais diante de um objeto sonoro e induz uma resposta na pessoa, pois: “a ação musical produz uma descarga individual a nível corporal e/ou psíquico (afeto, mente), com diferente ênfase em um ou outro aspecto, conforme o caso”. (Gainza, 1988, p. 29)

Desse modo, a música influencia o corpo e a mente produzindo movimentos internos e externos que podem ser expressos através da interação verbal, quando as pessoas falam de seus sentimentos, de suas impressões sobre a música e de suas memórias ou através da interação não-verbal quando fazem algum movimento corporal que expresse, dentro de um contexto, uma mensagem sobre as músicas ouvidas já que “o homem é um ser multissensorial. De vez em quando ele verbaliza” (Davis, 1979, p.44).

O próximo quadro nos ajudará a visualizar os momentos em que as condutas musicais foram expressas de maneira verbal e não verbal, observe:

Quadro 6: Condutas diante da música

Interação não-verbal	Interação verbal
<p>Coloquei o Cd e quando a música começou, D. Isadora <i>se levantou e começou a dançar pelo refeitório, passando pelas pessoas, pegando nas mãos, tocando nas pessoas num gesto como se quisesse dividir sua alegria com as companheiras ao mesmo tempo em que as convidava para dançar também.</i> (27 de abril)</p> <p>Dona Rosa também disse que essa música dava uma emoção muito grande que a fazia <i>sentir vontade de sair dançando.</i> Dona Magdalena disse que <i>não tinha palavras para dizer, mas que era muito emocionante.</i> Comentei que tinha ficado o tempo todo <i>imaginando as mãos no piano tocando suavemente</i> (27 de abril).</p> <p>D. Danúbia escutava e acompanhava a música cantolando e <i>movimentando a cabeça, seus olhos brilhavam.</i> (27 de abril)</p> <p>Enquanto escutávamos, D. Isadora dançava, D. Estelinha cantolava a melodia e ria e as outras balançavam a cabeça num leve movimento com o corpo.(20 de junho)</p> <p>Comecei a dizer os títulos dos forrós que tinha, a escolha foi “Asa Branca”(Luiz Gonzaga) , neste momento D. Iracema se levantou para dançar e Isadora também, como de costume , dançaram um pouco juntas, mas depois se separaram. As outras participantes, enquanto ouviam batiam</p>	<p>Escolhemos a “Grande Valsa Brilhante” (Chopin), (...) Ao terminarmos a escuta, Dona Annita comentou que era muito linda aquela música, parecia uma cavalaria que tem um monte de gente, disse que adorou essa música, pois é linda. (25 de maio)</p> <p>D. Annita comentou que música é tudo igual, dizendo que era pouca a diferença de uma pra outra. Eu a questionei e perguntei se era mesmo tudo igual, sugeri que ouvíssemos um chorinho e elas concordaram. Ao final da escuta eu novamente a questionei se musica era mesmo tudo igual. Então ela explicou que todas as músicas são bonitas, que ela gosta de todas e cada um tem um gosto diferente. (06 de junho)</p> <p>Dona Rosa disse que para dançar valsa não se podem dar passos rápidos como a Isadora estava fazendo, pois o gesto deveria ser conforme a música, (13 de junho)</p> <p>D. Danúbia disse que a música mais suave era melhor porque muito pulo na música não é bonito e disse que queria mais uma música do Strauss (...)Ao terminar a execução D. Danúbia comentou que mais suave era mais bonito e certinho pra quem é dançarino. D. Rosa concordou e disse que os movimentos tinham que ser exatos (20 de abril)</p>

<p>palmas, batiam na mesa. D. Magdalena chorou emocionada (27 de junho)</p> <p>Durante a execução, em determinado trecho Dona Rosa, disse: “olha, que pedaço lindo” e acompanhava o trecho movimentando uma das mãos como se regesse a orquestra. (11 de julho).</p> <p>(...) e mostrava como (fazer) movimentando os braços (23 de maio)</p>	<p>Dona Rosa disse que achou o <i>som muito bom, música lenta que é bacana</i>(27 de abril)</p> <p>Quando acabamos de escutar D. Rosa começou a falar: “essa música é compassada, não é disparada, tem que fazer movimentos compassados” (23 de maio)</p>
--	--

Bater palmas, bater na mesa, se alegrar, querer dançar, dançar, movimentar o corpo, a cabeça, as mãos, chorar, se emocionar, imaginar são condutas impulsionadas pela música expressas pela interação não-verbal. No corpo, a música age no campo dos sentimentos, dos afetos, da emoção, como podemos ver no quadro o choro e a falta de palavras para expressar à emoção da dona Magdalena, a alegria da dona Zizinha, o riso da dona Estelinha, a dança da Isadora e da dona Iracema, o brilho nos olhos da dona Danúbia, a emoção e a vontade de sair dançando da dona Rosa são expressões de sentimentos através da interação não-verbal.

Na mente, a música age por meio da sensibilidade ao ritmo, à harmonia, à melodia, ao timbre, etc. Nessa influência que a música tem sobre a mente diferentes condutas podem ser estimuladas e expressas de maneira verbal e/ou não verbal. De maneira não-verbal quando o estímulo é respondido com movimentos do corpo, das mãos, da cabeça como quando Dona Magdalena bate palmas, dona Danúbia e dona Estelinha movimentam a cabeça, quando dona Iracema e dona Isadora dançam, quando imagino as mãos no piano e quando dona Rosa acompanha o trecho movimentando uma das mãos como se regesse a orquestra.

Vale a pena destacar que a dança da dona Isadora e da dona Iracema, encaixa-se nos dois aspectos, no dos sentimentos e no da influência na mente que leva a uma conduta não verbal, pois tanto expressa a alegria e a emoção de ouvir uma música como a sensibilidade ao ritmo.

Temos ainda as condutas expressas de maneira verbal pela sensibilidade ao ritmo, à melodia, à harmonia, etc quando as participantes comentam suas considerações sobre as músicas escutadas e ainda sobre música e movimento. Sobre as músicas escutadas temos o caso de dona Annita que tece uma importante consideração sobre “A Grande Valsa

Brilhante” (Chopin) quando diz que determinado trecho da música “parece uma cavalaria que tem um monte de gente” usando uma analogia para explicar sua impressão sobre a música escutada; ou ainda quando ela mesma diz que “música é tudo igual” enquanto ouvíamos valsa e proponho um chorinho que é um estilo diferente de valsa e ela explica que considera todas as músicas bonitas e cada um gosta de um tipo, percebendo a diferença entre os diferentes estilos. Sobre música e movimento temos as considerações de dona Danúbia e dona Rosa sobre a necessidade de um sincronismo entre a música e o movimento que se faz, dizendo que se a música é compassada, os movimentos também precisam ser: “pois o gesto deveria ser conforme a música”.

Assim, foram se constituindo os processos educativos, ao se ensinar e aprender a substituição do egoísmo pela solidariedade, a recriação da existência quando esta perde o sentido por motivos externos através da criação de um novo sentido em conjunto, a possibilidade de mudanças de atitude transformação do entorno compartilhando momentos de paz e alegria e expressando sentimentos e pensamentos de maneira verbal e não-verbal na interação entre as mulheres em processo de envelhecimento, entre essas e a pesquisadora-participante, entre a pesquisadora e essas mulheres e entre todas elas e música ao se reunirem na atividade de tertúlia musical dialógica.

3.3 A importância da memória para mulheres do abrigo e suas relações com a música e a sociedade.

Eclea Bosi (1994) aponta em seus estudos diversos motivos que ratificam a importância da memória para as pessoas em processo de envelhecimento, por isso torna-se necessário buscar nesta autora a base para definir nossa conceituação de memória e sua função na velhice. A partir do estudo desta autora, que também se refere a outros autores, podemos dizer que a memória exerce uma importante função no processo psicossocial do ser humano, por diversos motivos que serão agora apontados.

De acordo com Bosi (1994), para Bergson “a memória permite uma relação do corpo presente com o passado” (p.46) interferindo também nas percepções atuais sobre o mundo; dividindo-se em memória-hábito e memória-sonho. A memória-hábito consiste nos esquemas de comportamento que guardamos em nosso corpo no decorrer da nossa existência a partir do momento que adquirimos os hábitos pela repetição de gestos e

palavras como uma exigência do processo de socialização; essa memória é mecânica e faz parte do adestramento cultural. A memória-sonho são as lembranças independentes dos hábitos, isoladas, singulares, não repetidas, irreversíveis, da vida; essa memória é de caráter evocativo, referindo-se a uma situação definida, individualizada.

Ampliando a conceituação deste autor, Bosi (1994) encontra as formulações de Halbwachs sobre os “quadros sociais da memória”, que não se restringem ao mundo da pessoa, abordando a memória no âmbito da relação interpessoal das instituições sociais e afirmando que: ‘

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (Bosi, 1994, p. 54).

Além disso, o ato de lembrar não é apenas reviver o passado, mas “refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994,p.55), assim, a memória não é sonho, a memória é trabalho, ou seja, a memória deixa de ser evocação, repouso e relaxamento da alma e passa a ser uma função social exercida na velhice:

Bem, outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, substância mesma da sua vida. (Bosi, 1994, p. 60)

Desse modo, na velhice, lembrar é a função social exercida aqui e agora pela pessoa que lembra; isto significa que cabe às pessoas em processo de envelhecimento ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Bosi (1994) destaca ainda que a memória é coletiva, pois mesmo que uma única pessoa seja a recordadora, os fatos foram vividos em seus grupos de convivência numa determinada época, em um determinado lugar, podendo expressar valores da família, da cidade, do país, mesmo que sejam fatos que não tiveram uma grande repercussão coletiva, pertencendo a um grupo pequeno, pois “cada memória individual é um ponto de

vista sobre a memória coletiva”(Bosi, 1994, p.413) expressando, portanto, vivências que fazem parte de uma época, de uma sociedade.

Então, a memória tem uma forte ligação com a sociedade e uma importância muito grande na velhice, como função social e trabalho da pessoa em processo de envelhecimento. Nesta perspectiva, a música tem uma forte ligação com a memória, já que exprime sentimentos e pensamentos de uma cultura e de uma época:

A música é a “alquimia” que organiza sons de diferentes qualidades(graves ou agudos, curtos ou longos, fortes ou suaves, com texturas diversas). Ela gera formas sonoras que expressam o modo de sentir, perceber e pensar de um indivíduo, de uma cultura ou época” (Joly, 2003, p. 114/115)

Além de manifestar através dos sons a percepção de uma época, de um lugar, de um grupo, de uma cultura, a pessoa internaliza a música, elaborando sobre ela significados importantes que passam a fazer parte sua *música interna*:

O que se entende por música interna? Pode ser aquela música vivida no ambiente sonoro e internalizada. Faz parte de uma audição interna em que o indivíduo pode evocá-la e ouvi-la, mentalmente, na sua memória. (Angelim, 2003, p.72)

Por esses motivos colocados acima, teremos três quadros a serem analisados: o primeiro chamado “memória e música”, que mostra a *música interna* das mulheres participantes, o segundo que denominamos “memória e sociedade” e expressa a memória coletiva delas e o terceiro chamado “importância da memória” que mostra como a memória fundamental para as pessoas em processo de envelhecimento.

Veremos a seguir, as relações entre memória e música demonstradas pelas mulheres durante os encontros realizados, ou seja, como puderam, ouvindo os clássicos, entrelaçar as músicas ouvidas às histórias vividas:

Quadro 7: Memória e música

Ah, porque (a música) alegre a gente, né, a gente lembra de outras coisas do passado, coisa boa, porque a gente tem que lembrar coisa boa, o passado que a gente sofreu, que passou, isso aí não interessa pra gente (entrevista d. Zizinha)

D. Branca disse que acha essa a valsa mais linda do mundo, que “fica na história da gente”, contou que adorava dançar com o marido e que hoje em dia não consegue mais dançar porque sente muita dor na perna, por isso gosta de ver as pessoas dançarem. (27 de abril)

Quando terminou a música e a dança, Dona Danúbia contou que tinha se lembrado de quando

ela ganhou um concurso de miss, disse que aquele foi o dia mais lindo da vida dela, que não imaginava que isso iria acontecer com ela, que nunca se esquecera daquele dia. Dizia isso com brilho nos olhos, e sua história nos encantava pelo encantamento que ela mesma transmitia. (27 de abril)

Dona Magdalena contou que se lembrou da sua época de criança, porque ouvia aquela música desde criança (27 de junho).

Essa música, que você traz aqui, essas músicas de valsa, eu lembro muito de uma época, tenho até saudades. (entrevista d. Zizinha)

D. Branca comentou que quando era moça ela gostava só de valsa e que dançava muito com o marido dela. D. Zizinha contou que se lembrava da mãe que era uma dançadeira de valsa. (23 de maio)

Quando a música terminou D. Zizinha começou a contar que essa valsa dava saudade, porque ela se lembrava de quando era moça e sua irmã trabalhava na fazenda pajeando um menino, quando ela ia lá visitar a irmã eles dançavam em um salão grande (20 de junho)

Analisando o quadro 7 é possível assinalar a maneira como cada música fazia recordar a juventude, os momentos vividos, as pessoas importantes, enfim, tudo o que fez parte da vida dessas mulheres, como a infância de Dona Magdalena quando ela ouvia “Asa Branca”, a saudade de uma época sentida por dona Zizinha e dona Rosa, o fato de ganhar o concurso de miss que marcou a história de dona Danúbia, e a lembrança do marido, que tinha dona Branca ao ouvir as valsas, as quais segundo ela *fica na história da gente*.

Ficar na história, remeter a pessoas, fatos, lembranças de uma vida e de uma época, são ações proporcionadas ao ouvir uma música e estabelecer uma interação com a música e com as mulheres durante os encontros realizados. Interação através da qual essas mulheres pedem as músicas que querem ouvir e ao ouvi-las, recordam momentos importantes de suas vidas em que a música penetrou em seus corpos pela via da emoção e rompeu as barreiras do esquecimento a partir do acolhimento dos fenômenos sonoros e dos vínculos positivos estabelecidos com a música, pois:

A relação com a música participa frequentemente dos atributos sensíveis que costumam caracterizar as relações entre seres humanos: a música funcionaria assim como um objeto “intermediário”. Corresponde, pois, à educação musical, instrumentalizar com eficácia os processos espontâneos e naturais necessários

para que a relação homem-música se estabeleça de uma maneira direta e efetiva. (Gainza, 1988, p. 101).

Assim, a relação entre memória e música também é educativa, pois ouvir músicas e interagir são instrumentos para o processo espontâneo e natural da memória na relação entre essas mulheres, a música e seu passado que é recriado e compartilhado nos momentos de recordação, possibilitando o conhecimento de uma época e de uma geração.

Desse modo, revelando as vivências de uma época, de uma cultura, de uma sociedade, podemos observar no quadro 8 que as memórias recriadas a partir da escuta musical expõem modos de vida, costumes e valores de um passado não muito distante e ainda vivo nos corpos dessas mulheres:

Quadro 8: Memória e sociedade

D. Branca contou que ouvia essas músicas (da tertúlia) no rádio quando era jovem e comentou que hoje em dia não se tocava mais nas rádios, o que ela achava uma pena porque eram muito bonitas (20 de abril).

Dona Rosa (...), contou sobre os bailes que freqüentava em Batatais quando morava com os avós, disse que foi morar com os avós porque eram mais ricos e poderiam lhe dar uma melhor educação (20 de abril). (...) contou que ia ao salão de Batatais dançar desde que tinha 15 anos, que aprendeu a dançar tudo quanto é música. (23 de maio)

D. Zizinha (...) contou que depois que casou não dançou mais e aí completou “Quem não dança, segura a criança”. Todas nós rimos. (20 de junho)

O costume de ouvir músicas clássicas ou as músicas desta época no rádio, como contou dona Branca, de ir a bailes e/ou de dançar valsa como relata dona Rosa, dona Danúbia, dona Branca e dona Zizinha; o fato de dona Rosa ir morar com os avós ricos para assegurar sua educação e de dona Magdalena não dançar mais depois do casamento porque “quem não dança segura a criança” fazem parte de uma sociedade específica, de uma época, da memória coletiva presente na memória individual dessas mulheres.

Sociedade esta que está se modificando, mas tem suas bases neste passado que essas mulheres relatam já que atualmente os bailes que os jovens freqüentam se transformaram em danceterias e “shows” de artistas famosos, até mudaram o estilo musical, mas continuam tendo o intuito de dançar e conhecer pessoas. A educação também mudou e passou a ser direito de todas as pessoas, mas ainda temos um acesso à educação e à tecnologia diferentes para as pessoas com mais dinheiro e continuamos observando uma

diminuição na frequência de festas e danceterias pelos casais, principalmente quando têm filhos.

Podemos dizer que essas memórias nos ajudam a perceber historicamente como essas relações que sustentamos até hoje foram se estabelecendo e como as pessoas lidavam com elas no passado; assim, podemos através do passado compreender o futuro e até mesmo buscar formas e transformá-lo em seus aspectos opressores.

A partir do que foi analisado no quadro 8, podemos ressaltar a importância da memória não só para as pessoas velhas, mas para a sociedade em geral. No entanto, para as pessoas em processo de envelhecimento essa importância ganha um significado diferente, passa a ser realização de uma tarefa e uma razão para continuar a viver, como podemos observar no quadro a seguir

Quadro 9: Importância da memória

Quando a gente também se recorda das coisas que há muito tempo você já passou, então ajuda a gente viver, porque como eu, minha mãe já foi, minhas duas irmãs já foram, meu irmão mais velho do que eu já foi, só resta eu, tenho aquela lembrança dele aquela lembrança, então eu acho que tá bom. (entrevista D. Zizinha).

D. Rosa disse também que gostava de ouvir aquelas músicas porque lembrava daqueles tempos e que antes de ir pro abrigo ela sempre dançava, mas que agora tinha acabado tudo. (20 de abril)

O que a gente já passou, e vocês ainda não passou, e às vezes ainda vem pra vocês, então assim, a gente tem que sempre ter aquela força de vontade, eu lutei muito pela minha vida, lutei muito pela minha família, graças a Deus, lutei muito pela minha família que eles já foram, e eu to aqui. (entrevista D. Zizinha).

As recordações da gente são muito importantes, porque a gente não deve se entregar, a gente tem que sempre lembrar do passado e ser feliz (entrevista d. Zizinha)

Analisando o quadro 9, podemos perceber que as memórias têm um significado muito importante na vida dessas mulheres, como função social, pois ajudam a viver quando muitas pessoas amadas não estão mais próximas, ao contrário estão distantes, separadas pela distância ou pela morte, como aponta dona Zizinha. Importantes ainda porque trazem a recordação de uma época ativa que não existe mais e foi marcante, como o fato de dona Rosa sempre dançar e deixar de fazê-lo quando vai para o abrigo.

Recordações essenciais *porque a gente não deve se entregar, a gente tem que sempre se lembrar do passado e ser feliz*, até porque o que já se passou com uma pessoa, pode acontecer com outra; assim a experiência serve como exemplo para as gerações mais jovens, pois a luta só termina quando chega a morte.

Enfim, a música é um estímulo que age sobre a memória e permite, a partir da interação, que sejam compartilhados pelas mulheres do abrigo na tertúlia musical momentos de uma sociedade que está se modificando, mas ainda tem suas bases no passado e podem ser explicadas e relatadas pelas pessoas em processo de envelhecimento que, ao fazê-lo, estão realizando uma tarefa, um trabalho que lhes pertence nesta fase da vida.

3.4 Tertúlia musical dialógica no abrigo: os clássicos na visão das mulheres participantes, os limites, as possibilidades e o impacto da atividade no abrigo

Para finalizar, faremos uma análise da visão que as mulheres participantes têm sobre o conceito de clássicos e como elas podem ajudar a defini-lo melhor. Em seguida, serão analisados os limites, as possibilidades e o impacto da atividade de tertúlia musical dialógica no abrigo, tentando compreender como a atividade se insere na vida das mulheres participantes e quais os motivos que as levam a pedir sua permanência no abrigo.

A seguir, apresenta-se o quadro sobre as visões das mulheres sobre os clássicos na atividade realizada, ratificando a importância de ouvir as músicas que marcaram uma época e seguem com rigor e coerência a origem do estilo:

Quadro 10: Os clássicos na tertúlia

Ah, mudar nada, porque é tudo músicas bonitas, antigas né, as músicas são todas bonitas, eu gosto de tudo quanto é música antiga eu gosto, não sou caipira e nem idiota não vii, mas eu gosto das músicas antigas, a letra delas é linda, não? Prestando atenção, são lindas. (D. Branca-entrevista)

Escolheram “**Tico, tico no fubá**”. Escutamos e fomos aos comentários. D. Branca disse que era antiga, mas que não perdia a beleza(...)D. Branca comentou que era uma música linda e que essas músicas não saiam de época (diário 20 de abril)

Perguntei se alguém queria falar alguma coisa, contar, se tinham se lembrado...Dona Estelinha disse: “ é muito bonito as músicas antigas, boa, gostosa, dá recordação de muitas coisas(4 de julho)

Quando acabou de tocar a música, dona Rosa disse: “Ah, dessa eu tenho mais lembrança, é bonita né, animada”. Dona Branca concordou e disse: “ É boa, muito animada e é antiga né, é antiga mas não sai de moda(11 de julho)

Branca: É pode trazer,eu gosto demais das músicas antigas, não é só das novas não, as novas é para a mocidade, essas antigas é pra nós que temos bastante idade, são ótimas.

Sara: Mas será que essas antigas não são ótimas também para a mocidade? Branca: Ah, vai vê que é né bem, porque é tudo bonita não fala de coisa errada né. (entrevista dona Branca)

Observando o quadro 10 podemos notar que essas mulheres nos ajudam a definir com mais clareza o conceito de clássico, que é uma condição fundamental da tertúlia musical dialógica, dentro da definição que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, apresentando suas visões sobre o conceito. Na visão das participantes, os clássicos devem fazer parte da tertúlia porque são músicas antigas, bonitas, que não perdem a beleza, não saem de época, têm letras lindas, falam do que é certo, não saem de moda e trazem recordações para elas.

Músicas antigas, bonitas, que não perdem a beleza e nem saem de época expressam o caráter tradicional dos clássicos, como já definidos no capítulo anterior, sendo músicas de uma cultura que ficaram na história, no uso, no hábito, atravessando o tempo e sendo reconhecidas como excelente, diferente das músicas feitas para “vender” na mídia que são apenas para um determinado momento e depois caem no esquecimento.

Os clássicos são aquelas músicas que têm o compromisso de não perder a beleza, como as participantes expressam, falando do que é certo, com letras lindas e trazendo recordações, como definimos anteriormente, porque mantêm o rigor necessário e coerente com a origem do estilo, diferente das músicas de mídia que, ao serem feitas só para vender, nem sempre considera a forma original.

Assim, definidas as percepções das participantes sobre as características dos clássicos, passamos a analisar como a atividade foi sendo construída no abrigo, tendo como base as descrições da CONFAPEA sobre a tertúlia musical dialógica, apresentando os limites apresentados pelo contexto em que a atividade foi realizada e as alternativas que surgiram no decorrer da realização da atividade.

Quadro 11: Tertúlia musical dialógica no abrigo – limites e possibilidades

Fatores que configuraram limites na dinâmica da atividade	Fatores que surgiram como possibilidades na dinâmica da atividade
<i>1. Falta do aparelho de som e impossibilidade de gravar um cd para cada participante ouvir em casa</i>	<i>1. Trazer meu próprio aparelho portátil perguntar o que elas gostariam de ouvir e eu mesma trazer os CDs</i>
Cheguei no abrigo às 14:30, como havia combinado com a pessoa responsável pelo abrigo, a Diva. Levava comigo os cds que	Fui para o refeitório e comecei arrumar as coisas, retirei o aparelho de som da mochila, e comecei ligá-lo, retirei os CDs e pus sobre a

<p>havia selecionado inicialmente e um aparelho de som portátil, pois havia sido informada por telefone que o abrigo não dispunha de aparelho de som (13 de abril)</p>	<p>mesa (23 de maio)</p> <p>Levei o forró que D. Chiquinha tinha pedido e, como os pedidos de valsas, chorinhos e hinos estavam muito grandes nos encontros, levei novas músicas no repertório, que tinha baixado da internet e conseguido com alguns amigos. (20 de junho)</p>
<p><i>2. Impossibilidade de escutar em casa e pensar em comentários para compartilhar na tertúlia.</i></p>	<p><i>2. Escutar sempre juntas as músicas e compartilhar comentários mesmo durante a execução das músicas sobre determinados trechos</i></p>
<p>Neste primeiro encontro, percebi que não seria possível estabelecer a dinâmica tal qual acontece na Espanha, pois elas não teriam como escutar as obras em “casa” já que elas não voltam para suas casas e nem têm muito contato com o mundo exterior ao abrigo. (13 de abril)</p>	<p>Disse que tinha trazido Comecei a dizer os estilos que tinha comigo, valsas, chorinhos, hinos, enfim, elas escolheram ouvir Valsa. Dentre as valsas fui lendo os títulos e a escolhida foi uma valsa de Strauss intitulada “Valsa de Aniversário”. Nós a ouvimos juntas.(13 de junho)</p> <p>Durante a execução, em determinado trecho Dona Rosa, disse: “olha, que pedaço lindo”(11 de julho)</p>
<p><i>3 Algumas interações que queriam impor as músicas a serem escutadas:</i></p>	<p><i>3. Sempre perguntar e considerar o que as mulheres pensavam sobre a escolha.</i></p>
<p>Neste momento, chegou no refeitório um jovem senhor, aparentando uns 40 anos, sentou-se numa das cadeiras em volta da mesa e perguntou se eu tinha “Danúbio Azul”, respondi que sim e perguntei o nome dele e o que ele fazia ali no abrigo, ele respondeu que se chama Gilberto e que é o caseiro do abrigo. Ele pediu para eu colocar a música. (23 de maio)</p> <p>Ao terminar a música chegou D. Chiquinha dizendo pra tocar um forró porque aquelas músicas que estávamos ouvindo eram músicas</p>	<p>Respondi ao Sr Gilberto que colocaria assim que terminassem os comentários da música anterior e se elas concordassem em ouvir essa música. Voltei-me para elas e perguntei se queriam comentar ainda alguma coisa, uma a uma responderam que não. Perguntei se concordavam em ouvir Danúbio azul , e mais que depressa disseram que sim, expressando o quanto gostam desta música, pois já a tínhamos escutado em outra ocasião (23 de maio)</p> <p>Eu disse que tinha outras músicas mais animadas e que colocaria um chorinho pra ela ver que não era música de defunto não! Então, perguntei se as outras mulheres concordavam de ouvirmos um chorinho, elas disseram que sim com a cabeça. (13 de junho)</p>

Analisando o quadro 11, podemos observar alguns fatores que se configuraram como limites na dinâmica da atividade e as possibilidades que surgiram em cada caso. A CONFAPEA colocava que a tertúlia musical dialógica deveria funcionar da

seguinte maneira: as músicas seriam escolhidas e gravadas em um disco compacto para cada participante, combinaríamos uma música que deveria ser escutada durante a semana para o próximo encontro quando falaríamos sobre a música, a época e nossas impressões de determinado trecho. Entretanto, no abrigo, não foi bem assim que acontecia porque o local não dispunha de aparelho de som, o que poderia ser um limite, mas eu trazia um portátil de casa em minha mochila que foi a possibilidade que se apresentou neste caso; os discos compactos também ficavam comigo, que eram em sua maioria meus, emprestados por amigos ou montados com músicas baixadas da internet de acordo com o que as mulheres escolhiam escutar no encontro anterior, quando perguntava se tinha alguma música específica que elas queriam ouvir.

Não foi possível também escutar em casa e pensar comentários para compartilhar na tertúlia, assim a possibilidade foi escutarmos sempre juntas e mesmo durante a execução das músicas as mulheres poderem fazer comentários sobre os trechos. As interações com a música e com as pessoas aconteciam sempre no momento, no aqui e no agora, até porque as demências apresentadas pela maioria delas, as impedia de se lembrar com maior clareza o que acontecera na semana anterior.

Tivemos também algumas interações que tentavam impor a música a ser escutada, sem consultar as outras pessoas, mesmo que com boas intenções, nestes casos procurávamos restabelecer a dinâmica da atividade perguntando sempre o que as outras mulheres pensavam da sugestão e se poderia ser assim mesmo, tentando garantir que todas pudessem escolher ou se opor a alguma escolha, sem que ninguém impusesse, sendo respeitados os argumentos, foi o que aconteceu no dia em que o Sr Gilberto visitou a atividade e que Dona Chiquinha chegou de repente, enquanto todas escolhiam valsas e quis mudar totalmente o rumo da atividade.

Assim, os limites foram sendo vencidos pelas possibilidades que se apresentavam e a dinâmica se configurando no contexto do abrigo. Além disso, mulheres afirmam que a atividade deve continuar acontecendo no abrigo, pelo impacto que tem na vida e na rotina delas, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 12: O impacto e a permanência da atividade no abrigo

Quando a música acabou, Dona Zizinha, que é companheira de quarto de Dona Isadora, vendo a alegria da amiga disse que havia contado para as filhas da Isadora sobre a tertúlia e que elas tinham ficado muito contentes em saber da atividade. Após esse comentário, disse “ não dá pra ficar triste aqui “!(11 de julho)

Sara: Você acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui no abrigo?Diva:Eu gostaria muito. Sara: Por que? Diva: Justamente por isso, porque, pra elas ter alguma coisa a esperar né, pelo menos uma vez por semana, elas sabem que vai ter alguma coisa. Porque essa esperança delas de nunca ter nada, nunca aparecer nada, não aparece um parente, não tem nada, então ela fica muito vaga né, não tem nada pra fazer. (...)Diva: Não, não tenho mais nada pra te dizer, só quero que você volte sempre .(entrevista Diva)

Sara: Então a senhora acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui? Zizinha: Eu acho que sim.Sara: Por quê?Lurdes: Ah,porque traz recordação pra gente né,e as recordação da gente é muito importante,porque a gente não deve se entregar né,a gente tem que sempre lembrar do passado e ser feliz né,eu to aqui dentro do Lar,mas eu to muito feliz graças a Deus(...)ah, pq alegre a gente, né, a gente lembra de outras coisas do passado, coisa boa, pq a gente tem que lembra coisa boa, o passado que a gente sofreu, que passou , isso aí não interessa pra gente.(entrevista d. Zizinha)

Em seguida, Dona Branca comentou: “ nossa, a gente precisa ouvir música, distrai tanto!”.(11 de julho)

Sara: A senhora acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui? Branca:Deve,eu acho que deve. Sara: Porque? Branca: Ah,porque a gente precisa ter uma coisa,uma atividade para a gente ,a gente ta tudo “morto” né bem, uns na cama né, caduca aqui já ta,eu também já to caducando,você pensa que não to?!!..só a gente que vê né

Analisando o quadro 12, podemos observar que a atividade causa impacto na rotina das mulheres moradoras do abrigo deixando-as alegres, distraindo, trazendo recordações, ou ainda, tornando-se assunto a conversar com as visitas, como faz dona Zizinha ao contar da atividade para as filhas da Isadora, mostrando a necessidade de ouvir música como um momento prazeroso, trazendo recordações, espantando a tristeza e reavivando a esperança.

Podemos constatar ainda a dificuldade que o abrigo, não só este, tem em oferecer uma rotina mais interessante às mulheres em processo de envelhecimento que nele moram e a observação que Diva faz de continuar contando com colaboração da pesquisadora como forma de contribuir ao trabalho do abrigo diante da dificuldade de

conseguir pessoas que façam trabalhos voluntários ou não nestes lugares. A continuidade da atividade no abrigo configura uma ajuda para não perder a esperança.

Esperança que deixa de ser pura espera da visita que nem sempre chega, da hora de comer, de dormir, de tomar banho e passa a ser *quefazer*, compartilhando a solidariedade, a transformação, a criação de sentido, as condutas musicais, as memórias, a vida. Portanto, mesmo com o final da pesquisa, a atividade da Tertúlia Musical Dialógica continua acontecendo no abrigo, em comum acordo com as participantes, já que não se trata apenas de um projeto de pesquisa, mas de uma atividade que tem relações com a vida de cada uma de nós: participantes e pesquisadora. Além disso, pode haver ainda a possibilidade de um estudo mais aprofundado sobre as questões que não puderam ser contempladas neste trabalho.

CAPÍTULO 4

A EDUCAÇÃO, A EDUCAÇÃO MUSICAL E A SOCIEDADE.

Neste capítulo, faremos uma breve análise das contribuições deste trabalho para a área da educação, pensando em educação ao longo da vida como um processo que só se encerra com a morte. Para isso, retomaremos parte da discussão feita na análise dos dados sobre os processos educativos vividos na atividade proposta por essa pesquisa, assim como o referencial teórico estudado. Assim, tentaremos explicar de que maneira os processos educativos ao longo da vida são importantes para a construção de uma educação de qualidade.

No item subsequente, buscaremos descrever os processos educativos que podem contribuir para a área da educação musical, pensada também como processo contínuo, ao longo de toda a vida, que só acaba quando o corpo também acaba; ressaltando as modificações nas relações com o conhecimento musical nos momentos de apreciação de uma obra

Para finalizar faremos uma breve discussão das contribuições deste trabalho para a sociedade ocidental capitalista, refletindo sobre o processo de envelhecimento em instituição, apresentando propostas de um envelhecimento ativo nestes lugares. Envelhecimento ativo porque enquanto há vida, há que se viverem processos educativos, há o que compartilhar, há o que ensinar e aprender.

4.1 Educação ao longo da vida: perspectivas

De acordo com as idéias de Paulo Freire (1979), a educação tem caráter permanente porque o ser humano é inacabado e se sabe inacabado. Neste sentido, educar-se é a busca permanente de si mesmo, uma busca que não se faz sozinho, uma busca conjunta relacionada com a comunicação e com a comunhão, excluindo o isolamento.

Esse processo de educar-se em comunhão com os outros é possível porque o ser humano tem a capacidade de relacionar-se, ou seja, sair de si, projetar-se nos outros. Assim, as pessoas se relacionam com as outras pessoas e com o mundo em um processo que inclui o amor. A educação, para Freire (1979), não é possível sem amor, pois:

O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor, não se trata de apropriar-se do outro (p.29).

Amando é possível a educação ao longo da vida, entendendo que *o saber se faz através de uma superação constante* (p. 29). Assim, se entendermos o processo de aprender e ensinar como superação, existe a possibilidade de aprendizagem em qualquer fase da vida, pois sendo a pessoa um ser inacabado, sempre haverá algo a ser superado.

O estatuto do idoso, no título 1, capítulo V, artigos 20 e 21, preconiza:

O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático as programas educacionais a ele destinados.

A educação é um direito garantido por lei a pessoa em processo de envelhecimento. Pontarolo e Oliveira (s/d) afirmam que a Unesco também ressaltou a importância da educação aos velhos, estudando e sintetizando suas finalidades:

Considerar menos o conteúdo e mais o despertar nela a capacidade de confiança em si mesma, de sua autonomia e o de destruir os estereótipos negativos que poderão estar influenciando na sua vida. Aumentando o senso de suas responsabilidades, a pessoa idosa poderá melhorar sua saúde física e mental, o que contribuirá para que ela se afirme cada vez mais no dia-a-dia e no seu comportamento social; minimizar o isolamento, a solidão em que vivem muitos idosos, estimulando as relações com pessoas de sua geração e, também, com as de outras gerações; proporcionar conhecimentos práticos, específicos sobre, por exemplo, a passagem da vida ativa para a de aposentado, além de conhecimentos teóricos relativos ao processo de envelhecimento; ainda, atividades físicas, socioculturais e artísticas que possam interessar aos idosos. (p.5)

Desse modo, há que se pensar uma escola para adultos, jovens e velhos, onde os processos educativos possam acontecer respeitando as especificidades das distintas fases da vida. Por muito tempo, como já discutimos neste trabalho, a escola e os processos de ensinar e aprender foram tratados como se a aprendizagem acontecesse apenas em alguns momentos da vida, assim na fase adulta e na velhice não havia mais possibilidade de aprendizagens.

Essa idéia já foi superada e agora podemos pensar em uma nova escola, em uma nova educação, a educação ao longo da vida, que começa ao nascer e só se encerra com a morte. Assim, há a necessidade de uma escola para as pessoas em processo de envelhecimento. Para isso não é preciso separar as pessoas por idades, poderiam haver momentos de interação no qual cada um pudesse ensinar e aprender à sua maneira.

Vimos no capítulo 1 que o pensamento, o raciocínio, a atenção, a lembrança, etc. na perspectiva de Vygotsky são processos elaborados por meio da interação de uns com os outros e com o meio. Sendo assim, imagine só a interação que poderia haver entre as diferentes gerações, quantas aprendizagens sobre o passado e sobre o presente poderia acontecer?

Como seria essa escola, com uma educação ao longo da vida? Poderia ter salas especiais para cada idade, onde os pares interagissem em alguns momentos e aprendessem uns com os outros e salas especiais para encontros inter-geracionais. Não precisaria ser em um único prédio, de maneira que assim, um poderia ir até a outra e uma até o outro.

Encontrar-se para compartilhar aprendizagens, memórias. Poderiam velhos, jovens e crianças se sentar em círculo e compartilhar suas memórias e suas aprendizagens em um encontro do hoje com ontem, projetando um amanhã mais solidário, onde o respeito e a harmonia reinassem e onde os erros pudessem aparecer, na qual cada um pudesse expressar toda a sua humanidade, com os aspectos bons e ruins.

Nestes lugares, cada um poderia aprender com seus próprios erros e com os erros dos outros, ajudando-se mutuamente, a superar as dificuldades com os diferentes conhecimentos que possui.

Tudo isso pode parecer utópico, mas Paulo Freire costumava dizer que utopia é apenas um sonho que ainda não foi realizado. Sendo assim, aceitamos a idéia de que é utopia, conscientes de que é uma construção coletiva gradual que pode levar muitos e muitos anos, mas que é necessária e urgente !

Os dados apresentados neste trabalho mostraram a possibilidade do compartilhar memórias, e quanto isso pode ser rico, como as pessoas velhas podem ser a história viva do que aprendemos nos livros, e quanto aprendemos sobre nós mesmos enquanto seres humanos nesta interação. Pudemos perceber que na interação com essas

peças em processo de envelhecimento é possível aprender e ensinar muitas coisas que, apenas com os pares da mesma idade talvez nem pudéssemos imaginar.

Foi possível ainda perceber o quanto essas pessoas são capazes de aprender na interação de suas memórias com o momento novo, expressando-os verbalmente ou não verbalmente.

Diante dos dados e da realidade apresentados neste trabalho sobre o isolamento da pessoa velha, ficam algumas questões: vamos continuar perdendo a riqueza do conhecimento que se gera na interação entre gerações? Vamos ainda assim, deixar de fora dos processos de ensino e de aprendizagem a riqueza do compartilhar que pode existir entre o novo e o velho? Até quando vamos nos importar apenas com palavras quando há tanto a aprender também com os gestos, os movimentos, enfim, com as outras expressões não-verbais?

Essas questões ficam junto a necessidade de uma nova escola, de uma nova forma de educação que considere os velhos, os jovens, as crianças, os negros, os indígenas, as mulheres e todos mais que possam interagir, ensinando e aprendendo, rompendo pré conceitos e preconceitos, em um processo constante de humanização.

4.3 Educação musical e apreciação: tertúlia musical dialógica como espaço para compartilhar conhecimentos diversos

No âmbito da Educação Musical, os apontamentos deste trabalho contribuíram para ratificar a função importante que a música exerce na melhoria da qualidade de vida. Como pudemos observar nos relatos: a música muitas vezes leva para o céu, alegre, traz recordações que ajudam a viver, entre outros.

Além da melhoria na qualidade de vida, foi possível, no estabelecimento da relação entre memória e música, um olhar educativo para a apreciação musical, destacando o caráter expressivo e sensível e não apenas o aspecto estético. Copland (1974) nos chama a atenção para os componentes do processo de audição:

Todos nós ouvimos música de acordo com nossas aptidões variáveis. Mas, para utilidade da análise, o processo de audição pode se tornar mais claro se nós o decomusermos nas suas partes componentes. Sob um certo aspecto, todos nós ouvimos música em três planos distintos. À falta de terminologia mais exata

poderíamos chamá-los de (1) plano sensível, (2) plano expressivo, (3) plano puramente musical. (Copland, 1974, p. 22)

De acordo com este autor, a maneira mais simples de ouvirmos é entrega total ao prazer do som, o plano sensível no qual, para o autor não se pensa nem se tem consciência da audição. De que consciência o autor estaria falando? Será que quando estamos simplesmente ouvindo não seria possível estarmos pensando e tendo certa consciência da música?

Copland (1974) chama a atenção para o fato de que o plano sensível, na sua concepção, é apenas uma parte da história, há ainda o plano expressivo, um plano controvertido no qual a pessoa buscaria um sentido concreto na música, relacionando-a com acontecimentos da vida cotidiana, atitude que para o autor deveria inclusive ser desencorajada em qualquer circunstância.

Para Copland (1974), o terceiro plano, das notas e sua manipulação, é o mais importante e todas as pessoas devem atentar para ele, por isso ele escreve, pois:

O terceiro plano em que a música existe é o plano puramente musical (...) A maioria dos ouvintes não tem suficiente consciência desse terceiro plano. Uma das principais finalidades deste livro é atender a essa deficiência (Copland, 1974, p.26)

Seria mesmo uma deficiência? Em que sentido? Será que aprender música ou se relacionar com a música não seria um processo no qual a pessoa que aprende pode decidir a melhor maneira de estabelecer essa relação? Pudemos observar processos educativos musicais nos quais as mulheres participantes da pesquisa demonstraram interações musicais, verbalizando de alguma maneira suas impressões sobre a obra ouvida ou ainda se expressando de maneira não verbal e mostrando um relacionamento como o ritmo e a sensibilidade à música como um todo.

Assim, neste trabalho, pudemos apresentar uma forma diferente de apreciação musical, a qual busca a relação entre a música e a vida ao mesmo tempo em que a possibilidade de outros conhecimentos históricos teóricos e outros sobre música aconteçam.

Nesta proposta, a apreciação torna-se um momento de expressão de sentimentos e vivências que podem ser muito mais amplos que a análise de uma peça,

apenas considerando os elementos estéticos e históricos sobre ela. É claro que os dois aspectos são muito importantes para a educação musical, desde que um não se sobreponha ao outro, deixando-o de lado.

A Tertúlia Musical dialógica traz, então, grandes contribuições para pensarmos a educação musical, com a ampliação do conceito de clássico e a possibilidade de humanização das relações através da dialogicidade, com base nos princípios da aprendizagem dialógica, que proporciona uma apreciação em conjunto e o compartilhar experiências de vida e conhecimentos diversos ampliando as possibilidades da análise musical.

4.4 Processo de envelhecimento: uma reflexão social

Desde as civilizações mais antigas busca-se compreender a velhice e todas as modificações que acontecem com o avanço da idade; diferentes formas de ver e compreender a velhice surgem em diferentes contextos. (Freitas, 2002).

Atualmente está acontecendo o crescimento da população em processo de envelhecimento, fato que tem despertado o interesse de pesquisas que abordem a temática dessa população, inclusive no Brasil. Por isso, Freitas (2002) faz uma revisão de literatura na temática da gerontologia e da geriatria trazendo contribuições significativas para este trabalho.

De acordo com esta autora, o termo velhice surge na França, no século XIX para caracterizar pessoas que não podiam assegurar o seu futuro financeiro e idosos eram aqueles que viviam socialmente bem. No século XVIII, o termo velho era empregado para designar aqueles que dispunham de bom poder aquisitivo e era considerado um “bom cidadão”. No século XX surge o termo terceira idade para designar o envelhecimento ativo e independente como uma etapa entre a aposentadoria e a velhice. Mas, o que significa envelhecer?

Hadad (1986), em sua pesquisa sobre a ideologia da velhice na gerontologia e na geriatria, ciências que se propõem a estudar o envelhecimento em seus aspectos biológicos, sociais, psicológicos e econômicos, bem como suas patologias, respectivamente, não encontrou uma unanimidade sobre o que é ser velho, havendo posições que consideram que o envelhecimento começa com a fecundação e outras que consideram os 65 anos como o início do processo.

Esta autora nos alerta que precisamos atentar para o fato de que a ideologia da velhice seja um elemento fundamental à reprodução das relações capitalistas, ou seja, as idéias, os valores, os princípios e doutrinas sobre a etapa final da vida está sob as determinações do modo capitalista de produção, sendo mais um aspecto das relações opressoras, pois: “as sociedades capitalistas, transformando as pessoas em mercadorias, condenam o trabalhador à degradação durante toda a trajetória de sua vida” (Hadad, 1986, p. 16).

Assim, diante de tantas contradições sobre o processo de envelhecimento, temos na sociedade ocidental capitalista algumas maneiras de viver a velhice. Temos a velhice considerada ativa, inclusive com pessoas velhas responsáveis por domicílios. Baseando-se em dados de uma pesquisa feita pelo IBGE no ano 2000, descobrimos que, nessa época, o Brasil tinha 20% dos idosos, responsáveis por domicílios; sendo que 37,6% eram mulheres com idade aproximada de 69 anos e ainda, 17,9% eram de domicílios unipessoais, a maioria de mulheres.

Esses dados mostram uma parcela muito pequena da população em processo de envelhecimento que ainda está conduzindo a própria vida, e ainda muitas dessas pessoas vivem sozinhas, o que esses dados estarão demonstrando?

Podemos inferir que aproximadamente 80% das pessoas em processo de envelhecimento estão sob a responsabilidade das famílias ou dos abrigos para pessoas idosas e, assim, dependentes de outras pessoas para conduzirem a própria vida.

Neste momento, vamos nos deter ao que diz respeito à velhice em abrigos, tema deste trabalho. Para isso, vejamos um quadro que demonstra as visões das mulheres em processo de envelhecimento participantes desta pesquisa sobre a vida no abrigo:

Quadro 13: A vida no abrigo na visão das mulheres participantes da pesquisa

A gente fica assim à toa, todo dia à toa fica sem fazer nada, sem visita sem nada... (entrevista dona Branca)

A rotina daqui é muito triste né, então quando tem alguma coisa para alegrá-las eu acho que é bem melhor, porque a gente não tem esse tempo né, então, você vê que a gente não tem muito tempo com elas, então quando a gente vê que tem alguém que pode fazer isso com elas a gente fica é mais do que feliz né. (entrevista Diva – cuidadora)

E to aqui, mas eu to muito feliz graças a Deus, que sempre quando eu tava trabalhando, que eu gostava muito de trabalhar, no meu serviço eu gostava era de cozinha, sempre gostei, então eu sempre falava, o dia que eu não puder mais trabalhar, eu quero arrumar um lugar pra mim

morar, eu falava, não falava nem asilo, deixa eu ver, como é que eu falava, acho que é asilo mesmo, que eu quero arrumar um lugar pra mim morar, e que alguém cuida de mim, que eu não posso mais cuidar de mim, então alguém cuida de mim, olha hoje eu to aqui dentro, eu não tenho que pensar em nada, e ainda tenho uma alegria muito grande na minha vida, porque eu to aqui dentro, eu não dependo dos meus filhos, dependo dos meus filhos, só para ver eles, mas eu não dependo deles por um tostão, tudo que eu pedi pra Deus, Deus fez por mim. (entrevista dona Zizinha)

De acordo com Parecer 1301/03 (Estatuto do Idoso), em vigor partir do dia 23 de setembro de 2003, no **Art. 37**. “O idoso tem direito a moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada”. Assim, quando há uma necessidade de se ausentar do seio da família ou uma escolha pela pessoa em processo de envelhecimento existe a possibilidade de morar em um abrigo. Este é o caso destas mulheres, que nos relatam como vivem no abrigo. Diva descreve a rotina como triste e diz que ela e as outras cuidadoras não têm muito tempo para interagir com as mulheres moradoras por causa de suas obrigações profissionais dentro do abrigo. Dona Branca afirma que fica o dia todo sem fazer nada e quase nunca aparecem visitas, o que para Dona Zizinha, que escolheu estar no abrigo, é positivo, pois não precisa pensar mais em nada nem depender financeiramente dos filhos nem de seus cuidados, diz que desde sua juventude queria estar em um abrigo para não depender de ninguém, afirma ainda que para ela a presença da família é um desejo e uma alegria.

Esse quadro nos leva ainda a outra reflexão, pois já que a instituição é alternativa para as pessoas em processo de envelhecimento, esta pode ser uma alternativa positiva, se seguir o que preconiza o capítulo II do Estatuto do Idoso, sobre os requisitos da instituição de longa permanência para idosos, que entre outras coisas deve: “promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer”.

Assim, há que se considerar nas instituições de longa permanência para pessoas idosas que elas não estão ali para ficar à toa o dia todo, devem ser oferecidas atividades diversas. É neste ponto que encontramos outra questão importante. Será que essas instituições não querem cumprir este requisito do Estatuto? Será que elas não estão preocupadas com as pessoas de quem cuidam? Ou será que a sociedade em que vivemos é opressora até mesmo neste sentido?

No capítulo anterior, Diva, a cuidadora, diz à pesquisadora que espera continuar contando com o desenvolvimento da atividade no abrigo, porque será que ela diz isso?

Talvez porque as instituições não tenham dinheiro suficiente para pagar profissionais de todas as áreas ou não haja voluntários suficientes para cumprir esses requisitos. Talvez o voluntariado seja uma alternativa, desde que seja um voluntariado sério e comprometido no qual a pessoa que se voluntaria assuma um compromisso verdadeiro com as pessoas velhas institucionalizadas. Talvez a alternativa sejam verbas para contratar profissionais de outras áreas para garantir que as atividades possam ser desenvolvidas em abrigos garantindo um direito que, por lei, pertence às pessoas velhas abrigadas.

No entanto, nenhuma das alternativas, na nossa visão, é melhor que aquela que engloba um convívio inter-geracional em toda a sociedade, entre os velhos e as velhas institucionalizadas e as outras pessoas que estão fora da instituição. Deixar apenas para voluntários ou profissionais seria restringir o potencial que esta convivência pode gerar quanto a novas formas de se ver e viver a vida. O ideal seria que todos e todas pudessem compartilhar juntos e juntas, talvez na escola proposta no primeiro item deste capítulo, e também em outros espaços, os processos de ensinar e aprender que cada idade nos proporciona. O ideal seria o convívio inter-geracional em uma sociedade que aprende com a sabedoria contida nas memórias de velhos o que o passado tem a nos ensinar sobre o presente e o futuro e na qual os velhos podem aprender as coisas novas que surgiram no mundo em constantes transformações junto às gerações mais jovens em um compartilhar de conhecimentos e atitudes constantes, já que o ser humano é um ser de relações em permanente formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da descrição do processo de envelhecimento em sociedade capitalista, entendido como um processo que coloca a pessoa que envelhece em uma situação marginalizada, excluída da sociedade por não ser mais ativa no mercado de trabalho, ocorreu a busca por alternativas de humanização das relações no processo em que as pessoas velhas são tratadas como coisas sem serventia por não se enquadrarem no perfil capitalista de pessoa produtiva inserida no mercado de trabalho, principalmente quando inseridas em uma instituição de longa permanência. Nessa busca, tentamos responder a questão que nos inquietava: *De que maneira participar de uma tertúlia musical dialógica, revivenciar memórias e compartilhar processos educativos pode causar impacto na rotina de mulheres em processo de envelhecimento em um abrigo?*

Encontramos algumas alternativas de relações para modificar um pouco esse processo de marginalização pelo qual muitas pessoas vão passar, e até podemos estar entre elas. Encontramos na Tertúlia Musical Dialógica uma possibilidade de vivenciar processos educativos em uma fase da vida, a velhice, sobre a qual muitos autores famosos e muita gente comum acreditam que a aprendizagem já não é possível.

Na Tertúlia Musical Dialógica, realizada no abrigo, foi possível observar o outro lado da moeda, ou seja, pudemos ver as mulheres em processo de envelhecimento ensinando e aprendendo sobre a velhice e a juventude, sobre a solidariedade e o egoísmo, sobre momentos do passado que através de suas memórias muito têm a ver com os momentos vividos no presente e terão com o futuro, enfim, foram muitas aprendizagens e ensinamentos que vivemos nesta experiência tão cheia de dificuldades, obstáculos, aprendizagens, alegrias, danças, batuques, etc.

Assim, pudemos compreender melhor a interação não-verbal como forma de expressar relações com a música e relações entre as pessoas, quando se pode compartilhar de forma expressiva as impressões sobre as músicas ouvidas, trazendo ainda um novo sentido para a apreciação musical, no qual as aprendizagens e ensinamentos musicais não se relacionam apenas com notas, formas e teorias sobre escrita e história musicais.

A Tertúlia Musical dialógica causou um grande impacto na rotina das mulheres moradoras do abrigo, trazendo momentos de alegria, de compartilhamento de

memórias, de ações solidárias, de mudanças de atitude, de criação de sentido, de descobertas e redescobertas sobre a vida.

Foi possível ainda fazer apontamentos para se pensar uma nova educação e uma nova metodologia de ensino, no sistema educativo, das quais as pessoas em processo de envelhecimento possam fazer parte com tudo o que podem ensinar e aprender com toda sua experiência de vida que, quando compartilhada com outras experiências da atualidade, no convívio inter-geracional, amplia as possibilidades e visões sobre o conhecimento.

Além disso, foi possível apontar a urgente necessidade de repensar as instituições de atendimento permanente a pessoas em processo de envelhecimento, de modo a proporcionar um envelhecimento ativo para as pessoas que nelas permanecem quando necessitam de alguns cuidados por sua debilidade corporal e pelo afastamento que acontece do sistema produtivo.

É preciso que nós, pessoas integrantes desta sociedade, tenhamos um tempo para parar e repensar nossas relações com as instituições de permanência de pessoas velhas, não apenas com atos caridosos e visitas esporádicas, mas de modo que todos e todas possam conviver. E, ao oferecer uma atividade para essas pessoas, aprender com sua experiência de vida e compartilhar vivências que jamais aconteceriam apenas com pessoas da mesma idade.

Há que se pensar sobre o respeito às pessoas em processo de envelhecimento e fazer com que este seja uma verdade nos tempos em que os velhos estão sendo esquecidos, estão sendo “encostados” e desprezados. No Estatuto do Idoso, no capítulo 5, artigo 22, encontramos a legislação sobre uma necessidade educativa, pois “nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”.

Assim, temos a urgente necessidade de ações educativas que mostrem e valorizem as pessoas em processo de envelhecimento, reconhecendo sua importância na sociedade, pois através de suas memórias podem realizar uma tarefa que traz grandes contribuições para a sociedade em geral, ao mesmo tempo em que se tornam úteis à sociedade novamente, sendo nela reinscridas.

Além disso, é necessário repensar as relações sociais e educativas no que diz respeito à transformação das atitudes egoístas em atitudes solidárias e do fenômeno da perda de sentido em espaços de criação de sentido.

Os apontamentos feitos neste trabalho nos deixam duas reflexões urgentes e necessárias: a necessidade da transformação das relações com os velhos na sociedade capitalista e a possibilidade de novos caminhos educativos, musicais ou não-musicais, que tragam uma nova esperança no processo de transformação social fundamental para a melhoria na qualidade de vida de todas as pessoas.

Neste momento, passo a discorrer a respeito das dificuldades e aprendizagens vivenciadas durante esta investigação em todas as suas etapas até agora. Para isso, faz-se necessário saber que, como humanos, somos seres inconclusos, sempre aprendendo, inclusive quando temos de lidar com as dificuldades apresentadas pelo contexto em que estamos vivendo. Gente que erra e aprende que não está determinada, mas pode mudar, por isso vendo as dificuldades e os erros como caminhos para aprendizagens posteriores:

Gosto de ser gente porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser gente porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. (Freire, 2004,p.52)

Sendo gente e estando com outras gentes, durante essa investigação, foi possível aprender muitas coisas sobre a vida, sobre o processo de envelhecimento, sobre educação musical e relações com a música, sobre a memória e suas funções e sobre a tertúlia musical dialógica. Relacionando-me com todas essas questões errei, acertei, tive algumas dificuldades que se transformaram ou estão se transformando em aprendizagens e vivi processos educativos mais tranquilos, todos com a consciência e a vontade da mudança quando necessário.

Começo falando das disciplinas cursadas, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, que muito me ajudaram no desenvolvimento desta investigação, pois foi a partir delas que pude ter contato com

diferentes formas de pesquisar e fazer a opção pela pesquisa participante (disciplina Pesquisa em Educação), que pude delinear melhor os caminhos do projeto inicial e chegar ao tema investigado (disciplina Seminários de dissertação).

Foi possível, ainda, vivenciar momentos de pesquisa mediante a minha inserção feita em um baile para a terceira idade, que permitiu-me um contato maior com pessoas em processo de envelhecimento em outra perspectiva, mas que me deu uma base muito sólida para que eu pudesse atuar no abrigo com certa tranquilidade (disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos I).

Além disso, as discussões sobre a situação de opressão na América Latina e as propostas de libertação; sobre as formas de estar com as pessoas participantes na pesquisa; o contato com o referencial teórico, as professoras e o professor da linha de pesquisa que resultou na elaboração de um trabalho teórico enriqueceu sobremaneira o trabalho quase final que procuramos apresentar aqui (disciplina Práticas Sociais e Processos educativos II).

Simultaneamente, o contato com os autores que são referências em educação e metodologia de ensino, mesmo não fazendo parte do referencial teórico central desta investigação foi imprescindível para poder pensar e repensar este mesmo trabalho (disciplina Indivíduo, Conhecimento e Realidade). Por fim, a atuação feita como estágio na disciplina Prática de Ensino IV em Educação Musical, o estudo do referencial de educação musical e as contribuições do professor, da professora, dos alunos e das alunas desta disciplina me ajudaram a pensar procedimentos importantes na seleção do material clássico para a tertúlia musical dialógica (disciplina Programa de estágio supervisionado na capacitação docente (PESCD)).

Assim, com uma bagagem diversificada de aprendizagens, iniciei a coleta de dados que ocorreu a partir da convivência com as mulheres em processo de envelhecimento moradoras do abrigo na tertúlia musical dialógica. Nesse processo de construção do diálogo pude aprender, depois de algumas inquietações, que o diálogo não é apenas verbal, ele pode acontecer de outras formas já que as pessoas dizem coisas com seus gestos, seus olhares, seu corpo. Entretanto, não pensava assim desde o começo, foi uma das minhas dificuldades, pensar que a interação tinha que ser apenas verbal, porque algumas das participantes têm a fala comprometida.

E, como muitas delas têm a memória e linha de pensamento diferentes das que estamos acostumadas, tive que vencer meus próprios preconceitos quanto às diversas formas de aprender e ensinar. Como pedagoga e educadora musical, ainda muito centrada na visão tradicional, foi preciso romper com grande parte da visão desta educação escolarizada inerente ao meu ser.

Por mais que já estivesse em outros âmbitos e participasse de atividades que rompessem essa visão de que aprender é tarefa só da escola e os conteúdos aprendidos devem ser os formais, nunca isso aconteceu de uma forma tão evidente para mim como nesta investigação.

Então, na coleta e na análise dos dados aprendi que a relação com a música, expressa em movimentos também é uma aprendizagem musical e que não precisa necessariamente ensinar conteúdos de teoria musical escritos para que alguém possa aprender música. Certamente essa aprendizagem me fez crescer muito como educadora musical.

Na tertúlia musical dialógica, em outra cidade, longe das outras pessoas que fazem tertúlia e aprendizagem dialógica, senti falta de outro olhar, o da pessoa que faz papel do apoio na atividade e ajuda a pessoa moderadora a manter os princípios, em alguns momentos foi difícil tentar manter os princípios sozinha mesmo percebendo que estavam sendo desrespeitados.

Enquanto dona Zizinha falava houve algumas conversas paralelas, fiquei sem ação mesmo sabendo que estavam desrespeitando a colega, ouvi a fala dela, mas ninguém mais ouviu. Acho que foi uma falha minha como moderadora, mas na hora acabei ficando sem reação talvez por medo de dizer alguma coisa e elas não quiserem mais participar. (Diário de campo do dia 25 de maio)

Com a presença do apoio, a ação poderia ser outra e até mesmo poderíamos pensar juntos outras formas de agir como em outros momentos nos quais percebi o desrespeito e fiz a intervenção necessária:

Enquanto ela falava dona Zizinha começou a falar junto, eu interrompi as duas e pedi à dona Zizinha que esperasse Dona Rosa acabar de falar e que falasse em seguida, assim quando ela terminou D. começou a contar que essa valsa dava saudade (Diário de campo do dia 20 de junho)

Nesse caminho, ainda foi possível vivenciar dificuldades e aprendizagens no papel de pesquisadora, nas dificuldades que tive em falar da pesquisa para as mulheres participantes no primeiro dia, vencendo-a pouco a pouco nos outros encontros e compreendendo que essa teria que ser uma fala recorrente, porque algumas delas esqueciam, no momento seguinte o que eu havia dito. Tive de aprender a perseverar e acreditar que seria possível encontrar processos educativos e memórias e até mesmo aprendizagens entre essas mulheres, pois por mais que esse fosse o pressuposto do meu trabalho, por vezes cheguei a pensar que não daria certo pelos próprios preconceitos que tive que aprender a vencer de que em um contexto que parecia tão árido pudesse brotar alguma coisa.

Mas desistir seria contradizer o que defendo, então escolhi lutar contra meus próprios pensamentos e seguir adiante:

São muitas minhas inquietações, mas acho que não posso desistir de fazer a tertúlia e a pesquisa com essas pessoas afinal estou defendendo que todas as pessoas podem aprender e ensinar independente da idade e a tertúlia tem como princípio a inteligência cultural que diz que todas as pessoas são capazes de aprender, reportadas ao contexto em que estão inseridas. Desistir da tertúlia e da pesquisa neste espaço seria negar um dos princípios da aprendizagem dialógica, e dizer que essas pessoas não podem aprender nem ensinar. Porém sei que terei um grande trabalho para fazer, um desafio a vencer! (Diário de campo do dia 13 de abril)

Sim, passou pela minha cabeça que não daria certo, mas eu mesma me desmenti e aprendi que se vivem processos educativos sim, que essas mulheres também podem aprender e ensinar sobre música e sobre a vida. Vejam a análise dos resultados, muitas vezes nem conseguia perceber os resultados que sempre estiveram na minha frente durante a coleta.

Por isso, as reuniões com as pessoas do grupo de pesquisa no NEPEM e as conversas com a orientadora foram de fundamental importância para me ajudar na caminhada como pesquisadora, e até mesmo para recuperar a fé na minha própria pesquisa, processo que se completou com o debruçar sobre os livros, os dados e o estar horas e horas na frente do computador escrevendo esse trabalho que é um apontamento para o trabalho final.

Constatai também que não é possível desvincular a pesquisadora da pessoa integrante da sociedade, pois:

É totalmente impossível imaginar uma separação entre o sujeito da pesquisa (o cientista social) e seu objeto (a sociedade) se o sujeito é ele mesmo um ser social, se são as ações humanas que modelam e transformam a sociedade da qual o pesquisador é parte integrante, podendo inclusive sofrer as conseqüências do projeto social que propõe ou das transformações que sua ação pode provocar. (Brandão, 1988, p. 24)

Assim, neste processo, fui pesquisadora, educadora e moderadora da atividade sem deixar de ser gente. Por isso foi tão difícil construir o próprio conceito de clássico definido neste trabalho, afinal pianista formada em conservatório que sou, não poderia pensar de outra maneira como nos clássicos como sendo as músicas eruditas de determinadas épocas, o que delimitaria muito e colocaria limites muito grandes à esta investigação e à própria tertúlia musical dialógica.

Foi um processo de construção constante também na busca de uma metodologia que se inserisse no trabalho que vinha fazendo, e que ainda precisa se delinear melhor, como também é preciso analisar mais profundamente alguns dados, na aprendizagem que ainda estou tendo de pesquisadora-escritora.

Assim, todo esse processo está sendo uma luta, por mudanças sociais, que começam por mudanças internas, em mim mesma e no entorno que faz parte desta investigação, luta que não começou nem termina comigo, mas da qual faço parte e para o qual quero deixar alguma contribuição, já que:

Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós, ela segue adiante (Freire, 2001, p.40)

Vamos adiante então, com muito ainda o que aprender, ensinar, errar, acertar, viver como seres humanos em constante processo de aprendizagem.

Referências

ANGELIM, A.(2003) **O contributo da música para a educação emocional**. Trabalho de conclusão de curso de educação emocional, disponível no site: http://www.institutokoziner.com/pdf/aldenor_menezes.pdf, consultado em 23/01/2008.

AUSUBEL, D. P; NOVAK J. D.; HANESIAN H. (1980). **Psicologia Educacional**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interamericana.

BATEL, Thaís Helena.; BOGADO, Adriana Marcela. (2003) **Tertúlia literária dialógica: Superando o preconceito pela idade**.In Cdrom do I Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas (I CREPA). São Carlos.

BERTHERAT, T. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si**. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BOSI, Eclea (1994) **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1993) Sugestões para um jovem pesquisador. In: BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editora, p. 59-67.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CONFAPEA. **Mil y una tertúlias literarias y musicales dialógicas por todo el mundo**. Disponível em:< <http://www.neskes.net/confapea/tertulias/tlm.htm> >. Acesso em : 21 abr. 2006.

COPLAND, A. **Como ouvir e entender música**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Sumus, 1979.

DUSSEL, Enrique D. (s/d). *A pedagógica latino-americana* (a Antropológica II). In. **Para uma ética da libertação latino americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Loyola; Piracicaba:UNIMEP. p. 153-281.

Estatuto do idoso <http://www.senado.gov.br/web/relatorios/destaques/2003057rf.pdf>, consultado em 15/01/2008.

FLECHA, Ramón (1997) **Compartiendo palabras** - El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós.

FIORI, Ernani Maria (1986) *Conscientização e educação*. **Educação e realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1):3-10. Jan. jun.

- FREIRE, Paulo. (1979) **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1980) **Pedagogia do oprimido**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1992) **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A.
- _____ (2001) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP.
- _____ (2004) **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água.
- _____ (2005) **Pedagogia do oprimido** 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- FREITAS, Maria Célia; MARUYAMA, Sônia Ayako Tão; FERREIRA Terezinha de Freitas; MOTA Ana Maria de Almeida (2002) *Perspectivas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura*. **Rev. latino-am. enfermagem** v.10 n.2 Ribeirão Preto mar./abr. Disponível no site <http://www.eerp.usp.br/rlae/downloads.asp>, visitado em 31/07/2006.
- FONTEERRADA, Marisa Trench Oliveira (2005) *Educação musical: tecendo a linha do tempo*. **De tramas e fios**. Editora UNESP.p. 17 -106
- GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.
- GIROTTO, Vanessa Cristina *A leitura dos clássicos como prática social emancipadora no contexto atual*. **Tertúlia literária dialógica entre crianças e adolescentes: conversando sobre âmbitos da vida**. Dissertação (mestrado em educação) Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar, São Carlos, 2007.
- GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz et al. **Práticas Sociais, o que são?** Cópia. 2005.
- GONÇALVES FILHO, José Moura (1988). **Olhar e memória**. In NOVAES, Aduino (org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras. p. 95-124
- HABERMAS, Jürgen **Teoría de la acción comunicativa**, I Racionalidad de acción y racionalización social; II : Crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1987.
- HADAD, E. G. M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.B
- JOLY, I. Z. L. *Educação e Educação Musical: conhecimentos para compreender as crianças e suas relações com a música*. In: HENTSKE, L. e DELBEN, L.(org); **Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula**, São Paulo: Moderna, 2003.
- KATER, Carlos O que podemos esperar da Educação Musical em projetos de ação social. IN: **Revista da Associação Brasileira em Educação Musical**, n. 10, março 2004.

KOELLREUTTER, H. J. (1997a) O ensino de música num mundo modificado. IN: **Cadernos de Educação Musical**, Belo Horizonte: Atravez/EM UFMG/FEA/FAPEMIG, 1997a, páginas 37-44.

_____ (1997b) Por uma nova teoria da música, por um novo ensino de teoria musical IN: **Cadernos de Educação Musical**, Belo Horizonte: Atravez/EM UFMG/FEA/FAPEMIG, 1997b, páginas 45-52.

_____ (1997c) Educação e Cultura em um mundo aberto como contribuição para promover a paz IN: **Cadernos de Educação Musical**, Belo Horizonte: Atravez/EM UFMG/FEA/FAPEMIG, 1997c, páginas 60-68.

LAROSA BONDÍA, Jorge (2002) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: **Revista brasileira de educação**, nº19, p.20-28.

LUDKE, M.; ANDRÈ, M. *Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso*. IN: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDINA FERNANDEZ, O. *Modelo Escolar y psicología de las personas adultas*. IN: **Moswloa sw Educación de personas adultas**. Barcelona: El Roure, 1997

MELLO, Roseli R. **Aprender a ler e escrever: sonho e coragem de mulheres**. Texto apresentado no 14º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Husitec, 2006.

MOURA, Rui Manuel **A vida adulta: uma visão dinâmica** (1999)- disponível no site: <http://rmoura.tripod.com/vidaadult.htm>, visitado em 28/11/2006

NETROVSKI, Arthur (2000) *Por que ouvir os clássicos? Notas musicais: do barroco ao jazz*. São Paulo: Publifolha p.14/15

OLIVEIRA, Maria Waldenez; Stoz, Eduardo Navarro (2004). **Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico**. Anais da 27ª reunião da ANPES. GT Educação Popular. Em CD ROM.

PRIBERAM. **Dicionário On line**: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx, consultado em 10/01/2007

PONTAROLO, R. S. e OLIVEIRA, R. C. *O direito à educação prescrito no Estatuto do Idoso: uma breve discussão*. Disponível em http://www.alb.com.br/anais.16/sen.01pdf/sn01aa03_07.pdf. consultado em 25/07/2008.

SILVA, Lúcia Marta Giunta et al **Comunicação não verbal**: reflexões acerca da linguagem corporal. In Revista Latino-Americana de Enfermagem vol.8 no.4 Ribeirão Preto, Aug. 2000 disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-1692000000400008&script=sci_arttext&tlng=pt consultado em 10/01/2008

SILVA, et al **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. IN: Online Brazilian Journal of Nursing, Vol 5, No 2 (2006), disponível em <http://www.uff.br/ojs-2.1.1/index.php/nursing/article/view/382/88>, consultado em 26/08/2007.

SOARES, C. S. L. *Contribuições da teoria de Vygotsky para a alfabetização de adultos*. **Revista Ideação**, volume 7, número 7, 2005 disponível no site <http://200.201.8.27/index.php/ideação/article/view/829>, consultado em 24/07/2008.

SWANWIK, Keith (2003) **Ensinando música musicalmente** São Paulo: Moderna.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5ª ed., São Paulo: Ícone, 1994.

Apêndices

1. Modelo de autorização da realização da pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que o abrigo para mulheres idosas “Lar dos Velhos” em Ribeirão Preto atende às condições para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa denominado **MEMÓRIAS DE MULHERES IDOSAS QUE VIVEM EM UM ABRIGO E PARTICIPAM DE UMA TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA** tendo como pesquisadora responsável a Srta Sara Regina Moreira da Silva. Assim sendo, concordo e autorizo a execução da referida pesquisa.

Ribeirão Preto, _____ de fevereiro de 2008.

(coordenadora do abrigo)

2. Modelo de autorização para entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Autorização

Eu _____, portador (a) do documento _____ autorizo Sara Regina Moreira da Silva a utilizar as informações por mim prestadas através de uma entrevista em sua pesquisa intitulada: **MEMÓRIAS DE MULHERES IDOSAS QUE VIVEM EM UM ABRIGO E PARTICIPAM DE UMA TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA,**

Estou ciente de que terei acesso novamente aos dados analisados pela pesquisadora no que diz respeito às informações que prestei.

Local: _____

Data: _____

Ass: _____

Nome por extenso: _____

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

Termo de Compromisso

Eu, Sara Regina Moreira da Silva, na função de pesquisadora do projeto intitulado:
MEMÓRIAS DE MULHERES IDOSAS QUE VIVEM EM UM ABRIGO E PARTICIPAM DE UMA TERTÚLIA MUSICAL DIALÓGICA venho me comprometer a voltar para conversar sobre a análise dos dados coletados em entrevista com

Vale a pena ressaltar que a pesquisa à qual ela contribuiu *busca investigar quais são as memórias revivenciadas e os processos educativos vivenciados por pessoas idosas que participam de uma tertúlia musical dialógica*. Com os objetivos de possibilitar vivências musicais que propiciem a tarefa da memória a pessoas idosas e analisar sua importância e processos educativos a partir da escuta e do diálogo sobre clássicos musicais, discorrer a respeito das memórias relatadas e dos processos educativos observados, avaliando o impacto, os limites e as possibilidades da atividade no contexto de um abrigo para mulheres idosas.

Local: _____

Data: _____

Ass: _____

Sara Regina Moreira da Silva
(pesquisadora responsável)

3. Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista

Objetivo desta entrevista: saber que mudanças foram observadas pelas pessoas cuidadoras no dia-a-dia das senhoras participantes e como elas avaliam a realização da atividade no abrigo.

Questões a serem respondidas

- Qual seu nome, sua formação e há quanto tempo trabalha no abrigo?
- Você observou mudanças no comportamento das mulheres participantes da atividade? Quais? Se lembrar de algum caso específico, dar exemplos.
- Como você observa que a atividade interfere na rotina das mulheres participantes? – elas esperam pela atividade? No dia da atividade há alguma reação diferente que você observou?
- Você consegue perceber se elas gostam ou não gostam da atividade? Como? Se for possível dar exemplos...
- Em alguns momentos, eu percebi que você incentivava algumas mulheres a participar da atividade, por que você fazia isso?
- Você acha que a atividade deve continuar acontecendo no abrigo? Por que?
- Eu acredito que D. Lourdes Fernandes e D. Guiomar poderiam ser entrevistadas também sobre o significado da atividade, o que você acha?
- Gostaria de dizer algo mais ou perguntar alguma coisa?

4. Transcrição das entrevistas

Entrevista D. Branca:

Sara: Eu queria que a senhora dissesse seu nome, idade e há quanto tempo esta aqui no abrigo.

Branca: Meu nome é Branca Sanches Oliveira, tenho 72 anos, e to aqui há mais de 1 ano, mas eu não sei quando fez 1 ano. (Não faz mal né?)

Sara: Não faz mal. Eu queria que a senhora dissesse um pouquinho o que a senhora acha da atividade com música aqui né, de quando começou até hoje.

Branca: É uma distração pra nós né bem, porque gente velha aqui não tem muito ânimo, a gente fica assim á toa, todo dia á toa, fica sem fazer nada, sem visita sem nada, então a menina vem com uma música, a gente já alegre o coração né, acho que a música entra no coração da gente, as músicas antigas que a gente ouve.

Sara: E você gosta de ouvir essas músicas que eu trago?

Branca: Gosto, gosto das músicas antigas.

Sara: Porque?

Branca: Você não trouxe nenhuma do Carlos Galhardo.

Sara: Vou trazer.

Branca: É pode trazer, eu gosto demais das músicas antigas, não é só das novas não, as novas é para a mocidade, essas antigas é nós que temos bastante idade, é ótima, são ótimas.

Sara: Mas será que essas antigas não são ótimas também para a mocidade?

Branca: Ah, vai vê é que é né bem, porque é tudo bonita não fala de coisa errada né.

Sara: Isso é verdade..

Branca: Tudo que fala coisa certa pra mim é certo.

Sara: Enquanto a senhora escuta, a senhora lembra das coisas que aconteceram com a senhora, como que é?

Branca: Eu lembro, tem umas músicas que lembro sim.

Sara: A senhora pode citar alguma?

Branca: Ah, agora no momento eu não to lembrada das músicas, que tocou, eu gostava muito de Carlos Galhardo, eu não te pedi nenhuma do Carlos Gallhardo inda né? Eu gostava muito de Francisco Alves também, eu gostava de tudo quanto era música, gostava de ficar com o rádio ligado o dia inteirinho.

Sara: Então a senhora sempre gostou de ouvir música?

Branca: Sempre gostei de ouvir música,acho que a música alegra o coração né?

Sara: Com certeza.O que a senhora acha fazer assim,de ouvir as músicas,e depois ouvir também o que as outras senhoras dizem sobre a música,falar alguma coisa sobre a música também,o que a senhora acha disso?

Branca: É se a gente tiver oportunidade de a nossa cabeça lembrar eu falo né.

Sara: Mas a senhora gosta de ouvir também as histórias delas?

Branca: Gosto,gosto de ouvir as histórias também.

Sara: A senhora acha que é importante também ouvir as histórias da outras mulheres.

Branca: Importantíssimo.

Sara: Porque?

Branca: Ah,porque bem,olha música sertaneja de antigamente é tudo tirada de vida,de coisa que passou né,eu acho que é porque,agora não sei né,a gente vê.

Sara: E quanto as histórias das outras mulheres aqui do abrigo quando elas contam também,a senhora acha que é importante?

Branca: É importante saber,cada uma tem que saber a sua parte ,o que gosta,o que não gosta.

Sara: Porque é importante?

Branca: Ah,porque não é todo mundo que gosta de música né,não é todo mundo,eu sempre gostei de música,meu neto,meu genro,minha filha,todo mundo gosta de música.

Sara: Que bom!

Sara: Você acha que é importante recordar esses momentos enquanto a gente escuta uma música?

Branca: É importante,é importante sim,o coração da gente sente,fica dentro do coração...???

Sara: Sente o que?

Branca: Sente assim alegria né,só que dá um pouquinho de amargura porque a gente já ta muito velha,velha agora né,precisava ser mais nova pra dançar,pra brincar.

Sara: E o que pode ser feito então pra que assim,porque vocês não podem dançar como antes,mas tem coisas que vocês podem fazer,o que vocês podem fazer a partir da música então?

Branca: Ah, a gente fica alegre ali sentado ouvindo, fica dando alegria no coração da gente né, porque eu não danço mais por causa da minha perna, eu fiz uma cirurgia enorme na perna faz tempo, agora operei o seio você sabe né? então, no seio, eu até tô fazendo radioterapia, e eu tenho essa dor nas pernas que me deixa doida, então tem dia que eu nem, você viu que outro dia eu nem fui de tanta dor nas pernas que eu tenho, é isso aí.

Sara: O que você acha que podia mudar na atividade que a gente faz?

Branca: ah, mudar nada, porque é tudo músicas bonitas, antigas né, as músicas são todas bonitas, eu gosto de tudo quanto é música antiga eu gosto, não sou caipira e nem idiota não viu, mas eu gosto das músicas antigas, a letra delas é lindas, não? prestando atenção, são lindas.

Sara: E a senhora gosta de ouvir as músicas que não tem letra também?

Branca: Gosto, gosto também, lembro daquele tempo que eu era jovem.

Sara: Já trouxe valsa, chorinho, sertanejo, forró, qual que a senhora se identificou mais?

Branca: Eu gosto mais é valsa, eu tinha aquelas de Carlos Galhardo, ele era de muita valsa né Carlos Galhardo, Petrônio...”que mais?”...esses de valsa, eu gostava, gostava mesmo, eu ia lá e aumentava o rádio, quando tocava uma música que eu gostava eu aumentava, quando tocava música que eu não gostava eu ia lá e abaixava, e gostava de música sertaneja também, viu, não é só... porque tem umas sertanejas bonitas, cada uma bonita né.

Sara: E na tertúlia aqui quando toca alguma que a senhora não gosta, o que a senhora faz?

Branca: Gosto de tudo quanto é música.

Sara: Nunca trouxe uma música que a senhora não gostava, não queria ouvir?

Branca: Não, nunca, ouvi tudo, gosto de ouvir tudo.

Sara: A senhora acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui?

Branca: Deve, eu acho que deve.

Sara: Porque?

Branca: Ah, porque a gente precisa ter uma coisa, uma atividade p/ a gente, a gente tá tudo “morto” né bem, uns na cama né, caduca aqui já tá, eu também já tô caducando, você pensa que não tô?!... só a gente que vê né

Sara: O que a senhora achou do dia que eu trouxe aquelas pessoas para dançar e tal, o que a senhora sentiu?

Branca: Achei legal, e eu senti tristeza porque não podia participar, dançar, porque eu sempre gostei, minha perna eu não posso, eu caio se eu tentar dançar, eu caio. A D. Sinira caiu quebrou o braço, mas não foi de dançar não.

Sara: Mas a senhora acha que deve acontecer mais atividades como essas?

Branca: Bom,é bom,é ótimo.

Sara: Porque?

Branca: Porque a gente tem um minuto de alegria,um momento de alegria que a gente tem né.

Sara: Eu to fazendo esse trabalho porque eu acho que as pessoas idosas como você,tem muita coisa á oferecer,vocês trazem uma riqueza assim,de história de momentos da vida de vocês,e não como se acreditam por aí,de que as pessoas velhas não tem nada para oferecer,eu acho que vocês tem muito o que oferecer,então por isso que estou fazendo esse trabalho de resgatar as memórias,de vê como a música influencia nisso,então..

Branca: Isso é muito bom na vida da gente.

Sara: Então é mais isso né,de mostrar que vocês tem muito o que oferecer ainda.

Branca: Eu também acho viu.

Sara: Porque é bom para vocês esse momento?

Branca: Ah,porque recorda os tempos antigos,apesar que a gente fica triste que agora a gente ta velha.

Sara: Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar sobre a atividade que eu não perguntei??

Branca: Não,porque você é uma menina tão nova,e no meio dessas velhas,eu fico com dó de você, eu tenho medo que você canse.

Sara: Nossa,porque com dó?É tão legal.

Branca: Você acha?!

Sara: É que eu gosto de ouvir as histórias de vocês,experiência de vida,acho que é muito rico.

Branca: É eu gosto de falar muito de música caipira,eu gostava dessas coisas de sertanejo,caipira não,sertanejo né...gostava,meu marido bem..e de dançar,nossa,mas gostava, um dançador que é nossa...Quando ele morreu eu tinha uns 30 anos,acho que eu tinha uns 30 anos quando ele morreu eu não quis saber mais de casar,não quis saber mais de nada sabe,fiquei na minha,bobagem arruma homem né,tudo bobagem.Isso aí ta tudo gravado?

Sara: Ta,ta tudo gravado.Tem alguma coisa que a senhora quer que tira?

Branca: Não,não,pode deixar,é verdade mesmo,eu não quis casar mais,apareceu três casamentos pra mim,tudo parente que me conhecia,sabe,que sabia meu jeito,mas eu não quis casar não,marido é um só ,uma vez só,já tinha mais de 30 ano quando ele morreu,eu não quis saber mais de nada.,você acha que é ruim eu não ter casado outra vez?

Sara: Não,acho que isso é coisa de cada um.Bom,então a senhora não quer falar mais nada sobre a atividade?

Branca: Não,depois se quiser falar mais,aí se eu lembrar,eu falo,ta??!!

Sara:Ta...então,muito obrigada.

Entrevistada: D. Zizinha

Sara: Queria primeiro que a senhora dissesse o nome da senhora,idade,e quanto tempo está aqui.

Zizinha: Eu tenho...minha idade é...eu tenho 84 anos,eu sou de 1923..agora sabe o que eu esqueci?A data dos meus filhos,a data do dia que eles nasceu não,falo assim por exemplo,do ano,eu assim,esqueci.

Sara. E qual é o nome da senhora?

Zizinha: Maria de Zizinha Fernandes.

Sara: E quanto tempo a senhor esta aqui no abrigo?

Zizinha: Agora em novembro vai fazer 4 anos.

Sara: Já faz tempo né.

Zizinha: Graças a Deus.

Sara: O que a senhora acha das atividades com música que a gente faz aqui toda semana?

Zizinha: Como?

Sara: O que a senhora acha das atividades que a gente faz aqui com música toda semana?

Zizinha: Ah,eu gosto,eu gosto porque a gente se alegra,a gente alegra,essa aqui,essa música, que ce traz aqui, essas músicas de valsa,eu lembro muito de uma época,tenho até saudade.Nós morava numa casinha ,então o fiscal e a esposa era muito,a gente era muito amigo deles,então uma das minhas irmãs era empregada deles,então chegava á noite,nós chagava do serviço,e ia p/ a casa dele sabe,então chegava lá eles punha a música para tocar e a gente dançava,uma hora eu dançava com ele,ele dançava com a minha irmã,outra hora dançava com o fiscal,olha que graça,dançava com o fiscal,e a gente dançava,sempre era assim,a gente ia sempre lá,dava de noite,na hora que a gente chegava lá,então,quando ela ia sempre fazer as coisas,doce,alguma coisa,a gente tava sempre ajudando ela,então dá aquela saudade,aquela recordação,sabe,até quando nós mudamos para essa fazenda,tinha um menino que era apegado com a minha mãe,então chamava Toninho,então,o dia que nós foi embora,ele chorou muito por causa de nós,e eu e o fiscal ficamos muito aborrecido,porque nós foi embora e o menino chorou muito,por causa da minha mãe né,e era assim,aquela coisa gostosa que a gente passava que tem saudade né.

Sara: E quando a senhora escuta então as valsas,a senhora lembra?

Zizinha: Eu lembro,eu me lembro.

Sara: E a senhora acha importante recordar, lembrar esse momento?

Zizinha: Ah,eu acho sim,eu acho importante ,é como música,minha mãe também gostava muito de música,até quando minha mãe faleceu,eu era muito apegada com a minha mãe,quando minha mãe faleceu ,ela..um dia entrei na...,minha irmã morava até num salão grande perto,na frente da minha casa,ela vivia sempre do meu lado,porque o marido bebia muito,ela queria ta sempre perto de mim,aí então eu entrei na casa dela,tava tocando uma música sertaneja,aí eu peguei e já comecei chorar,ela é diferente de mim né,já morreu também,ela falou assim,mas agora você vai ficar a vida inteira chorando,para com isso.Mas eu levantei e fui embora,não falei mais nada,porque sempre fui assim,fui mole pra chorar,e agora minha filha,tao assim,tem hora que eu tenho uma vontade de chorar,e não choro,porque?

Sara: Não sei dizer.

Zizinha: Tenho vontade de chorar,mas não choro, porque um dia mandou uma palavra na igreja,não assim,falar diretamente pra mim,mas da minha parte eu entendi,Deus tinha mandado um recado que até essas suas lágrimas,vai secar,você não vai chorar mais,a minha parte eu peguei ,mas tinha mais gente também que chorava,mas a minha eu peguei,que Deus mandou falar que até minhas lágrimas Ele ia enxugar,não ia chorar mais,é gostoso né.

Sara: É verdade...e a senhora gosta de ouvir as músicas que eu trago?Eu já sei que os preferidos da senhora são os hinos,né,mas eu também trago valsa,chorinho,tem alguma que a senhora não gosta?

Zizinha: Eu gosto de qualquer música,agora o que eu gosto mesmo,é de assistir,como domingo eu fui na igreja,fiquei assim,cheia de felicidade,de ouvir aquelas músicas bonitas,aquelas coisas bonitas,aquela palavra de Deus,quero dizer assim,ensinamento sabe de Deus,eu sou muito apegada com isso,mas eu gosto de música sim,eu gosto,que quando eu sinto essas coisas,eu vejo essas músicas,ainda mais quando é música sertaneja,eu sinto saudade da minha irmã,da minha mãe,que elas gostavam muito,então é um problema né,mas graças a Deus,todas já foram,só eu que to aqui.

Sara: A senhora acha que tem alguma coisa que podia mudar nessa atividade que a gente faz aqui?

Zizinha: Não,ta muito bom,eu acho que,o que vocês traz para a gente,é uma coisa importante né,de quando a gente também se recorda das coisas que há muito tempo você já passou,então ajuda a gente viver,porque como eu,minha mãe já foi,minhas duas irmãs já foi,meu irmão mais velho do que eu já foi,só resta eu,tenho aquela lembrança dele né,aquela lembrança,então eu acho que ta bom.

Sara: Então a senhora acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui?

Zizinha: Eu acho que sim.

Sara: Por quê?

Zizinha: Ah, porque traz recordação pra gente né, e as recordação da gente é muito importante, porque a gente não deve se entregar né, a gente tem que sempre lembrar do passado e ser feliz né, eu to aqui dentro do Lar, mas eu to muito feliz graças a Deus, que sempre quando eu tava trabalhando, trabalhando, que eu gostava muito de trabalhar, no meu serviço eu gostava era de cozinha, sempre gostei, então eu sempre falava, o dia que eu não puder mais trabalhar, eu quero arrumar um lugar pra mim morar, eu falava, não falava nem asilo, deixa eu ver, como é que eu falava, acho que é asilo mesmo, que eu quero arrumar um lugar pra mim morar, e que alguém cuida de mim, que eu não posso mais cuidar de mim, então alguém cuida de mim, olha hoje eu to aqui dentro, eu não tenho que pensar em nada, e ainda tenho uma alegria muito grande na minha vida, porque eu to aqui dentro, eu não dependo dos meus filhos, dependo dos meus filhos, só para ver eles, mas eu não dependo deles por um tostão, tudo que eu pedi pra Deus, Deus fez por mim, Deus fez por mim e Ele fez, e ta cumprindo, graças a Deus, então, eu não dependo deles, eles vem me ver e tudo, mas eu não dependo de falar, não, ah, veio aqui, agora você tem que pagar a sua parte, você tem que ajudar, graças a Deus, não tem esse problema, Deus me fez tudo que eu pedi pra Ele na minha velhice, Deus cumpriu, não é gostoso?

Sara: Muito gostoso..... Bom, então, tem mais alguma coisa que a senhora quer falar sobre a atividade, o que a senhora acha, que eu não perguntei ainda?

Zizinha: Ah, eu tenho muitas coisas pra falar, mas é tão.... pra gente ,é muitas coisas boas assim da gente falar né, porque é bom você lembrar, é como meu filho fala pra mim, esse meu filho que ficou junto comigo até agora quando eu vim pra cá, eu fiquei com ele também né, antes ele casou e morou comigo, e depois inverteu, aí eu vendi tudo pra trabalhar e me aposentei e tudo, e voltei eu morar com ele, então foi muito bom criei os filhos dele, ajudei minha nora criar, quatro filhos, que é a minha felicidade, então é muito gostoso, então quando eu vim embora pra cá, eu chorei muito por causa deles, eu tava feliz de ficar aqui, porque foi uma coisa que pedi pra Deus, e Deus já preparou para mim na velhice, mas eu chorei muito, aí depois me conformei, graças a Deus, Deus me deu conforto, eu to bem né, sou bem tratada aqui, graças a Deus, aqui é maravilhoso, eu não tenho nada do que reclamar daqui, muito gostoso aqui.

Sara: Bom, eu faço esse trabalho porque, eu acho muito importante resgatar essas memórias, porque eu acho que vocês tem muito o que ensinar pra gente diferente dessa visão, de que, ah, envelheceu, fica lá encostado, não tem mais nada a oferecer, eu penso diferente, eu acho que vocês tem muito a oferecer, e que ouvir o que vocês tem pra dizer, é muito importante, a senhora acha que é importante pra senhora também?

Zizinha: O que a gente já passou, e vocês ainda não passou, e às vezes ainda vem pra vocês, então assim, a gente tem que sempre ter aquela força de vontade, eu lutei muito pela minha vida, lutei muito pela minha família, graças a Deus, lutei muito pela minha família, que eles já foram, eu eu to aqui, então eu falo para o meu filho, falo para o meu filho assim, morreram todo mundo, só sobrou eu, ele fala assim, a senhora é teimosa mãe, a senhora chega até na porta, e São Pedro manda a senhora voltar. Esse filho p/ mim, todos eu gosto, mas esse é o meu xodó, meu caçula. Agora mesmo, o dia que ele veio, fez pouco tempo que ele veio aqui agora, aí eu falei, ele me trouxe uma notícia muito boa sabe, a minha neta mandou uma carta pra mim, naquela hora eu não tive nem coisa assim pra atender eles direito, eu já comecei chorar, chorar, porque recebi uma carta da minha neta, a minha neta é mãe solteira, eu vivia pedindo á Deus, orei ainda por ela, pra ela encontrar um

casamento, encontrar um esposo né, e agora quando eles vieram, falou que ela casou, e casou muito bem.

Sara: Que bom...

Zizinha: Aí eu comecei chorar né, aí comecei chorar, eles queriam me levar embora, mas eu não vou não, porque a gente doente, é melhor ficar aqui, não é que eu to assim, o meu problema é só aqui na cabeça, mas eu to com a mente boa, graças a Deus, não tenho do que reclamar, mas é o problema, eu parei de saber da vida deles agora, eu tenho a minha aqui dentro também né, não preciso mais ficar chorando nada, Deus enxugou até minhas lágrimas, eu quero chorar, e não choro, e é gostoso né, ah, eu tenho muita fé em Deus viu, sempre fui assim, graças a Deus, por onde eu andei, todas as pessoas são bom pra mim, tudo são bom pra mim, fala que eu sou humilde, mas eu não sou humilde nada, Deus é que sabe, outro dia eu tava. mais aqui no fundo, aí a outra veio e falou assim, p/ aquela que toma conta do negócio da comida aqui, ela falou pra ela assim, falou para a moça que tava pegando lá, essa daqui é a santa daqui do fundo, não fala isso não, eu sou esperta, eu não sou santa, ah meu Deus, mas é gostoso, é muito bom, eu falo a verdade, eu to viva porque eu gosto muito desse mundo, gosto muito da bondade de Deus viu, porque olha, Deus é tão bom pra gente né, senão fosse Ele, por exemplo, eu não tava mais viva, eu já fui morta p/ o hospital, e to aqui viva, graças a Deus, é tão bom a vida da gente assim.

Sara: Bom, e sobre as músicas, a senhora, tem alguma coisa mais para falar?

Zizinha: ah, de música, o que eu tenho que falar mesmo, é a mesma coisa, eu gosto mesmo, é de hino de louvor.

Sara: Eu já sei..

Zizinha: Você já sabe...então eu gosto sabe, domingo mesmo eu fui na igreja, eu não sou dessa igreja, sou da congregação, eles vem buscar a gente aqui, e eu to indo sabe, aí agora eles levam a gente lá com tanto carinho com a gente, dizem que pede dinheiro, mas é mentira, eles pedem dinheiro sim lá, quem pode dar, quiser dar, pode dar, agora, eu queria dar para a mulher que leva nós, eu queria dar 20 reais p/ ela, mas ela não quis...aí eu fui, foi tão bonito, tanto louvor, tanta palavra bonita, a gente fica cheio do espírito santo, é tão gostoso viu, (risos). Eu gosto de falar assim, eu só tenho que falar dessas coisas

Sara: mas é a vida da senhora, (risos) é muito rico e ah, o dia que vieram aquelas pessoas dançar, a senhora lembra, que veio o casal de amigos meus, aqui, que a gente dançou, que a gente tocou, a senhora lembra?

Zizinha; seu noivo, seu namorado?

Sara: isso, que veio a família dele. Veio um casal dançar, a senhora lembra?

ZIZINHA lembro

S: que que a senhora achou desse dia?

ZIZINHA ah,eu gosto, eu ainda tava brincando, né, eu falo assim eu não danço né. Então eu falei assim, mas eu fico batendo palma, que nem pra ela (apontou pra D. Cinira) que gosta, tavam dançando , eu fico batendo palma, eu acho que é bom , eu fico alegre também, pq vc sabe que a gente ver as pessoas alegres, é muito bom pra gente, não é verdade, vc vê a pessoa feliz, é muito bom pra gente, não é , a gente fica feliz, oh , meu Deus, mais ainda

S: por isso eu fico muito feliz qd eu venho aqui, eu não quero parar de vim não (risos), a senhora acha que eu tenho que continuar vindo, que a atividade tem que continuar acontecendo?

ZIZINHA tem que vim

S: Pq?

ZIZINHA ah, pq alegre a gente, né, a gente lembra de outras coisas do passado, coisa boa, pq a gente tem que lembra coisa boa, o passado que a gente sofreu, que passou , isso aí não interessa pra gente. Que nem meu filho fala pra mim, fica ó, não fala nada do passado não, pq a gente tem que falar do presente, se a gente falar do que a gente sofreu , é sofrer duas vezes, sofreu aquela vez e vai sofrer agora, pq falou de novo. Então ele não gosta que a gente fala nada, né meu filho, ele é muito bom , meu filho, eu gosto muito dele

S: tem coisa do passado que é bom falar né

ZIZINHA é, tem coisa do passado que é bom, mas tb tem muitas coisas que é melhor.... Deixa eu falar uma coisa do passado... no fim das contas só vem Jesus na frente, aí qd meu filho faleceu,este filho tb era minha paixão, ai ele, qd foi um dia, ele ficou uma semana no hospital m de sábado até sexta feira, então , qd eu cheguei e que falaram que não ia escapar, eu chorei tanto, que não tinha mais pra chorar, aí qd foi na sexta feira... na quinta eu fui lá e já me acalmei, aí na sexta feira, eu fui pra lá e passei o dia lá, api qd foi seis horas da tarde, ele faleceu. Mas eu pedi tanto pra Deus me dar força, que eu não queria aquele escândalo de gritar, de chorar , de reclamar, eu não queria fazer isso, porque a gente tem que ser forte, ter fé em Deus. Aí quando chegou.... a hora que ele faleceu, todo mundo chorava em volta de mim, então um cunhado dele, que é casado com uma irmã da minha nora, esse ajoelhou, assim, perto de mim no chão, mas chorou tanto tanto, e eu não chorei uma gota de lágrima era eu que tava no mundo. Aí qd foi.... eu falei só tem uma coisa: vcs não me tiram de perto dele essa noite toda, passei a noite inteirinha ali perto dele, no outro dia, o enterro foi as dez horas, ai eu falei pro meu filho: “podia demorar mais”, aí meu filho falou: “ah, mãe, ele ficou em coma a semana toda”. Aí , tudo bem. Aí me levaram pro pronto socorro, pra ver como eu tava, minha pressão tava alta, me puseram até deitada na cama, aí eu falei: “não quero deitar, porque o enterro do meu filho vai ser as dez horas, eu quero ir”, mas aí o médico falou: “ a senhora vai se a senhora melhorar”. Olha, vê que eu não tava bem né , minha pressão tava alta. Ai ele pegou, eu deitei na cama um pouquinho, levei um susto e foi cochilando que tomei a injeção, api qd acordei, dei um pulo e minha filha: “que foi mãe?” , eu falei nossa, já tava começando a dormir. A enfermeira veio lá, mediu e já me liberou, ela falou: “nesse caso, a senhora vai, depois volta aqui depois do velório”. Ai fui, cheguei lá, despedi do meu filho, puis a mão no peito dele e beijei no rosto dele, e meus filhos, um de cá outro de lá, me segurando , né, com medo. Não aconteceu nada, aí saí fui lá pro carro, assim, sentei lá e fiquei esperando o movimento acabar. Aí qd saiu a gente veio, acompanhou o enterro, vi descer meu filho na sepultura, mas só Deus é que me fez, sabe, aquela força poderosa, porque

eu não queria gritar, chorar e lastimar minha vida. Eu queria tar firme, e Deus me deu aquela firmeza no coração, não chorei, não aconteceu nada. Ai qd cheguei em casa que fui... aí tava sozinha, ninguém... porque eu falo, a gente tem que ter muita fé me Deus

S: com certeza

ZIZINHA então , graças a Deus, hoje eu to conformada, minha nora ta muito bem. Os filhos já casaram todos. Essa é a felicidade minha né. E eu to aqui, (risos)

S: Dona Zizinha, muito obrigada

ZIZINHA gostou/

S: gostei muito

(...)

ZIZINHA vc já pensou na vida da gente, na idade que eu estou, o que que eu já não passei. Mas feliz da vida, sempre lutando, ajudando a minha família. Tem tanta gente na minha família que estão bem, eu ajudei eles. Eu não tenho uma casa pra morar, mas to cheia de felicidade, porque eu tenho esse lar e tenho meu pão de cada dia e não dependo de ninguém, dependo de Deus, então é a felicidade da gente, não é. Agora ver os outros felizes lá, porque também ajudei eles, eles também sabem que eu ajudei, (...) Tem um neto que vem aqui me ver (...) eu falo pra ele: “ah, vem sempre me ver, pois eu vendo vc, eu vejo a família toda, porque ele é a cara do meu filho.

Desliga o gravador.

Diana – cuidadora

Sara:Eu queria saber o seu nome e sua formação?

Diana:Ah, eu tenho um pouco de vergonha do meu nome, mas é Jerônima Diana....

Sara: E qual é exatamente a sua função aqui no abrigo?

Diana:E eu to como substituta assim, como que é, ta mais ligada a coordenadora né. Que a Célia faz a parte da manhã e eu faço a parte da tarde. Na enfermagem, nos cuidados gerais, a gente faz de tudo um pouco né. Você já viu, até na cozinha eu fico, a gente faz de tudo um pouco.

Sara: Você observou algum tipo de mudança no comportamento das mulheres participantes da atividade?

Diana:Ah, em algumas, não todas, porque não é todas que tem aquele interesse, mas tem outras que tem interesse né de querer tal música, reviver alguma coisa e , por exemplo Dona Cinira, você vê que ela revive né., Sebastiana, eu acho que algumas revive o passado delas.

Sara: Como você acha que a atividade interfere na rotina dessas mulheres?

Diana: Como assim?

Sara: É... se elas esperam pela atividade, se você observa alguma reação diferente nelas no dia que tem a atividade, sei lá, elas ficam mais calmas, mais agitadas... se você vê se tem alguma interferência no dia que eu venho na rotina delas habitual.

Diana: Antes de você vir, não, porque o que acontece com elas é tudo normal né... Mas depois que você sai você vê que elas sentem um pouco de paz, elas ficam mais tranquilas, entendeu. Mas elas não têm aquela noção de saber o dia que você vêm, ficar esperando, isso aí elas não têm não.

Sara: Você consegue perceber se elas gostam ou não da atividade?

Diana: Eu acho que gostam.

Sara: Que exemplo você podia dar assim pra mostrar que elas gostam?

Diana: Ah, porque elas ficam te pedindo tal música, então eu acho que isso pra elas é importante pra elas eu acho querer ouvir tal música, porque elas lembram de alguma coisa, porque elas devem querer rever até algumas coisas que elas viveram, acho que isso pra elas é importante.

Sara: Em alguns momentos eu percebi que você incentivava elas a participarem, porque que você fazia isso?

Diana: Ah, porque eu gosto de ver elas alegre, então eu incentivo.

Sara: Você acha que a atividade deixava elas mais alegres?

Diana: É, porque a rotina daqui é muito triste né, então quando tem alguma coisa pra alegrá-las eu acho que é bem melhor, porque a gente não tem esse tempo né, então, você vê que a gente não tem muito tempo com elas, então quando a gente vê que tem alguém que pode fazer isso com elas a gente fica é mais do que feliz né.

Sara: Você acha que a atividade deve continuar acontecendo aqui no abrigo?

Diana: Eu gostaria muito.

Sara: Por que?

Diana: Justamente por isso, porque, pra elas ter alguma coisa a esperar né, pelo menos uma vez por semana, elas sabem que vai ter alguma coisa. Porque essa esperança delas de nunca ter nada, nunca aparecer nada, não aparece um parente, não tem nada, então ela fica muito vaga né, não tem nada pra fazer.

(silêncio)

Sara: É... eu acredito que a dona Zizinha, que divide o quarto com a Cinira, e a dona Branca, elas também podiam ser entrevistadas porque eu achei que elas são um pouco mais lúcidas, lembram mais da atividade, perguntando neste sentido de como foi importante pra elas, o que que você acha, eu poderia mesmo?

Diana: A dona Zizinha sim, mas a dona Cinira eu tenho quase certeza que ela não vai te responder coisa com coisa.

Sara: E a dona Branca?

Diana: A dona Branca, ela tem a cabeça boa, ela é assim, ansiosa, né, mas ela vai te responder sim.

Sara: Tem alguma coisa mais que você gostaria de dizer que eu não perguntei, sobre a atividade, sobre o que você tem observado?

Diana: Não, não tenho mais nada pra te dizer, só quero que você volte sempre .

(risos)

Diana: porque pra elas é muito bom, essa vida aqui que elas levam é muito triste.

Sara: Volto sim, com certeza

(risos)